

Tamp. Marble,
P-B

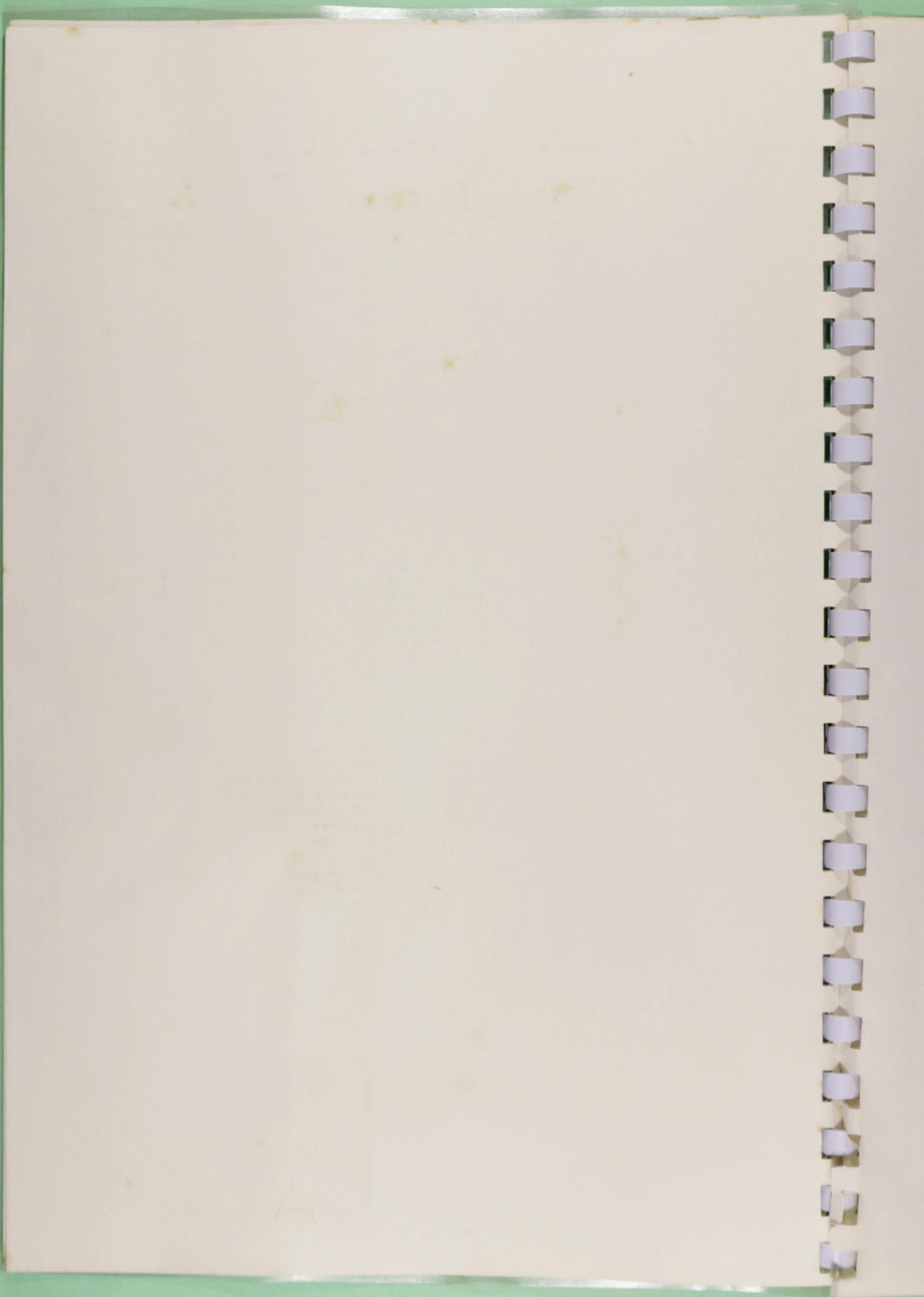
ALEXANDRE

LEVY

CRÍTICA

DE

MÚSICA



ARTES

Desta vez não se trata de deliberar algo sobre a opera *Lo Schiavo* do nosso maestro C. Gomes, nem mesmo da projectada estação lyrica para esta capital, cousas estas muito melindrosas e mesmo escabrosas para uma época tão anti-musical, como a que ora atravessamos.

Ora, isto da companhias lyricas, geixemol-as para as capitaes artistidas onde o gosto esteja menos materializado do que entre nós, onde um *Quem comeu do Boi* ou uma *Stella Confidente* nos deleita e nos commove até a raiz dos cabellos, fazendo-nos divagar sobre cousas futuras ou sobre a decadencia da arto neste noaso grande paiz.

Que querem mais ?

Não possuímos nós duas companhias de cavallinhos actualmente ? E o *sylphorama* do theatrinho do Congresso ?

Estava quasi blasphemando contra tudo que é lyrico, concerto, musica, e sobre tudo canto, si não devesse agora occupar-me de uma paulista illustre, que actualmente em Milão nos honra sobremodos pela qual todo aquelle que tem um coração patriota, não pode deixar de ufanar-se ante a manifestação honrosa que lhe coube por occasião dos premios outorgados aos alumnos do Conservatorio de Milão, no anno escolastico findo em Julho de 1889.

Mlle. Clotilde Maragliano, aquella sympathica jovem tantas vezes festejada e applaudida nos nossos concertos; aquella vocação artistica que todos nós conhecemos e da qual conservamos as mais gratas recordações, acaba de receber do Conservatorio de musica de Milão a recompensa de seus estudos musicaes relativos ao anno findo em Julho passado, consistindo esse prêmio na MEDALHA DE PRATA (1º premio), o maior premio que dispensa a seus alumnos o Conservatorio de Milão.

Ora, para nós, esse facto vem nos provar claramente o nosso atrazo em musica, ponda mais uma vez em evidencia o que ha muito provado está, pela triste falta de um bom Conservatorio musical, e pela falta ainda mais triste do não trabalharmos desde já para a creação de uma *Opera nacional*, como ha tempos existiu no Rio de Janeiro e onde foram levadas pela primeira vez, as operas *Noite do Castello*, e *Japana de Flandres* de Carlos Gomes e a *Loico*, de Elias A. Lobo, educando o povo pouco a pouco e livrando-o do jugo da ignorancia em que tem permanecido até aqui, relativamente ás artes em geral e particularmente á arte musical.

O facto de ser essa nossa comprovinciana premiada pelo Conservatorio de Milão, assim como a M^{lle}. Maria Monteiro tambem 1º premio, e esplendida voz de contralto, bem conhecida entre nós, deve por força estimular de algum modo as nossas cantoras paulistas. Entre nós possuímos bellissimas vozes, e, mais possuíamos si o nosso gosto musical contasse no publico com um grande numero de *dilletantis*, o que infelizmente

não acontece, para que então essa tendencia musical tão expontanea, nos nossos comprovincianos, se desinvolvesse e tomasse um verdadeiro trilhio scientifico, e não de ueroo passatempo, como acontece geralmente nos paizes onde o gosto pelas artes está mais ou menos em pezo equivalente ao nosso na balança musical.

Sobre o triumpho alcançado por Mlle. Clotilde Maragliano, lêmos no jornal *La Perseveranza*, jornal critterioso e severo em materia musical, o que se segue :

«A signora Romanó, que terminou este anno a sua educação artistica, teve ao finalizar a *Poloneza de Vienanski* uma verdadeira ovação equal a qual teve tambem a signorina Maragliano Clotilde, uma das mais bellas, poderosas e perfectas vozes que em tempos para cá tem apparecido no Conservatorio.»

«A signorina Maragliano tem o futuro por si, tanto mais que, aos esplendidos dotes de que lhe foi prodiga a natureza, reúne uma intuição artistica das mais nclaveis.»

O *Pungolo* de Milão diz o seguinte :

«A Signorina Clotilde Maragliano, (discipula de Giovanini) excedeu-se com voz robusta, sympathica e modulada na aria das Joias da opera *Fausto*, a ponto de causar inveja a artistas já habituadas á scena.»

A *Gazzetta Musicale* de Milão dirigida por Giulio Ricard e de cujo credito ninguem pode duvidar, diz :

«Esteve esplendida a signorina Clotilde Maragliano, cantando e enfeitando a aria das Joias da opera *Fausto*.»

E para finalizar, temos em nossas mãos uma carta de um nosso comprovinciano, pessoa competente, que estando em Milão e tendo tido o prazer de ouvi-la, escreveu ao autor destas linhas o seguinte :

«Ouvi Mlle. Clotilde cantar a aria das Joias do *Fausto*. Tem ella feito muitos progressos; canta com facilidade e expressão; possui *graves* fortes, e trina com grande facilidade; palavra que a continuar assim, Clotilde chegará a ser notabilida no mundo artistico.»

Já veem os nossos leitores que o triumpho foi completo.

Para finalizar; Mlle. Maragliano possui voz theatral, sabe cantar, tem timbre agradável e estylo, podendo nos garantir ser, mais dia menos dia, uma futura gloria nacional que fulgurará, mais cedo ou mais tarde, entre as estrellas mais rutilantes dos palcos europeos.

Finalizando esta pallida rezenha, não faço mais do que esperar a occasião em que possamos applaudir a distincta artista nos theatros de sua patria.

A. LEVY.

Pr. 22-8-89

4

Provincia de Paulo

14.5.1889

«MOEMA»

E' este o titulo de uma obra que merece em geral a attenção de todo aquelle que se interessa pela boa musica e em particular de todo aquelle que, com verdadeira alma artistica e religiosa devoção, consagra a mór parte do seu tempo a estudar e analysar as obras da moderna geração musical, hoje revolucionada de maneira a *labyrinthar* o mais audaz wagneriano e o mais temivel propugnador da musica metaphysica.

Como todos nós sabemos, creio não enganar-me asseverando que a musica hoje, embora cultivada por um sem numero de adeptos superficiaes, é, sem duvida alguma, a arte menos estudada, a mais escabrosa e a mais ingrata para aquelles que querem affrontá-la, não tendo conhecimentos bastante profundos e talentos excepcionalmente musical.

Não sei si por essa razão, ou porque o gosto popular entre nós esteja tão depravado, é que vemos os nossos compatriotas muitas vezes modificarem o seu estylo, sacrificando sua inspiração para adaptarem-n'a ao genero *rococó* dos tangos e polkas, visto ser este o genero de musica que mais lhes renda e que mais gloria lhes dê.

Por isso mesmo, ou porque realmente não tenham capacidade e talento para impôr-se ao nosso meio, é que vemos compositores, que tendo estudado em paiz estrangeiro e mesmo tendo feito representar obras no velho mundo, aqui chegarem e não produzirem sinão musica de pouca ou nenhuma importancia, entregando-se ao genero que mais agrada aquella categoria de amadores, que da musica só sentem o rythmo quando, enlaçados com uma joven donzella, esvaem-se delirantemente nos deliciosos devaneios de uma polka mais ou menos *catita e bulicosa*.

Pois bem; desta vez não se trata de um destes compositores que já galgaram os degraus do capitolio, nem mesmo desses requintados compositores de polkas, mas sim de um jo-

ven modestissimo, a quem a natureza dotou desses requisitos que nem a todo ó musico é prodiga em favorecer.

Sem outros recursos, a não ser o seu talento natural, seu tino o inspiração, escreveu o nosso amigo dr. Assis Pacheco Netto uma opera em um acto, intitulada *Moema*.

Nada de ordinario e de banal nesse rapaz: fino sempre, idéas elevadas, original em suas harmonisações, onde nota-se certa predilecção pelo genero *Massenet*, por quem tem o nosso amigo verdadeira sympathia. Em synthese:—uma organização musical de primeira ordem.

Tivemos a satisfação de ouvir essa obra inedita, de principio a fim, e sempre com crescente entusiasmo, tendo em vista os poucos ou nenhuns conhecimentos musicaes de seu autor, que revelou-se com essa composição um compositor original *ex-abrupto*.

Não será uma obra perfeita e isenta de defeitos; porém, quando factos identicos a estes nos apparecem, em partituras de homens já laureados pelo mundo civilisado, é o case de apertarmos sinceramente a mão do nosso comprovinciano e de todo o coração animá-lo para que prosiga na senda que, com tanta felicidade, enveredou.

Passando a analysar a partitura, destacaremos o primeiro duetto entre *Moema* e Paulo, de uma inspiração suavissima e de uma fórmula muito correcta.

E' a peça capital da partitura e de onde tambem foi tirado o *leit motif* que predomina em toda a opera. Temos tambem o duetto entre *Capyr* e *Japyr* (*baixo e barytono*) de muito effeito dramatico; o duetto final entre *soprano e tenor*, os *recitativos* e varias *scenas* tratadas como si fossem, não de um mero e despretensioso amator, mas sim de um verdadeiro artista já instruido em materia de musica theatral.

Já dissemos que a opera não é isenta de defeitos e por isso nota-se certa languidez e mesmo monotonia no decorrer de toda ella; porém são do-

feitos estes que desapparecerão com a leitura aprofundada dos nossos bons mestres classicos e da boa musica moderna.

Um bravo, pois, e de coração ao joven compositor que, com uma pertinacia invejavel, conseguiu o que muitos, com estudos aprofundados e com feroz obstinação, de leve o conseguera, quando, com aferro, abandonam as necessidades mais urgentes para o seu bem-estar e entregam-se corpo e alma a esse abysmo profundo, a essa cratera insaciavel, a esse arido estudo musical, tão ingrato e tão pouco recompensado pelos esfomeados e amanteigados adoradores da arte funambulesca, sordida e tão abundantemente representada neste gigantesco paiz, desgraçadamente liliputiano em tudo que é arte.

Prophetisamos, pois, ao autor da *Moema* os maiores triumphos quando fór ella, pela companhia *Musella*, cantada este anno na Côte.

D. de Not. 14-5-89 L. a.

5

5

n
p
r
p
t
a
d
e

D
t
p
t
c
s
s

r
d

e

p
b
d
s
n
n
p
j
p

c
q
q
e
o

PALCOS E SALÕES

EXEQUIAS DE D. LUIZ



Uma triste noticia :

A população de S. Paulo, que não assistiu ás exequias do Rei D. Luiz, realizadas na igreja do Carmo no dia 7 do corrente, com toda a pompa e com missa cantada, deve estar hoje bem arrependida por não ter ido até lá, ao menos para ouvir a parte musical, que constava de uma missa do maestro Santucci orchestrada pelo maestro Gianini, sendo regida, tanto a missa á *grande orchestra* como as *massas coraes e solos* pelo sr. Cardim, professor este bastante conhecido entre nós.

Pois, meus senhores :

Esta missa foi, segundo refere o *Diario de Noticias* de 7 do corrente, d'esta capital, uma revelação para o publico paulista, pelo modo por que foi executada, sendo o *ensemble* da orchestra e coros *magistral*, os *solos-sublimes* e o sr. Cardim, com voz de baixo, cantou o solo *Dies irae-inexcedivelmente* !

Já estamos ouvindo os nossos leitores exclamarem um tanto arrependidos :

—Como diabo fomos nós perder uma execução d'estas ? !

E' o caso de darmos parabens á capital por possuir mais uma voz de baixo, que bem poderia ter substituído o sr. Serbolini da Companhia Musella, que jámais cantou *inexcedivelmente*, tendo apenas conseguido uns magros e discretos elogios, apesar de possuir realmente boa voz e de ser justamente considerado como *baixo* por toda a parte onde tem cantado.

A' vista da tal noticia do *Diario*, ficamos de hoje em diante prevenidos—que o sr. Cardim tem voz de *baixo*, que canta *inexcedivelmente* e poderá, em caso de força maior, substituir um ou outro cantor de opera lyrica.

Ficamos tambem scientes de que em S. Paulo existe uma orchestra que executa trechos *magistral* e *explendidamente*, quando é dirigida pelo sr. João Pedro Gomes Cardim, cousa esta que não acontece quando essa mesma orchestra está debaixo da direcção de alguns dos nossos bons professores da capital, e que já têm dado provas cabaes de sua capacidade para dirigirem uma orchestra, produzindo effeitos muito superiores ao do *Hymno de D. Luiz*, tocado *sem surdina com a imitação de canhões salvando ao longe*—como disse a illustre folha vespertina.

Sabemos mais que o illustre *maestro* Cardim *sahiu-se de uma maneira brilhante da melindrosa tarefa de que foi incumbido, tanto mais difficil quando é certo que o nosso meio musical inda não faculta todos os elementos requisitados pelas execuções de grande vulto.*

Estas palavras, que são do *Diario de Noticias*, não nos mostram mais do que um descabido amor patriotico e uma facilidade innocente em elogiar só por elogiar.

E' cousa por demais sabida que a Europa é a parte do globo que maior numero de notabilidades possui, e isto é sem duvida alguma devido ao criterio e severidade com que se fazem alli as criticas.

E' cousa tambem muito sabida que, —quanto mais elogiado é o artista, menos elle estuda e mais presumido fica, vindo a ser essa a razão porque nós por cá nunca possuiremos um musico notavel, um verdadeiro artista, e um bom compositor—tudo pelo simples facto da facilidade com que a imprensa na sua maioria, prodigalisa encomios exagerados ao primeiro chegado.

Os nossos leitores devem estar lembrados que a Companhia Lyrica Musella possuia uma *grande orchestra*, um numeroso grupo de *coristas* de ambos os sexos, e um *conjuncto de cantores solistas* muito e muito regular.

Pois bem, os nossos leitores tambem devem estar lembrados que os cantores, coristas e orchestra da Companhia Musella, nunca mereceram senão um *regular* e raras vezes um *bom*.

Nas exequias de D. Luiz o caso muda de figura; a orchestra esteve *explendida, magistral*, os solos *sublimes*, e o sr. Cardim cantou *inexcedivelmente* !

E' abusar muito da bondade do nosso bom povo paulista.

Para não faltarmos a verdade, podemos afirmar que o sr. Cardim sahio-se bem da sua ardua tarefa, (si ardua é), fazendo executar *soffrivelmente*, a vista dos elementos que possuímos, a missa do sr. Santuci com orchestração do sr. Gianini, já não sendo muito correcto executar uma

obra com orquestração que não seja do proprio autor.

Diremos tambem,—sempre para não faltarmos á verdade—que a missa não foi a *grande orchestra*, mas sim a *pequena orchestra*.

Diremos tambem—para não faltarmos ainda á verdade, que o *ensemble* não foi *magistral e nem sorprendente*; que os *sólos* não foram *sublimes* mas sim discretos, sendo cantados por distinctas amadoras da nossa capital.

Para concluirmos com a maior das verdades, diremos que o sr. Cardim não cantou *inexcedivelmente*, visto poder o sr. João Pedro Gomes Cardim ser tudo; ser um bom professor, um bom musico, porém, nunca um bom cantor e ainda menos *cantor inexcedível*.

Estamos convencidos de que estas nossas linhas serão acolhidas com benevolencia por todos aquelles que presam e amam a arte, e que a querem vêr collocada num alto pedestal, nesta nossa patria.

Estamos tambem certos de que, si a critica jornalística fôr mais severa de hoje em diante do que tem sido, nós poderemos mais dia, menos dia applaudir o talento latente de muitos musicos nacionaes. E' facto provado que todo o brasileiro tem propensão natural para as artes e, sobre tudo para a musical, fazendo-se portanto mister que o aconselhemos, nas occasiões necessarias, e não nos deixemos levar por um estulto entusiasmo que vem quasi sempre, como no caso ver-tente, destruir os bons e aproveitaveis elementos que ha nos nossos jovens artistas, tirando-os do terreno da presumpção, e não aniquilando-os com descabidos elogios.

O nosso fim é na imprensa—com batendo as inverdades e informando o publico do que se passa e não do que *querem que se publique*.

Por hoje basta.

Conião 1-12-89 Figarote.

PALCOS E SALÕES

Companhia Lyrica

Em terceira recita de assignatura, tivemos ante-hontem pela companhia Musella a primeira exhibição do *Otello* de Verdi, desse drama lyrico tão novo e já tão celebre pelo exito que alcançou quando, em Fevereiro de 1887, foi pela primeira vez levado á scena no Theatro *Alla Scala*, de Milão.

Essa incontestavel obra prima do autor da *Aida* assignala uma epoca na arte italiana, e, si ainda existiam os velhos preconceitos das *Arias* e *Cabalettas*, Verdi veio com o *Otello*, com esse *dogma* indiscutivel, pôr termo ao molde antigo, abrindo uma nova senda que, por todos os modernos operistas, deve ser seguida como a mais alta expressão do drama musical.

Não procuraremos realçar aqui trecho algum dessa partitura, nem mesmo fazer um estudo critico desse primor lyrico, visto já estar elle consagrado pela critica europêa.

Fallaremos só, e simplesmente da execução.

A julgar pelos applausos da multidão que enchia o Theatro S. José, crêmos piamente que o *Otello* agradou em S. Paulo, e não nos lembramos mesmo que em primeira audição opera alguma tivesse tão franca e entusiastica aceitação como teve ante-hontem a esplendida partitura de Verdi.

O maior successo da noite coube incontestavelmente ao sr. Cardinalli, que soube dar ao seu difficilimo papel, todo o character indispensavel para que o fatigante personagem de *Otello* não esmorecesse durante todo o curso da opera.

Foi esse artista muitissimo applaudido pela maneira correcta por que se desemponhou da sua ardua tarefa, sendo chamado á scena innumeradas vezes depois do duetto do 1º acto (*gia nella notte*), justa recompense da excellente interpretação e expressão que deu a esse trecho conjunctamente com a sra. Peri.

A sra. Peri deu-nos uma *Desdemona* muito accetavel, obtendo calorosos applausos na *cantata do salgueiro* e *Ace-Maria* do ultimo acto, trechos esses que cantou com arte inexcedível, quer quanto á accentuação dramatica, quer quanto á interpretação, assim como o duetto do 3º acto (*Otello e Desdemona*) em que disse com verdadeira arte e grande sentimento dramatico a esplendida phrase: *io prego il cielo*.

Do sr. Bartholomasi esperavamos mais. Foi um tanto frio na sua parte de *Yago*; poderia dar mais realce ao seu papel, tirando melhor partido de sua excellente voz. Não obstante, cantou bem o seu *brindisi* do 1º acto, (*Maffia l'ugola*) e regularmente o *Credo* do segundo (*credo in un Dio*) em que foi muito applaudido, e o teria sido muito mais si esse trecho fosse mais declamado do que cantado.

No papel de *Cassio* andou bem o sr. Petrovich, tenor que estreou nessa noite, mostrando possuir figura bonita e uma voz nasal.

A sra. Ercole, estreou também nessa noite no papel de *Emilia*, cantando com discrição a sua pequena parte e concorrendo para que o *quartetto* do 2º acto tivesse boa execução, conjunctamente com Bartholomasi, Cardinali e C'eri.

Os srs. Serbolini, Fabro Frisoli e Branzono audaram bem em seus pequenos papeis.

Os côros quasi sempre desequilibrados por falta de unidade com a orchestra, deram-nos uma triste caricatura do do côro do segundo acto *T'affriamo il giglio*, no qual o acompanhamento de guitarras escripto pelo autor foi substituído por uns miseráveis *pizzicati* de violinos.

Como já dissemos no nosso ultimo artigo, tornamos a affirmar que a orchestração do *Otello* não é de Verdi, e por isso mesmo nota-se em todo o decorrer da opera scenas de uma instrumentação pauperrima, sempre languida e fraca, sobretudo monotona pelo abuso dos instrumentos de arco que raramente deixam de tocar, para darem lugar a umas ridiculas fanfarras de pistons com solos de flautas e outros disparates semelhantes, como ouvimos ante-hontem na orchestração apocrypha da obra prima do chefe da moderna escola italiana.

Em summa: apesar de uma affronta feita ás barbas brancas do preclaro maestro Parmesão, tivemos um *Otello* bem regular. Nós daqui reforçamos os applausos que obtiveram os artistas que o interpretam.

Na forma do costume continúa ausente da orchestra a segunda clarineta, e hontem faltou uma *trompa*!!

Mão! Si as cousas vão por esse caminho, chegaremos a ouvir o *Otello* acompanhado a piano!!!

— Rimsky.

S. S.—Nem sempre os últimos são os primeiros...

Eis o caso em que as cornetas (internas) sendo hoje tratadas em ultimo lugar, nunca serão consideradas perante um par de ouvidos mais ou menos afinados como cousas...notaveis e dignas de serem escutadas.

Pedimos aos ars. cornetistas menos entusiasmo e mais afinção,

Cançã 8-11-89

PALCOS E SALÕES

O HYMNO DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

«... ridiculus mus.»



Depois de muita decepção, de muito nevrosismo e de muitas chimeras, eis que surge-nos finalmente o tão esperado hymno adoptado e escolhido apoz concurso realizado na capital federal, ha um mez para cá mais ou menos.

O acolhimento que teve entre nós, foi dos mais lisongeiros e ao mesmo tempo dos mais contradictorios.

Explico-me :

Na nossa adoravel bohemia musical, existem compositores para todos os paladares: bons, máus e alguns mesmo que mais entendem de sapataria que da arte musical. D'entre muitos destes, alguns houve que concorreram com parcelas de sua inspiração para esse concurso, e, triste foi o resultado, pois, de lado foram todos postos; protestaram, gritaram, berraram, é exacto, porém em vão, ninguem deu-lhes attenção; o hymno preferido havia de ser o do maestro Miguez: assim queria o jury examinador, assim aconteceu.

Terrivel decepção para aquelles que contavam como certa a victoria e que já se insullavam entre nós como escolhidos e já unidos aos quatro melhores d'entre os trinta e tantos apresentadas!!

Para estes a adopção do hymno do maestro Miguez foi uma dolorosa e pungente decepção. Originou-se no espirito delles o mais rancoroso despeito.

O coitado (do hymno, já se vê) teve de ser alvo de todo o odio e de toda a billis dos exilados; foi examinado com o auxilio do microscopio, analysado e autopsiado, sendo, por ultimo, sentenciado: *cháõ, banal, sem idéa, pobre, plagiado e rujo*!!

Um dos censores, e nesse ponto — com razão, achou nelle reminiscencias do Fausto!

Cumpre notar-se que d'entre os hymnos que foram de cá para lá, uns havia que não eram *pessimos*.

Entre estes destacava-se um em que a palavra: *Liberdade*, cahia sobre um tom menor, plangente, que mais dava a idéa do nivar de um cão moribundo que de um canto exultante e cheio de jubilo como requeria o caso.

Um outro era muito dansante. Havia mesmo entre elles, um, que adaptava-se perfeitamente a uma segunda parte de quadrilha ! !

Emfim, a maior parte dos nossos concurrentes que não foram classificados e que por essa mesma razão não foram premiados, explicam o caso pelo facto de terem os seus hymnos tomado outra direcção e não terem chegado a tempo ás mãos da commissão examinadora do Hymno da Proclamação.

Esta é a pura verdade, como elles proprios o dizem !

Consolam-se com pouco, é certo ; porém, já não é esta uma consolação ?

Não seria máu que S. Paulo abrisse um concúrso para o hymno de seu Estado ; pois, seria então azado ensejo para uma refrega e uma desforra em regra por parte das nossas *summidades maestrificas*, que saberiam mostrar o que valem e o que podem, provando a sua capacidade musical, e não a sua influencia perante o jury que haveria de julgal-as tal como deu-se na capital federal.

Só assim teriamos na opinião desses *maestros*, um bom hymno, vivaz, cheio, cantante, inspirado no fogo sagrado do patriotismo, emfim um *Hymno*, como diz o vulgo, e não um aborto, como dizem a respeito do hymno escolhido os concurrentes exilados.

Para os outros não-musicos a producção do maestro Miguez não conseguiu despertar o enthusiasmo. Acharam-lhe falta do cheiro da polvora, do retintim das armas e do metallico e estridente som da trombeta.

Agora, em particular e aqui muito a puridade, si querem saber qual a opinião de *Figarote* que, em materia de som não é nenhum *qualquer*, direi que o hymno escolhido, embora não seja o que se esperava, pelo rumor produzido

na capital federal, é, não obstante tudo, —o melhor que tem apparecido nesta quadra que atravessamos. E não é dizer pouco, porque os hymnos têm sido tantos e de tão variados gostos, que confundimos constantemente uma Polka ou uma Valsa, ouvida em algum *Café*, com um novo Hymno.

O do maestro Miguez tem por qualidade assimilar-se em estylo aos bons cantos patrioticos allemães, lembrando-nos mesmo, pelas suas modulações e forma, o modo severo e grave dos compositores germanicos. Isto quanto á parte cantante, pois pela introdução pertence á cathegoria dos hymnos vulgares.

Figarote não dirá, como o critico do *Jornal do Commercio*, que o hymno do maestro Miguez poderá homabrear com o Hymno Austriaco, de *Haydn* ; é esta uma proposição ousada, uma apreciação por demais hyperbolica. Reconhecendo, porém, valor na composição do maestro brasileiro, não o consideramos isento de senões, sobresahindo, entre elles, o grandíssimo defeito de sua pouca ou nenhuma probabilidade de popularisar-se, visto ser o seu canto de difficil percepção e não ter o hymno melodia facil e expontanea, para o publico poder decoral-a em duas ou tres audições.

E para que não me presenteiem com algum epitheto de pretencioso prophetisador, tomarei como unico juiz competente neste caso, o tempo, que confirmará mais uma vez e de modo peremptorio a opinião que enuncio, levando unicamente pela consciencia.

Mais 90 Figarote.

«Correio Paulistano»
10.12.1889

PALCOS E SALÕES

Companhia Hespanhola
de Zarzuela



Com as zarzuelas — *Los Comediantes de Antão* e a *Tempestad* fez sua estréa nesta capital a companhia de zarzuelas da empresa Braga Junior.

A primeira levada á scena sabbado ultimo e a segunda no domingo, conseguiram agradar bastante e colher bom numero de palmas.

A companhia, modesta como é, e com seus preços razoaveis pôde perfeitamente encher, por varias vezes, o velho S. José e agradar sempre; visto possuir bom repertorio, e não repetir peça alguma, qualidade esta essencial quando se trata de musica ligeira.

A zarzuela *Tempestad* agradou muito.

A musica é leve, agradável e por vezes excellente; notamos no segundo acto o grande *concertante* que produzirá grande effeito si fôr executado por um grupo numeroso de coristas e por uma orchestra mais completa do que a que nos trouxe esta troupe, que é realmente pequena e por vezes fraquissima.

O regente, sr. *Juan Camps*, é bem discreto e faz com que o conjuncto seja muito regular.

Conseguiram agradar os srs. *Abella* (barytono), *Mori* (tenor) e a sra. *Plá*, artista graciosa, possuindo voz fraca, porém, tendo a attenuante de ser uma *muy guapa muchacha*.

Desta ultima qualidade o publico fez-lhe jus, chamando-a, por vezes, ao proscenio e applaudindo-a sempre.

A sra. *Cuaranta*, apezar de um tanto *quarentona*, sahio-se bem.

E' fóra de duvida que a presente companhia veio dar côbro ás noites fastidiosas da Paulicéa, e, si todos pensarem como nós, é natural que o São José esteja sempre cheio daquelles que se enternecem por um *salero* ou uma *jota* dançada pela *hermosa Plá*.

10-12-89 Figarote.

«Correio Paulistano»
12.12.1889

PALCOS' E SALÕES

COMPANHIA HESPAÑHOLA DE ZARZUELAS



Realizou-se ante-hontem com diminuta concurrencia a terceira representação da Companhia de Zarzuelas com a peça—*O Anel de Ferro*, uma das melhores do repertorio hespanhol.

Não obstante o S. José achar-se quasi vazio, não faltaram, no entanto, applausos aos artistas incumbidos de represental-a.

Sobresahiram os srs. *Abella*, *Benach*, *Mori*, a sra. *Bernard* e a *enfant gaté*, a sra. *Plá*, que do dia a dia mais conquista as sympathias do nosso publico, pelo modo gracioso porque canta e representa seus papeis.

O *Anel de Ferro* é uma zarzuela muito dramatica possuindo um enredo que consegue prender a attenção do expectador e uma musica por vezes ligeira e por vezes dramatica.

Nós daqui reiteramos nossas palmas áquelle conjuncto de artistas que, modestamente e sem *reclames* sabe se fazer applaudir e nos proporcionar ao mesmo tempo o ensejo de passar todas as noites umas duas horas bem agradaveis, ouvindo musica ligeira e bem *afinadinha*.

Hontem representou-se a *Calix*, peça historica que no Rio alcançou grande successo.

Amanhã daremos pormenores.

E' hasta mañana.

12-12-89 Figarote.

, chamando-a, por vezes, ao

PAUCOS E SALÕES

COMPANHIA HESPAÑOLA DE ZARZUELAS

ES
en
cu
re
di
oc
un
ser
i
vi
us
es
im
ra.
ii,
sy
do
a s
ca
re
na
zes
bit
cto
ser
e
o
du
o
pr
q
o.
im
ar
v
ni
pe
o
in
LA
fo
EL



Com grande concurren-
cia foi ante-hontem ouvida
no theatro S. José a zar-
zuela *Calix*, um dos maio-
res attractivos da actual
companhia.

Apesar de possuir um
enredo um tanto *embro-*
g'io, esta zarzuela conse-
guiu agradar immensamente sendo bi-
zado varios trechos e applaudidissimos
os artistas que nella tomaram parte,
sobresahindo-se como sempre a sra.
Plá, que incontestavelmente mostrou-
nos no papel de protagonista uma das
suas mais adoraveis interpretações.

Um tanto desbotadas, foram as dan-
ças que, interpretadas sómente por
uma simples e unica *corista* consegui-
ram em vez de enthusiasmar o publi-
co, excital-o ao riso o a condescen-
dencia de sujeitar-se ao antigo rifão:

Quem não tem cão caça com gato.

Estas danças hespanholas, emi-
nentemente nacionaes, dariam um
realce incontestavel e produziriam so-
bre o nosso publico a maior das sen-
sações, si fosse dançadas por quatro
jovens *muchach'is* como foram na ca-
pital Federal e não por uma so como
aconteceu ante-hontem aqui.

A musica, saltitante de verve e de
jovialidade agradou muitissimo, e,
sobremodo, o cêro do 1º quadro que
foi bisado com verdadeiro enthusiasmo
assim como as coplas em serenata,
ditas pelo cêgo e confiadas a um ar-
tista de veia improvisadora e de bas-
tante graça.

Continuaram a agradar os srs.
Abella, Benach, Mori, a sra. Bernard
e outras *muchach'is guapas*, cujos no-
mes não nos occorrem.

Deu principio ao espectáculo a zar-
zuela em um acto:— *Um cêro de se-
nhoras*, provocando muita hilariedade
no publico e agradando deveras.

Hontem representou-se a nossa co-
nhecida e apreciada *Marina*.

Amanhã daremos pormenores sobre
esta zarzuela, porém, prevenimos o
publico que não osperamos da orches-
tra, uma execução *maravilhosa* como
aconteceu com o preludio do terceiro
acto do *Anne' de Ferro*, segundo infor-
ma-nos uma noticia de um dos nossos
collegas da manhã.

E isto, pelo simples facto de ser a
orchestra desta companhia muito in-
completa e portanto, impossibilitada
de executar *maravilhosamente* seja o
que for.

13-12-89. Figarote.

«CORREIO PAULISTANO»
14.12.1889.

PALCOS E SALÕES

COMPANHIA HESPAÑOLA DE ZARZUELAS



A *Marina* representada ante-hontem pela companhia não conseguiu encher o S. José, apesar de ser uma das zarzuelas mais conhecidas e apreciadas do publico de S. Paulo.

Não obstante, a representação correu regularmente, sendo applaudida a sra. Guaraná no papel de protagonista; as srs. Abella, Benach e sras. Villar e Vallina portaram-se bem nos respectivos papéis.

A *híra* final foi bastante applaudida, sendo ella cantada por todos os artistas e pelo corpo de côros.

Deo fin ao espectáculo a engraçada e *facto-chada comica—lyrica macarrônica*, intitulada:

Comici Troniti agrada do immensamente, e onde a sra. Plá, graciosa como sempre, soube mais uma vez dominar a platéa, fazendo com que esta applausisse constantemente.

Para hoje está annunciado a espectacular *Marselhesa* que terá certamente um êxito a deitar fóra.

Para amanhã, mui acertadamente resolveu a empresa, annunciar a *Cadiz*, peça que obteve grande êxito e onde a sra. Plá mostra-nos que, si não tem pacto firmado com o demônio, sabe por si só enfeitigar todo aquelle que tem orgulho de conhecer um pouco de *esthetica physico-feminina*, e deixar sempre os espectadores presos por um só de seus olhares bregeiros.

Terça-feira daremos pormenores sobre estas duas representações que serão indubitavelmente mais dois triumphos para a graciosa artista.

E, nada mas per hoy.

14-12-89 Figarote.

«CORREIO PAULISTANO»
24.12.1889.

PALCOS E SALÕES

COMPANHIA HESPAÑOLA DE ZARZUELAS



Com duas boas casas, realisaram-se no sabbado e domingo as representações da *Mascotte* e dos *Madgyares*.

Duas magnificas exhibições, sobretudo a da *Mascotte* que conseguiu um dos maiores successos da temporada.

A sra. Plá e señorita Matteos, nos papeis de *Betina* e *Fiametta* andaram do melhor modo possível, fazendo com que o publico as applaudisse constantemente.

Os demais papeis confiados aos artistas, Mori, Abella, Vallina e outros, tiveram boa interpretação.

Para hoje annuncia-nos a empresa, além da mimosa zarzuela *Filhas de Eva*, a grande surpresa, a *Voz Publica*, revista baseada sobre os ultimos acontecimentos da Republica no Brazil, e escripta por F. A.

Encobrem essas iniciaes, si não nos enganamos, um dos nossos bons poetas da actualidade. Si assim fór, podemos desde já affirmar que o theatro S. José não contará um só lugar vazio na noite de hoje.

Para amanhã dois grandes attractivos: a *Gran Via* e a *Cadiz* as duas peças que mais successo obtiveram pela presente companhia.

Lá estaremos para ouvirmos de novo a serenata do *cégo* e applaudirmos a sra. Plá que incontestavelmente tem na *Cadiz* um papel capaz de deixar o mais sceptico espectador enlevado, e *fuera de si ante tanta gracia y tan bellos ojos*.

24-12-89 Figarote.
ts per hoy.

PALCOS E SALÕES

MUSICA NO JARDIM DO LARGO DO PALACIO



Por mais de uma vez temos ouvido reclamações contra o abuso de amor funambulesco pelo qual tem decidida vocação a nossa banda de Permanentes, banda esta, que n'outros tempos teve o seu renome como uma das melhores do nosso paiz; porém, como a lei geral do progresso consiste em nos fazer seguir a evolução por que passam as artes, industrias e sciencias, é natural que essa banda hoje não passe de um realejo retrospectivo dos bons tempos passados, em que a *Valsa do Beijo* (para não fallar em cousas peiores) fazia a delicia de nossos salões, e, em que tinha a musica execuções mais ou menos identicas ás que nos dá hoje essa mesma banda do Corpo Policial de Permanentes.

Esse grupo musical, apezar dos bons exemplos que tem deante de si quando ouve alguma das bandas italianas que lhe devem deliciar os ouvidos com boas peças de musica, não se emenda e continúa rotineiramente a nos regalar com uma collecção de polkas e tangos, cada qual mais frívola, ou então com um celebre *dobrado* extrahido da opera *Guaraní* que, como composição musical, é digno de lastima.

Será muito bom que, de uma vez por todas acabem com estas caricaturas musicas.

Ellas não fazem mais do que excitar o riso nas pessoas de bom senso e ainda mais, nas que são verdadeiramente afeitas á musica e, que a consideram como uma das artes que mais serviços prestam á humanidade sugerindo-lhes impressões agradabilissimas (em vez de ideias pornographicas como os tangos ou polkas) com a audição de peças de mais alto valor musical.

Não queremos com isso dizer que toquem musica classica, não; mesmo porque seria uma irrisão; mas não ha entre nós um sem numero de *Ouverturas de Operas*, de *Fantasias*, de *Potpourris*, — todas perfeitamente instrumentadas para *Bandas*?

As valsas de *Strauss* e de *Waldteufel* não são muito preferiveis a qualquer *caletoté* com o competente *chocalho*?

Não queremos de maneira alguma eliminar do grupo musical de Permanentes as polkas, tangos e dobrados, pois é forçoso confessar que entre os nossos tangos muitos ha que são verdadeiramente bons e que até representam a nossa musica popular; execute-as, porém, assim como os dobrados, quando de passeio pelas ruas, ou então quando de regresso para o quartel, mas nunca n'um *coreto*, que o publico circumda expressamente para gozar um pouco de musica mais elevada, não sendo outro o motivo por que vai de casa para o Jardim do Palacio ou para o Jardim Publico.

Antes de tudo o publico que fôr ao Jardim, deve saber o que vai ouvir, e, para isso faz-se mister que as peças a executar sejam annunciadas com antecedencia nos jornaes da manhã, como é de costume fazel-o nas cidades Europeas e com grande acolhimento dos assistentes, pois, não raro, muitos d'entre elles para alli vão exclusivamente com o fim de ouvirem muitas vezes uma unica peça do programma.

Assim o faz aqui a Banda Italiana *Umberto I*, que, ultimamente tem, e com justiça, obtido grande successo no Jardim do Palacio e, isto devido principalmente aos seus bons programmas que são annunciados, á boa interpretação, á certeza e afinação de conjuncto e ao amor e vida com que tocam.

A Banda de Permanentes não annuncia o que toca.

Terá porventura vergonha de o fazer?

Esta ultima hypothese lhe seria uma attenuante favoravel e, para nós um prazer immenso, pois ficaríamos convencidos de que o gosto musical não está tão depravado como se julga, visto a propria *Banda* reconhecer a pouca ou quasi nenhuma importancia de seus programmas a ponto de cõrar de pejo só com a ideia de que fossem lidos pelo publico e confrontados com os da *Banda Umberto I*.

Temos mesmo notado que, quando esta *Banda* se annuncia, o Jardim do Palacio se enche de um auditorio diverso do que está habituado a ouvir os taes Tangos dos Permanentes.

Isto... porque?

Naturalmente pela razão acima exposta.

Os programmas publicados, e uma execução discreta de bons trechos de musica, attrahirão sempre maior concurrencia do que o *Dobrado do Guarany* ou alguns *Tangos com chocalho* ou mesmo *sem elle*, os quaes só têm a approvação não da boa sociedade que frequenta o Jardim, mas da malta de garotos que invade o mesmo e que faz *bisar* todas essas puerilidades musicas com grande alarido e com acompanhamento de assobios.

Por hoje fazemos ponto final, na esperança de que estas justas observações encontrarão o apoio de todos que se interessam pelo nosso progresso, tanto mais que São Paulo é bastante considerado em materia de arte.

Attenda-ncs a *Banda de Permanentes* e verá que só tem a lucrar com estas observações.

Poupe mais o seu *Bombo*; e lhe dê menos importancia do que lhe tem dado até hoje.

Quanto á execução dos hymnos na quinta-feira passada, onde esse instrumento tornou-se um verdadeiro martyrio para os ouvidos do publico, mórmente na execução do *Galope Nacional* (!) Não é bom lembrar de novo cousas que entristecem e que, em nada abonam a fama de que goza a banda do Corpo Policial de Permanentes.

Toujours
Braziliens

- 11 -

«Correio Paulistano»
22.4.1890

PALCOS E SALÕES

CONCERTO JOÃO GOMES DE ARAUJO



Como estava anunciado, realizou-se sabbado ultimo, no Salão do Club Germania, o concerto organizado pelo maestro João Gomes de Araujo, com o concurso de suas discipulas.

O vasto e selecto auditorio que enchia o salão, teve mais uma vez occasião de apreciar devidamente o progresso obtido pelas alumnas do distincto professor, que, honra lhe seja feita, tem concorrido sobremodo para estimular o gosto musical entre suas alumnas a ponto de podermos destacar entre ellas algumas que, realmente, são dignas dos maiores encomios.

O programma, apesar de um pouco longo e de soffrer pequenas alterações foi executado integralmente e era o seguinte :

PRIMEIRA PARTE

- 1.º L'ò D'libes : Les Norwegiennes, còro.
- 2.º C. Gomes: L'ò Schiavo, aria, pela exma. sra. d. Maria J. Rodrigues dos Santos.
- 3.º Chopin: Bolero, op. 19, pela exma. sra. d. Julia Freitas.
- 4.º João Gomes: Edm'ca, aria, pela exma. sra. d. Joanna Godowin.
- 5.º Verdi: Il Trovatore, duetto, pela exma. sra. d. Leonor Ramalho e dr. Miguel Vianna.
- 6.º Gottschalk: Pasquinade, a quatro mãos, pela exma. sra. d. Olympia Adeline Leal e J. Gomes.
- 7.º Lecocq: Les cent vierges, pela exma. sra. d. Maria do Carmo Moreira.
- 8.º J. Gomes: Edm'ca, scena e aria, pelo dr. Miguel Vianna.
- 9.º Verdi: Il Trovatore, raconto pela exma. sra. d. Leonor Ramalho.
10. Bizet: Carmen, habanera, pela exma. sra. d. Maria C. Benevides e còros.

SEGUNDA PARTE

- 1.º J. Gomes: Edm'ca, aria e còros.
- 2.º Marchetti: Ruy-Blas, aria, pela exma. sra. d. Adelia de Barros.
- 3.º Wroblewsky: Chant du Coucou pela exma. sra. d. Brasília Camargo.
- 4.º Meyerbeer: Dinorah, aria da sombra, pela exma. sra. d. Maria Constança Benevides.
- 5.º Chopin: Polaco, op. 163, pela exma. sra. d. Bemvinda Cesar.
- 6.º Verdi: Aida, aria, pela exma. sra. d. Leonor Ramalho.
- 7.º A. Thomas: Mignon, romanza, pelo dr. Miguel Vianna.
- 8.º Gottschalk: Dernière Esperance, a quatro mãos e violoncello, pela exma. sra. d. Julia Freitas, J. Gomes e A. Leal.

Na primeira parte destacamos o lindo còro do *Delibes*, o elegante autor da *Lakmé*. *Les Norwegiennes*, pela correção, afinação e justeza com que foi cantado pelas gentis interpretes e alumnas do maestro.

O duetto do *Trovador*, cantado pelo dr. Miguel Vianna (que estreava essa noite) e por mille. Leonor Ramalho, foi calorosamente applaudido. O dr. Vianna nos fez ouvir uma voz de tenor que, não obstante fraca e de pequena extensão, agradou-nos immensamente, por ser de emissão naturalissima, de igualdade nos registros e de afinação irreprehensivel. Cantou com bastante expressão e sentimento a par de boa escola e de estylo.

Quanto a mille. Ramalho, que já a tinhamos ouvido em concertos anteriores do mesmo maestro J. Gomes de Araujo, só temos a accrescentar os nossos parabens pelo desenvolvimento por que tem passado sua possante e thoatral voz de mezzo-soprano. Podemos augurar ser em breve uma das melhores cantoras paulistas. O *Raconto do Trovador*, cantado por essa joven teve freneticas e repetidas palmas.

Encerrou-se a primeira parte do programma com a *habanera* da op. *Carmen*, do mallogrado *Bizet*, o chefe da moderna escola franceza e aquelle a quem devemos hoje grande parte da reforma evolutiva musical. Dizer que essa *habanera* foi cantada por mille. Maria Constança Benevides, é o mesmo que annunciari um successo completo.

Incontestavelmente, e sem rodeios, podemos affirmar ser esta distincta amadora a melhor cantora que actualmente possuímos entre nós. Sua voz, um pouco fraca e de timbre pouco volumoso, é ouvida sempre com grande prazer, pela correção, estylo e graça natural com que sabe revestir os trechos que canta, tomando sempre parte saliente em todos os concertos em que se faz ouvir.

Os *lieder* de *Schubert*, *Schumann*, *Lassen*, *Mendelssohn* e os romances de *Massenet*, *Bizet* e *Delibes* não encontraram melhor interprete em um salão.

Na segunda parte destacamos a aria e còro da op. *Eduarda*, do maestro J. Gomes de Araujo.

Incumbiu-se da parte solista o dr. Miguel Vianna que lhe deu o necessario colorido para fazer sobresahir as bellezas da composição, assia como o còro caracteristico de flandeiras.

A aria da *sombra*, da *Dinorah*, teve execução esmerada por parte de mille. M. C. Benevides. Cantou com escola e graça, e vocalizou-a de modo a receber, ao final-sal-a, grande ovação de calorosos applausos.

Foi uma das peças capitais do programma.

A aria da op. *Aida*, cantada por mille. Ramalho obteve tambem grandes applausos pelo brilhante modo porque foi interpretada.

Seguiu-se a *romanza* de Tenor, da op. *Mignon*, onde o sr. Vianna mais uma vez recebeu do publico demonstrações de sympathia pela frescura de sua voz e pelo sentimento e expressão que dera a essa pagina de A. Thomas.

Terminou o concerto com a execução do *miserere* do *Trovador*. Cantou a parte de soprano mlle. Benevides e a de Tenor o dr. Vianna. Os côros *sómente de senhoras* poderiam ter prejudicado o effeito geral do trecho, se não fosse a justeza e afinação que fizeram com que a falta das vozes de homens não fosse tão sensível como preferíamos.

O successo deste ultimo trecho foi completo. Os acompanhamentos de harpas eram feitos por mme. Catta-Preta, professora conhecida entre nós e por mlle. Julietta Falcão.

Ao concluir o *miserere* foram freneticamente applaudidos, tanto mlle. Benevides e o dr. Vianna como o côro que se compunham das alumnas do maestro J. Gomes de Araujo.

Reiteramos os nossos applausos a tão gentis amadoras e fazemos votos para que prosigam perseverantes no estudo *sério* da arte musical, fazendo com que o maestro Gomes de Araujo nos regale por mais annuadas vezes com semelhantes concertos.

Por esse modo o maestro estimulará não só o gosto musical do publico mas tambem a sua brilhante pleiade de jovens artistas amadoras, que poderão mais dia menos dia tornar-se verdadeiramente dignas de concorrerem para o desenvolvimento do estudo musical ainda muito embryonario em S. Paulo, a capital artistica brazileira, segundo Sarah Bernhardt.

Mui propositalmente deixamos para o fim os nomes dos distinctos amadores: milles. Maria Rodrigues dos Santos, Julia Freitas, Olympia Adelina Leal, Maria do Carmo Moreira, Adelia Barros, Brazilia Camargo, Bemvinda Cezar, e mme. Joanna Godwin, as quaes foram calorosamente applaudidas pelos progressos obtidos tanto nas peças de piano como nas de canfo, onde mostraram possuir vocação e gosto musical, fazendo-nos antever grande adeantamento para o proximo concerto em que se façam ouvir.

Sentimos bastante não escrever agora mais detidamente sobre estas ultimas executantes, á vista do pouco espaço que nos resta para esta pallida resenha.

Oxalá que todos os professores de São Paulo façam como o maestro Gomes de Araujo: seria caso para termos todos os mezes, ao menos, um concerto onde possamos ouvir boa musica a par de bons executantes e de boas vozes.

O gosto musical de S. Paulo desenvolve-se rapidamente e podemos sem receio assegurar grande proveito a quem quizer seguir o exemplo do sr. João Gomes de Araujo, dando todos os mezes um concerto para que o publico julgue da excellencia do methodo de ensino de cada professor.

Por hoje nos limitamos a cumprimentar o maestro pelo seu brilhante successo e animamo-lo para que nos de vez em quando noitadas como a de sabbado ultimo que deixou em todos os corações que lá estiveram, uma nota de saudade que precisa ser suavizada por uma outra audição de bons

... e contadas por seus intelligentes discipulos e suas discipulas, que só tem a agradecer com esses concertos.

Parabens ao maestro João Gomes de Araujo.

FIGAROTE.

Curcio 22-4-90.

«CORREIO PAULISTANO»
25.5.1890.

PALCOS E SALÕES

EMILIO PONS



A estada de Emilio Pons n'esta capital deu ensejo a que a casa dos srs. Leale e Gonçalves tivesse a feliz lembrança de organizar um pequeno concerto onde o joven artista se exhibisse e se apresentasse á imprensa paulistana, que, na noite de ante-hontem, ouviu satisfetissima aquelle que, por longo tempo, residiu entre nós e, que aos quinze annos de idade, já era justamente considerado como um bom pianista e, ainda mais, promettendo tornar-se notabilidade no instrumento que cultivava com tanto afan.

Filho de Eduardo Pons, professor bastante conhecido e considerado entre nós, será mais uma rasão para que, no seu concerto annuciado para o dia 30 do corrente não exista um só logar vago no theatro do Congresso Gymnastico Portuguez.

Emilio Pons fez-se ouvir com applausos no seguinte programma dividido em duas partes:

I

GOTTSCHALK.—Murmurios Eolios.

PONS.—La Primavera.

KETTEN.—Les Oeillades.

CHOPIN.—Polonaise em m. b. op. 53

II

PONS.—Ariel.

THOMÉ.—Aragonaise.

KETTEN.—Postillon.

KETTEN.—Marche des Djins.

Continua

«Correio Paulistano»
1.6.1890

PALCOS E SALÕES

GUITARRISTAS HESPAÑHOES



Ante-hontem á noite no salão da Casa Levy ouvimos os srs. Toboso e Orosó, guitarristas hespanhões, que alcançaram verdadeiro successo no Rio de Janeiro e ultimamente em Santos, onde tambem se fizeram ouvir com grandes applausos em varios concertos alli realizados.

Na verdade, não são imerecidos os elogios que os dois artistas receberam tanto da imprensa fluminense como da santista, pois são elles dois violonistas de mão cheia e tiram dos instrumentos especialmente fabricados, segundo planos seus, effeitos magníficos pela ordem e contextura completamente nova com que foram feitos esses violões.

A fórma d'esses instrumentos é muito maior e mais bojuda que os nossos conhecidos; possuem onze cordas, sendo oito sobre o espelho e tres soltas, abrangendo portanto uma extensão de tres ou quatro oitavas, si não nos falha a memoria.

Com esses requisitos todos, tiram os dois artistas os effeitos mais perfectos que é dado a um violonista tirar de seu instrumento.

Ouvimos varias peças entre as quaes destacámos a valsa: *Les Sirènes* de Thomé, o minuetto de Balzoni, a valsa em *la menor* de Chopin, uma phantasia sobre trechos da opera *Baile de mascaras*, e a esplendida phantasia militar de Keler-Bela onde necessariamente, e com rara perfeição ouvimos o *toque do clarim*, o rufo do *tambôr*, o *bimbalhar do sino* e a magistosa e imponente religiosidade dos sons de um Organ.

Ouvimos ainda com grande prazer uma canção arabe *maraina* e, para fechar a audição musical que era dedicada á imprensa paulista que alli se achava, o sr. Toboso tocou só e com grande maestria um *potpourri* de arias nacionaes hespanholas onde ouvimos a *jota a seguedilha* e outras danças caracteristicas do paiz de *las miñas quapas*.

Recomendamos estes dois artistas originaes ao publico de S. Paulo que não deve perder o concerto que elles pretendem dar na proxima sexta-feira no theatro do Congresso Gymnastico Portuguez.

A' casa Levy nossos agradecimentos.
1-6-90. *Comun Figarote.*

De prime abord, na phrase dos francezes, não podemos dizer que o repertorio do joven pianista seja selecto, visto não conter nomes mais respeitaveis que os de Gottschalk, Thomé e Kellen que são, não diremos, máus compositores, porém, compositores para dilettanti e, para serem ouvidos em *salão* por pianistas de menor importancia.

Por esta razão a peça mais applaudida foi sen contradicção a *Polonaise* em *mi b.* de Chopin; peça de grandes difficuldades technicas e de incontestavel belleza pela sua contextura marcial e solemne. O sr. Pons executou-a de modo a podermos avaliar dos seus predicados, mostrando-nos possuir agilidade e igualdade a par de um pulso forte e firme.

Quanto á interpretação dessa peça diremos que o movimento geral foi um tanto apressado e a interpretação com pouco colorido.

Esperamos anciosos o concerto do joven artista para nos enunciar-mos com mais precisão e mesmo com mais franqueza diante de um bom programma onde espera nos ouvir-o em uma *Sonata* de Beethoven, um trecho de Schumann ou mesmo em um simples *Nocturno* de Chopin.

Entre a primeira e a segunda parte as pessoas presentes foram agradavelmente sorprendidas com uma taça de champagne, e uma mesa de doces, sendo por essa occasião levantados varios *toasts*, aos amaveis proprietarios, ao sr. Pons e á to-la a imprensa paulista que alli se achava representada.

Reiterando os nossos agradecimentos aos srs. Leal & Gonçalves pela amabilidade do convite, fazemos fervorosos votos para que nos dê n de vez em quando serões dessa ordem concorrendo dest'arte para o desenvolvimento musical do nosso Estado.

Cur. 25-5-1º Figarote.

SUCESIVAMENTE
sucessivamente

«O PREÇO PAULISTANO»
7. 6. 1890

CONCERTOS

EMILIO PONS

Realizou-se ante-hontem, no theatro do Congresso Gymnastico Portuguez, o concerto do pianista Emilio Pons.

A concorrência boa, e o programma fielmente executado, deu ensejo a que mais uma vez ouvíssemos o joven artista que de novo mostrou-nos possuir uma execução e agilidade admiraveis, tornando-se mes no por varias vezes notavel quanto á correção e igualdade com que vence as difficuldades de uma ou outra peça.

O sr. Pons sobresahiu-se na *Turandetta* de Liszt, no *Posillon* de Kellen e na *Truite* de S. Heller sendo esta ultima, executada em movimento um tanto rapido.

A *Polonaise* de Chopin interpretada sem colorido e em tempo *vivace* perdeu o seu effeito. A tendencia predominante que tem o sr. Pons em apressar sempre o movimento das peças é um dos seus pontos fracos. O joven pianista para obter execuções brilhantes não trepida em prejudicar o valor artistico das composições, deixando sempre em logar secundario, a interpretação, o estylo e o sentimento; qualidades estas sem as quaes, não haverá compositor nenhum que não seja executado, quando suas peças forem tocadas por pianistas que só queiram impor-se pelo seu mecanismo e pela sua extraordinaria agilidade como acontece no caso vertente.

O andante do *primiro* concerto de Chopin foi mal escolhido.

Esta composição a não ser executada como foi escripta, isto é, com orchestra, não produzirá effeito algum e sempre se achará na contingencia de ser mutilado como o foi hontem. O sr. Pons fez-se ainda ouvir na *Aragonaise* de Thomé, e no *Ariete*, composição sua, peças estas de somenos importancia.

O barytono L. Vetrozzo nosso conhecido, fez-se applaudir em duas peças de canto: *Edmea* de Catalani e *Filho Prodigio* de Ponchielli assim como o Grupo *Choral* do Club Mendelssohn que cantou com a justeza e afinação que lhe conhecemos deste ha muito, dois *córos* de *Silche* e um de *Musiol* sendo colorosamente applaudidos.

A *Berceuse* de Danbé a *Serenata* de Moszowsky e o *Melodrame* de Guraud tocados pelo sr. Bastiani com acompanhamento de instrumentos de arco produziram bastante effeito, e o sr. Bastiani assim como seus companheiros receberam innumerados applausos.

Ouvimos ainda com prazer o *Frio em ré menor* de Mendelssohn executado pelos srs: Pons (piano) Bastiani (violino) e Leal (violoncello) que deram a esta obra magistral, execução regular sendo bastante applaudidos ao finalizar o *presto*.

Fazemos ponto por hoje, reiterando os nossos applausos ao distincto pianista Pons que, se allia a execução e agilidade que possui, uma interpretação e colorido mais em relação com os auctores que interpreta, virá a ser em não muito tempo um dos bons pianistas da epoca.

7-6-90 *Conce* Figarole

CONCERTOS



Decididamente os srs. Toboso e Orozco, guitarristas hespanhões, entraram em São Paulo com o pé direito. O concerto d'estes artistas, realiado ante-hontem no theatro do Congresso, foi mais um triumpho para os sympathicos e guapos *muchachos* que souberam fazer com que o publico se conservasse em silencio e attencioso durante as peças que tocaram, sendo sempre ao finalizal-as, cobertos de calorosos e entusiasticos applausos.

A marcha Marechal Deodoro da qual já fizemos menção foi executada com trio e com correção assim como a walsa *Dolores* que, digamos a verdade, fez muita gente suspirar de prazer pela maneira com que a interpretaram.

O mesmo aconteceram com a *habanera da Cadix* que realmente ganha muito sendo executada por dois distinctos violonistas como são os dois concertistas.

Destacamos ainda o *Capucho Hespanhol Moraima*, o *Tescete de las Ratas da Gran-Via* que foi bisada, e varias phantasias sobre as operas *Baile de Mascaras*, *Troador Polito*, sendo digno de nota a correção com que modulam as tonalidades, a justeza, e a afinação irreprehensivel dos instrumentos.

Para finalizar o concerto, o sr. Toboso tocou só, uma deliciosa *Bondalla hespanhola*, ou para melhor dizer um verdadeiro *bazar* das danças nacionaes da Hespanha. Este trecho é realmente magnifico pela sua côr-local e pelo caracter essencialmente *saleroso*, que nos faz divagar sobre as bellezas andaluzas e sobre o poetico e sensual das *muchachas* do paiz de *Calderon*.

Que os srs. Toboso e Orozco nos deu occasião de ouvil-os mais uma vez é o que fervorosamente lhe pedimos. Nisto a boa concurrencia que tiveram na noite de ante-hontem e como ainda grande parte da nossa capital não ouviu estes dois artistas *sui-generis* será medida acertada resolverem dar mais um ou mesmo dois concertos para que os paulistas fiquem sabendo quanto vale uma *jota* e um *zapatiado* executado pelos *violões magicos* dos srs. Toboso e Orozco.

Carrei. 9-5-99 Figarote

PALCOS E SALÕES

ETTORE BOSIO



O nome que encima estas linhas não é de todo desconhecido do publico paulista.

Compositor de primeira ordem, tendo feito seus estudos sob a direção do celebre *Martucci*, director do *Lyceu Musical de Bologna*, Ettore Bosio obteve successos em seu paiz, onde deu varios concertos, e por ultimo no *Lyceu de Bilinha* onde ao concluir o seu curso, fez-se ouvir em varias composições suas que obtiveram dos mestres e alumnos desse *conservatorio* os maiores applausos e a mais franca acreeitação.

Ha aproximadamente dois annos que Ettore Bosio reside entre nós, e, devido á sua grande modestia e susceptibilidade em não querer ser visto sorrateiramente pelos seus collegas d'arte, é que só hoje os nossos leitores vão conhecê-lo verdadeiramente, pois, este artista distincto soube disfarçar-se sob a capa de afinador e concertador de pianos, o fino e consciencioso compositor de *operas* e de *musica symphonica* que o publico vae julgar no proximo concerto que o sr. Bosio pretende realizar entre nós em muito breve espaço de tempo.

Em S. Paulo, a *roda* que o conhece de perto é muito limitada.

Não ha muito tempo reunia-se na casa do nosso amigo Pacheco Netto o que tinhamos de melhor em amadores e artistas e nesses serões musicaes é que tivemos a dita de ouvir entre um gole de *Spaten* e um trecho da *Moema* as operas *Semele* e *Ideale* do compositor italiano.

Cumpre notar que essas obras eram applaudidas por dilettante e artistas de primeira ordem e não pela confraria do *Elogio Mutuo*.

No concerto que pretende realizar o nosso amigo Bosio, tomarão parte além de varios artistas e amadores conhecidos, a exma. sra. d. Zulmira de Andrada Machado, cantora já apreciada entre nós, o professor Chiaffarelli, e os srs. Conde e Condessa Roszwalowsky, dois eminentes amadores que reuñem semanalmente em sua residencia os nossos bons artistas e amadores e onde se ouve a p. r. dos *poemas symphonicos* de *Liszt*, obras de *Beethoven*, *Schumann*, *Grieg*, *Sant-Saens* e outros vultos grandiosos da arte moderna tão pouco comprehendida e cultivada entre nós, mesmo pela falta absoluta de reuniões musicaes como é de uso fazer-se em quasi todas as cidades europeas.

Aqui, em S. Paulo, não se faz musica e, nem é bom fallar em tal, pois, quando vemos uma joven sentar-se ao piano é sempre para nos fazer ouvir uma *Fantasia*, um *tango*, a *Dallila* ou então a *Prrière d'une Vierge*.

Si as nossas *amadoras* não quizerem mudar de systema musical damos-lhe o conselho que nos occorre neste momento; *dansem*.

Está mais que provado que a educação intellectual nos vem da leitura de obras-modelo, da analyse e da comprehensão, assim como para a musica faz-se mister existirem reuniões onde se as possa ouvir, pois a falta absoluta de theatros entre nós fará com que aquelles que têm certa tendencia para as artes, percam-n'a em pouco tempo si não se alimentarem por si mesmo, cultivando as boas obras e fazendo reuniões em que se ouça ao menos ao piano, (o instrumento por excellencia escolhido como o mais perfeito para a *photographia das obras symphonicas*) as composições dos grandes mestres, que só os europeus têm a dita de ouvir-os no original, visto possuirem orchestras completas e excellentemente dirigidas,

Si contássemos as *reuniões musicas* entre nós como contamos as *dansantes*, estaria fóra de duvida que ha muito a musica teria tomado outro rumo e estaríamos mais educados para devidamente apreciarmos uma boa companhia lyrica e os concertistas que raramente nos visitam.

Quanto ao concerto do maestro Bosio estamos certos de passar uma noitada agradável e esperamos que tenha da parte do publico uma concurrencia animadora para que possa o nosso artista regressar á sua patria e lá trabalhar para collocar-se ao lado dos notaveis compositores contemporaneos.

No programma figura, além de outras peças que não nos occorrem agora, um *Concerto de Brethoven*, para dois pianos, *Um poema symphonico de Liszt*, *Les Preludes*, a dois pianos, uma *Marcha Funebre*, um *Minueto* e a imponente *Marcha da opera Copa d'Oro*, estas tres ultimas, de Ettore Bosio.

Esperamos ansiosos a occasião de applaudil-o e de apreciarmos de novo as suas importantes composições.

Conc. 13-6-90. Figarote

Andrés Cortés de Andrade Machado e Filha (estudou em Milão?)

PALCOS E SALÕES



Em reunião íntima, e com o fim de fazer ouvir alguns de seus alumnos, organisaram ante-hontem em casa de sua residencia, o maestro Andrada Machado e sua exma. sra. d. Zulmira de A. Machado, um pequeno *concerto* no qual só tomaram parte alumnos e alumnas dos dois distinctos professores.

Julga nos desnecessario relembrar aos nossos leitores que o maestro A. Machado nosso conterraneo assim como sua exma. senhora fizeram sua educação musical no Conservatorio de Milão e, portanto, estão ambos nos casos de prestar grandes serviços á mocidade que se dedica á difficil arte musical quanto mais, é certo que entre nós mui poucos a consideram seriamente e contentam-se em executar para si, trechos de *operetas* e *tangos* sem valor.

O concerto a que ante-hontem assistimos constou do seguinte programma que brilhou pela sua confecção séria e mostrou o accurado gosto de seus organisadores:

I

- SCHUMANN—*Le Rondine*, côro para vozes de senhoras.
- HAENDEL—*Largo*, para piano a quatro mãos, por Mlle. Marina Campos e A. Machado.
- BOITO—*Serenata*, (Mefistofele) duetto para contralto e soprano, Mlle. Brazilia de A. Machado e Mme. Angela Mesquita.
- SCHUMANN—*Canzone de Maggio*, côro para vozes de senhoras

II

- SCHUMANN—*Canzone della Filatrice*, côro.
- BEETHOVEN—1º tempo da V. Symphonia, Mlle. Antonia Souza Queiroz e Mme. Zulmira de A. Machado.
- MASSNET—*Arioso do Rei de Lahore*, sr. Paula Souza.
- BEETHOVEN—1º tempo da Sonata em dó sustenido, Mlle. Josephina Melchert.
- GLUCK—*Aria de Orpheo*, Mlle. Brazilia Machado.
- SCHUMANN—*Canzone de Primavera*, côro.

E' bom que se diga que os alumnos destes distinctos professores não datam senão de mezes, e alguns somente de um anno de estudo, sendo portanto enorme o progresso obtido por essa gentilissima pleiade de jovens discipulas que, realmente são dignas dos maiores encomios pela maneira porque se dedicam ao estudo musical dando preferencia aos mestres classicos e cantando os *córos* de Schumann, como ante hontem tivemos occasião de ouvir e applaudir, tanto pelo modo por que cantaram como tambem pela interpretação regularissima que deram a essas pequenas joias difficilimas do grande vulto allemão.

Toçaram ao piano Milles Marina Campos, que executou com seu professor o Largo de Handel, mostrando ter gosto, sptidão e firmeza; Mlle Josephina Melchert, que executou o andante da Sonata em dó menor (Ao luar) de Beethoven, mui correctamente, com sentimento e boa interpretação, e Mlle. Antonia de Souza Queiroz, que executou com bastante brio a 4 mãos com sua professora Mme. Zulmira de A. Machado, o *Allegro* da V. Symphonia de Beethoven.

São estas tres discipulas que nos fazem antever tres boas piaúistas, si continuarem a cultivar os bons mestres e o estudo acurado desse difficil e ingrato instrumento.

As peças de canto foram confiadas a Mlle. Brazilia de A. Machado que mostrou possuir uma boa e muito aproveitavel voz de *contralto*, Mme. Angela Mesquita, e Mlle. Gabriella de Oliveira, ambas com voz de soprano, e o sr. Paula Souza que incontestavelmente tem feito progressos com sua boa voz de barytono.

Finalisamos aqui, recommendando aos distinctos professores que nos dêem por mais amudadas vezes, *ensaios musicaes* desta ordem, que não fazem senão estimular o gosto entre suas discipulas e iniciais na comprehensão da verdadeira arte musical que consiste no cultivo da boa e sã musica dos mestres classicos e modernos.

Cor. 14. 6. 90. Figarote

CONCERTOS

CONCERTO BOSIO



Realizou-se ante-hontem no salão do theatro S. José o anunciado concerto do maestro Ettore Bosio.

A concurrencia regular apesar do máo tempo, teve occasião de apreciar devidamente o magnifico programma, e, ainda mais, conhecer de perto esse artista que, residente entre nós desde ha muito, só nessa noite mostrava a sua verdadeira individualidade, isto é: um compositor fino, original e de grande merecimento.

O programma soffreu pequenas alterações e ficou estabelecido como se segue:

PRIMEIRA PARTE

1. Bosio—*Preludio em Fd.* para 2 pianos, Conde Rozwadowski, o Autor.
2. Massenet—*Re di Lahore*, aríoso, sr. Vettorazo.
3. Dancla—*Andantino e Polonaise*, para violino, professor J. Bastiani.
4. Condessa R. Rozwadowska—*Regrets d'un frere*, para piano, Conde Rozwadowski.
5. a) Schumann—*Conto de Primavera*, b) Verdi—*Aria de Gilda no Rigoletto*, exma. sra. d. Zulmira Machado.
6. Liszt—*Les Préludes*, poema symphonico para 2 pianos, sr. Conde Rozwadowski, e professor Chiaffarelli.

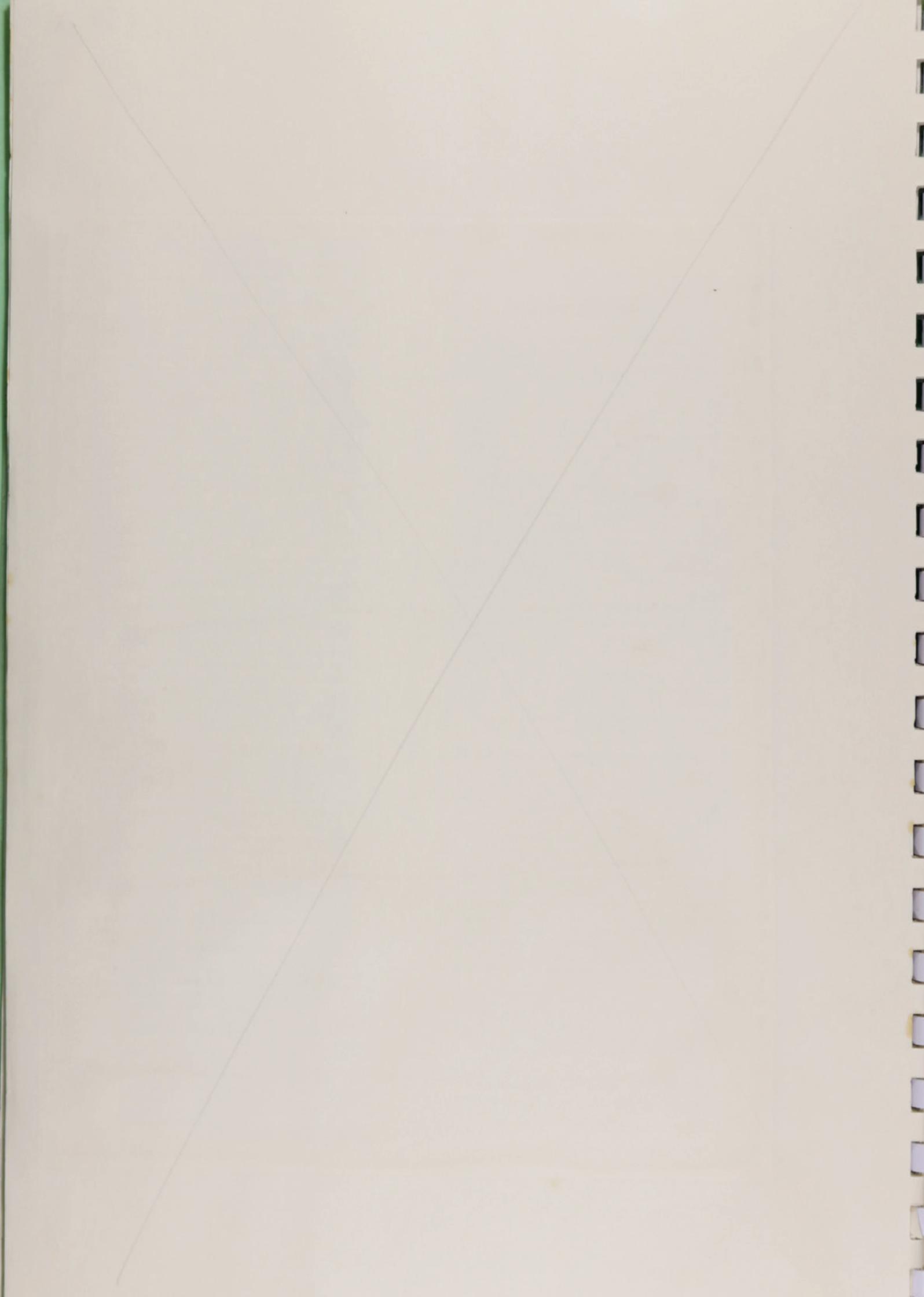
SEGUNDA PARTE

1. Bosio a) *Marcha funebre*, para 2 pianos, b) *Scherzo-Danza* para 2 pianos, exma. sra. Condessa H. Rozwadowska, o Autor.
2. a) Raff—*Cavatina*, b) Hauser—*Original Ungarischer* para violino, professor Bastiani.
3. Liszt—*Rhapsodia Espanhola*: Folie d'Espagne e Jota, Aragonesa, professor Chiaffarelli.
4. Bosio—*Marcha triumphal* extrahido da opera *Coppa D'Oro* para 8 mãos, exma. sra. Condessa H. Rozwadowska, Conde Rozwadowski, professor Chiaffarelli, e o Autor.

Todos os artistas e amadores que nelle tomaram parte, sahiram-se garbosamente e foram calorosamente applaudidos pelo selecto auditorio que constava na sua maior parte, do nosso mais fino grupo de *dilletantis* que, hontem dou provas de que, para ouvir boa musica, o máo tempo não é empecilho grave para quem a gosta e cultiva com dedicacão o amor.

Pedimos venia para nos occuparmos hoje, só, e unicamente do maestro Bosio.

As suas composições foram ante-hontem, uma revelacão para o publico de São Paulo que, infelizmente, alheio a tudo que diz arte, teve a surpresa de ouvir peças de verdadeiro peso, não obstante serem ellas escriptas para grande orchestra.



As reduções que ouvimos a dois pianos, deram-nos uma idéa muito clara e concisa do effeito surpreendente que devem produzir em uma grande orchestra, mórmente quando se tem o dom de conhecer familiarmente (como o maestro Bosio) todas as intrincadas difficuldades que apresenta uma orchestra com seus elementos heterogeneos e complicadissimos.

Figarote conhece instrumentações de E. Bosio e pôde portanto asseverar a quem ler estas linhas que elle maneja com rara felicidade as massas instrumentaes, e as suas partituras são dignas de serem lidas por todo aquelle que se dedica a arte musical e, sobretudo, á symphonica.

Das pecas do programma agradou-nos immensamente o magnifico *Preludio* em fá maior, que a par de uma melodia simples e clara, reúne uma fórma bem accentuada e uma harmonisação sempre interessante e as vezes mesmo, completamente nova.

A *Marcha Funebre* que foi expressamente composta para ser executada na *cerimonia funebre* em memoria do *Duque de Aosta* e, que por falta de orchestra não o foi, é uma composição de valor pela sua côr grave e fórma um tanto nova.

O *Scherzo-Dança* é um *bijou* no genero. Foi magnificamente interpretado, com muita delicadeza e com fino colorido.

O concerto finalizou-se com a *marcha da Coppa d'Oro* que, estamos certos, produzirá grande effeito sempre que for executada com orchestra e côros como o original.

Ao maestro Bosio foi offerecido um lindo bouquet de flores naturaes, e por varias vezes chamado e applaudido entusiasticamente pelo auditorio.

Ettore Bosio possui, (o que é rarissimo) uma individualidade e estylo completamente seus; as suas composições pertencem ao genero italiano porém ao italiano bom, moderno e são; a esse italiano que é hoje cultivado por poucos, por muito poucos mesmo; por aquelles que mais tarde com justiça se proclamarão os reformadores da hoje decadente musica italiana.

Ettore Bosio é um reformador; pôde com o talento que tem, illustrar a sua patria de mais de um volume das obras importantes, si quizer impôr-se ás intemperies da sorte e trabalhar com o fim unico de conseguir em seu paiz, ser representado, to este que não é dado a todos, porém,

fact

quando se tem talento, vence-se todas as difficuldades.

Ettore Bosio tem talento é, mesmo muito.

Siga o nosso conselho: volte a Europa, não esmoreça e verá que a felicidade, assim como chega a tantos, também acabará por visitá-lo e collocá-lo em pedestal digno de seu grande engenho e de sua rija tempera de artista.

Ao amigo Bosio, um abraço pela esplendida noitada que nos proporcionou, e, ás gentilissimas: Zulmira Machado, Condessa Roswadowska, e os srs. Conde Roswadowsky, J. Bastiani, L. Chiaffarelli, L. Vettorazo e A. C. Machado mais um bravo pelo esplendido auxilio prestado ao maestro, e pelo successo que obtiveram na noite de sexta-feira.

Canção - 27-6-90 Figarote

CONCERTOS

Realizou-se sabbado ultimo, no Club Germania, um dos magnificos saraus musicaes-dansantes que aquella sociedade frequentemente offerece aos seus socios.

A concurrencia que era numerosa, applaudiu o pequeno porém selecto programma que aqui transcrevemos:

- 1) L. v. Beethoven, Trio in B-dur: Allegro con brio und Adagio, srs. H. Stupakoff, G. Bastiani e Alexandre Levy.
- 2) Eggers, Duett für Tenor und Bass, srs. Stupakoff e G. Brack.
- 3) a. Karganoff, «Gavotte» in C-moll, sr. Luiz Levy.
b. Tchaikowsky, «Natha» Caprice-Valse, sr. Luiz Levy.
c. J. Brahms, «Ungarische Tänze» n. 6, sr. Luiz Levy.
- 4) a. B. Godard, «Barcarolle» n. 3 für Violine und Pianoforte, sr. G. Bastiani.
b. M. Moskowsky, «Boleto Espagnole» do sr. G. Bastiani
- 5) Alb. Braun, «Mutterseelenshein» Lied für Sopran, mlle. Wehrsig.
- 6) a. Fr. Abt, «Die stille Wasserrose»
b. H. Marschner, Trinklied aus dem «Vampyr», quartetto para vozes de homens.

CONCERTOS

O *Bolero hespanhol* de Moskoroski assim como o *côro: Trinklied* foram bisados e calorosamente applaudidos.

O *Trio* em Si, b de Beethoven teve boa execução.

O sr. L. Levy sobressahiu-se na dança-hungara de Brahms, assim como o sr. Bastiani na finissima e delicada *Barcarolle* de Godard, e os srs. Stupakoff e Brack no duetto de Eggers.

Ouvimos tambem com grande prazer mlle. Wehrsig que cantou com sua boa voz de soprano uma *romanza de Braun* obtendo muitos applausos.

A segunda parte do programma consistiu do baile que prolongou-se até pela madrugada, reinando sempre grande cordialidade e animação.

Em synthese: Uma esplendida noite passaram aquelles que tiveram a ventura de lá ir.

Já que tratamos de sociedade allemã, aproveitamos a occasião, para annunciar ao publico que o Club Mendelsohn já vae muito adeantado com os ensaios para a opera *Martha* que será representada pelo mesmo grupo que ha dois annos aqui levou com extraordinario successo a opera: *Stradella*.

O corpo coral compõe-se d'esta vez de 50 pessoas sendo 25 senhoras e 25 homens, o que faz nos antever um grande exito senão egual, ao menos, muito maior que o da opera *Stradella*.

As partes solistas estão confiadas a mlle. L. Roedder, Mlle. Brack, e os srs. Stupakoff, Brack, Bosch, e Boecker.

A orchestra sob a direcção de Alexandre Levy.

Estamos anciosos para ouvirmos este conjucto que mais uma vez virá provar que, si entre nós não existisse uma colonia allemã digna e laboriosa como a que possuímos, a esta hora não teriamos applaudido o *Freischutz* e o *Stradella* e em muito breve (em 2 mezes apenas) a popular e magnifica partitura de Flotow: *Martha*.

Parabens, parabens, a tão grandioso tentamen.

Canico-22-7-90 FIGAROTE

Em uma das noites da semana passada, tivemos o prazer de ouvir em reunião muito intima, em casa do distincto cavalheiro sr. Guilherme P. Ralston, um *concerto* que, pela sua importancia, não podemos deixar esquecido daquelles que se interessam por estas agradaveis e utilissimas reuniões que, queira Deus, parecem querer acclimar-se na nossa capital, com grande accitação por parte daquelles que verdadeiramente amam as artes e que se deixam prender por esta sem sacrificio de sorte alguma.

Seria bom, si todas as familias immittassem tão benéfico exemplo concorrendo desta arte para desenvolver entre nós o cultivo da boa musica.

Reunido em casa do distincto *gentleman* o que temos de melhor na nossa *élite*, executou-se o excellento programma que em seguida transcrevemos:

1.ª PARTE

- 1 *Chopin Nocturno* n. 15. Piano solo. Mlle. Elvira Machado.
 - 2 *Chopin. 3.ª Ballada.* Piano solo. Mlle. Placidina do Amaral.
 - 3 *A. Levy. Comala. Poema symphonico.* 2 pianos. Luiz e Alexandre Levy.
 - 4 *Chopin. Polonaise* em la bemol. Piano solo. Mlle. Dulce Cochrane.
 - 5 *Saint-Saens. Marche Heroique* para 2 pianos. Mlles. Armenia Ralston, Grace Sherrington e Elvira Machado.
- 2.ª PARTE
- 6 *Saint-Saens. Variations sur un theme de Beethoven,* para 2 pianos. Srs. Conde Roswadowski e Alexandre Levy.
 - 7 *Moszkowski. Polonaise* em re. Piano solo. Sr. L. Levy.
 - 8 *Massenet. Phedra. Ouverture* para 2 pianos. Mlle. Paulina Levy e L. Levy.
 - 9 *Mendelssohn Capricio em si menor.* Piano solo. Mlle. Dulce Cochrane.
 - 10 *Liszt. Rhapsodia Hungara* n. 2. para 2 pianos. Mlle. Armenia Ralston e sr. L. Levy.

Quanto a execução das peças, basta-nos ver a qualidade dos autores para deduzirmos que não são composições de pequena importancia e que requerem portanto executantes como os que tivemos a surpresa de ouvir num concerto, onde cada qual por sua vez mostrou possuir comprehensão, gesto e verdadeiro tino musical, concorrendo todos para a boa interpretação do programma no qual figurava como novidade o *poema symphonico: Comala*, do distincto maestrino Alexandre Levy.

Entre a primeira e a segunda parte foi servida uma lauta meza de doces, durante a qual reinou a maior alegria de par com a mais intima cordialidade, retirando-se aquelles, que tiveram a ventura de lá estar, penhoradissimos pela gentileza e amabilidade dos donos da casa que, em tão boa hora tiveram a feliz lembrança de iniciar entre nós este genero de reuniões, que, acreditamos, terá para regalo nosso, mais de um imitador que saiba aquilatar o valoroso incentivo, que é este, para estimular as nossas vocações ao estudo de uma das mais bellas das artes: a musica.

Finalizamos aqui esta pallida resenha da magnifica *soirée* musical que deixou em todos, a mais profunda impressão, e, que, esperamos, não será a unica com que o nosso estimavel amigo sr. J. P. Ralston nos regale.

Daqui enviamos mais um bravo entusiastico pelo magnifico concerto.

Canico 26-7-90 Figarote.

CONCERTOS

MARCEL HERWEGH

Convidados pela Casa Levy para assistirmos a um pequeno concerto, dado ante-hontem pelo violinista Marcel Herwegh, no salão desse estabelecimento musical, nos é grato annunciar aos nossos leitores que, realmente sabimos encantados depois de ouvirmos esse notavel artista em composições de Grieg, Sagnysky, Svendsen, Vioux temps e muitos outros representantes da escola moderna e antiga.

Marcel Herwegh, é, sem contradição um violinista de primeira ordem, um artista de fina tempera e um interprete correctissimo dos bons compositores modernos.

Sentimo-nos orgulhosos neste ponto, não coincidirmos com a opinião exarada pela critica fluminense.

Herwegh foi infeliz no Rio de Janeiro como quasi todos os bons artistas que alli pisam. Herwegh tocou em uma sala vazia, e, ainda mais, vendo-se ludibriado e alvo de uma rivalidade ridicula por parte dos melhores musicos dali.

Esperamos que S. Paulo saiba melhor avaliar, e imparcialmente esse artista distinctissimo no seu concerto que brevemente será annunciado.

Marcel Herwegh é de nacionalidade Suissa, filho do notavel poeta Jorge Herwegh, e discipulo do notabilissimo violinista E. Singer.

Tem tocado simultaneamente com as maiores celebridades europeas, entre as quaes nota-se o celebre Sarasate, Sivori, e Wieniawsky.

Manteve relações estreitas com o grandioso Liszt, do qual guarda uma preciosa reliquia; a ultima carta escripta por essa summidade musical e a elle (Herwegh) dirigida.

Fraz Ries, o celebre violinista, compositor e critico diz a seu respeito:

« O sr. Herwegh apresentou-se como « artista extraordinario. Raras vezes é « nos dado ouvir um som tão sympathico no violino, o qual, sem ser muito « grande, é de muito a cance e tocante. « Sua technica é muito firme e especialmente de effeito imponente nos Staccatos. Elle obteo enormes successos em « varios sarras e concertos dados com « Sarasate, Sembrich, Bulow, Guilleminet e Brauchi. »

Semelhante opinião enunciada por tal notabilidade, nos da o direito de acreditar o que a pouco presenciámos lendo as criticas fluminenses: O sr. Herwegh foi infeliz no Rio e soffreu tremenda esbala feita pelos pobres do espirito e pelos mesquinhos invejosos de seu talento.

do brilhante, messors que esperam no tempo...

Carta de Wagner

21
Europa o sr Herwegh, virao com o tempo confirmar o que agora dizemos, e o publico do Rio tera de curvar-se medonhamente humilde perante a recepção fria, má, e insidiosa que fez a um artista que, em nada é inferior a muitos que alli estiveram e que fruíram de successo monumental.

Ao sr. Herwegh, nossos parabens pelo successo obtido ante-hontem na Casa Levy, onde se achava reunido o que temos de melhor no que diz respeito a musicos.

8-8-90 Figarote.



MARIA MONTEIRO

Ha cerca de um, anno mais em menos, escreveu o sr. A. Levy, nas columnas da ex-Provincia de S. Paulo, um artigo no qual exaltava os dotes musicos de duas distinctas paulistas que, estavam no Conservatorio de Mião, e que são bem conhecidas dos nossos leitores.

Erão ellas: mille, Maria Monteiro, de Campnas, e mille, Clotilde Magalhães, de S. Paulo.

No mesmo artigo o sr. Levy transcrevia de jornaes italianos os elogios entusiasticos d'ellas, e, ainda mais, o futuro brilhante que prophetisavam ás nossas comprovincianas, as folhas milanezas.

A prophacia realison-se em parte.

Mlle. Maria Monteiro assignou contracto para quinze recitas em «Peruggia». Irá cantar o «Mephistopheles» e a «Lucrecia Borgia» em companhia de Patti tini, Marconi e Theodorini, na ta mais, cada menos lo que, com tres das maiores celebridades europas.

E' com o coração transportado de jubilo, que damos esta grata nota aos nossos leitores que devem, como nós, achar-se orgulhosos por serem compatriotas da distincta artista.

O facto por si só de ser esta no sa comprovinciana contractada, não terá grande importancia; porém, quando vemos que ao lado della tres notabilidades, é fóra de toda a duvida que podemos augurar-lhe as maiores glorias tanto para si como para seu paiz.

Mlle. Monteiro, teve para conseguir-se des deratum de subir-se a um exame vago, do qual com grande triumpho sahio vencedora, levando um premio e o seu diploma de «maestra di canto».

A victoria foi completa, e podemos nos regosijar pe ante essa comprovinciana que, realmente, é digna dos maiores elogios.

A sua voz de contralto, grave, equal, e de volume, é sempre ouvida com grande prazer

SEQUE ->

O seu physico, é dos mais attrahentes; possui estatura mediana, tez morena, e um par de olhos capazes de seduzir a platea mais exigente em artigos cantoras.

Os jornaes de M.ão, tratando dos ultimos exames havidos no Conservatorio, são todos unanimes, em prodigalidades eucumbasticas.

D'entre elles destacamos o seguinte topico:

« A signorina Monteiro possui esplendida voz de contralto: cantou a aria: « SALUTE O CAVALIER, dos «Huguenotes,» com muita bravura e com fino sentimento.

« Figura elegante, morena, intelligentissima, possui LE PHYSIQUE DU RÔLE e pôde seguir uma carreira brilhante e occupar entre os artistas melodramaticos, um dos melhores postos.

Que nos consta, é esta a primeira estral dramatica de uma cantora brasileira, o que não seja a uatã, pois o successo que indubitavelmente terá esta distincta artista (do que informamos o nosso publico) será um incentivo para que os nossos compositores, deixem de lado e para sempre o antigo preconceito entravado na nossa sociedade contra tudo o que é artista.

O artista nobilita-se com a sua profissão.

Adelida Patti é altamente considerada: possui o seu admirado castello na E-cocia.

Tamagno, Maurel e outros, são disputados pelos salões da aristocracia europea.

Gayarre teve exequias eguaes ás de um príncipe.

Quem nos diz que Maria Monteiro com a voz que possui, não chegará a ser disputada pe os empresarios, e não conseguirá a sua garganta um Potosi?

O tempo, só o tem o poderá realisar o que aqui deixamos dito á guisa de propheta.

Parabens, mil parabens a nossa compatriota Maria Monteiro.

FIGAROTE.

Sentimo-nos acanhados ao traçar estas linhas, visto não acharmos adjectivos que possam dizer o que se sente quando se ouve Gemma Luziani.

No seu proximo concerto repetirá algumas das peças que mais agradaram no primeiro; entre essas destacaremos o «Momento Capriccioso» de Westerhout e o «Minuette» de Paderewski que causaram grande sensação no auditorio.

S. Paulo deve assistir a esse segundo concerto.

Tem obrigação restricta, si não quizer desistir (que boa idéa?!?) do epitheto mal cabido de...capital artistica!!!

FIGAROTE

CONCERTOS

GEMMA LUZIANI

As pessoas de bom gosto que tiveram ante-hontem a feliz idéa de passar a noite no theatro do Congresso Gymnastico Portuguez, nunca se arrependirão de tello feito.

Poucas vezes temos visto applaudir-se com tanto calor e com tanto entusiasmo, um artista nos nossos palcos.

O caso é este:

Gemma Luziani, é uma pianista como mui poucas vezes temos ouvido no Brazil.

Apesar de vir precedida de grande nomeada e de obter ultimamente no Rio estrondoso successo a população da capital artistica não se abalou de casa para ouvi-la e, ainda mais, devolveu-lhe á ultima hora bilhetes que a gentilissima artista tinha tido a delicadeza suprema de enviar-lha.

Nos paizes europeus um artista distincto não passa bilhetes a pessoa alguma e vé sempre com satisfação o seu theatro cheio a transbordar.

Aqui na capital artistica, o caso muda de figura.

O artista que não passar bilhetes, passará ao menos (o que já não é pouco) pela amarga decepção de tocar para as cadeiras e camarotes vazios, ou então para um limitadissimo numero de *diletanti* distinctos que não lhe poupa applausos.

Foi o que ante-hontem presenciámos.

Si não fora a susceptibilidade que temos em não querer angariar antipathias com pessoa alguma, citaríamos as presenças ao concerto da eximia pianista Gemma Luziani, que brilharam pela sua presença, e, ainda mais, quando vimos a pequena, porém selecta parte do nosso sexo fragil bater-lhe as mãosinhas num delirio de entusiasmo.

Console-se porém a distincta artista. Si, Rubinstein, Hans de Bulow ou Liszt dessem concertos em S. Paulo, o mesmo lhes aconteceria.

Gemma Luziani, ainda que muito joven, já pôde ter o seu nome collocado a par das notabilidades europeas.

Tem uma agilidade e equaldade como nunca ouvimos no Brazil em pianista algum. Toca com alma, sabe interpretar os classicos dando-lhe sempre o colorido necessario sem exagerar como é muito commum nos pianistas que frequentemente nos visitam.

Possue mãos pequenas e por esse facto não poderá executar grande parte do repertorio de Liszt e Rubinstein porém quando se interpreta a Sonata em ré menor de Beethoven, o Momento Capriccioso de Westerhout e a Tocata de Paradisi, pôde-se executar sem receio deante das plateas mais exigentes.

Varias peças do programma foram freneticamente applaudidas, e as seguintes repetidas a pedido do publico:

Westerhout, Momento Capriccioso.

Haendel, Gavotte.

Rinaldi, Lago del Pastore.

Poderevski, minuette.

Gemma Luziani excedeu-se na Sonata de Beethoven no «Momento Capriccioso», na «Tocata» de Paradisi, no «Improviso» de Matucci e no «Chant du Rhin» de Bizet nos quaes revelou-se não só eximia pianista como interprete conscienciosa dos

CONCERTOS

MARCEL HERWEGH

Ha poucos dias ainda, quando tratámos do concerto da eximia pianista Gemma Luziani, puzemos nossas duvidas acerca de ser, ou não ser S. Paulo, a capital artistica do Brazil.

O concerto do violinista Marcel Herwegh, realisado ante-hontem no theatro do Congresso Gymnastico Portuguez, veiu de uma vez confirmar aquillo que, por um excesso de bairrismo tinhamos deixado de quarentena.

S. Paulo nunca foi, não é, e quem sabe si virá a ser a capital artistica brasileira algum dia?

Sarah Bernhardt errou. Retracte-se. O dito por não dito.

O sr. Marcel Herwegh não era nenhum desconhecido para S. Paulo.

Já se tinha feito ouvir em um pequeno concerto privado e por elle offerecido á imprensa. Nessa occasião a mesma imprensa foi unanime em elogiá-lo e, portanto, o publico tambem já instruido de que estava com um bom artista em vespas de poder ouvi-lo.

Pois, pela segunda vez S. Paulo, isto é, a capital artistica, fez fiasco.

Ao concerto do sr. Herwegh compareceram apenas oito ou dez camarotes e quinze ou vinte cadeiras... occupadas. O resto... é triste dizer, porém... estava vazio como um ovo vasado.

Apesar disto, o pequeno e selecto numero de auditores não lhe poupou applausos, fazendo com que o violinista Herwegh viesse ao proscenio varias vezes, offerecendo-lhe bouquets e fazendo com que esse distincto artista incluísse ainda no programma mais dois extras que foram: a Cavatina de Raff e a delicadissima Berceuse de Reber, que o artista executou-a finamente e com colorido surprehendente.

As peças em que o artista mais se sobressahiu foram incontestavelmente, na *Introduccion et Rondó Capriccioso* de *Saint-Saens*, no *Zapateado* de *Sarasate*, na *Mazurka* de *Zarzycki* e na difficillima phantasia sobre themas russos de *Wienicaski*, onde venceu grandes difficuldades, e tirou grande partido dos sons harmonicos nos quaes mostrou-nos uma firmeza de afinação irreprehensivel.

Ao sr. Herwegh nossos parabens pelo seu brilhante successo.

Tomaram parte nesse concerto:

Mlle. G. Giraudon, que cantou com bastantes applausos a *Alba* de Rotoli, e *Cantilena* da Op. *Cinq-Mars* de Gounod, recebendo um esplendido bouquet de flores naturaes.

O sr. Chiffarelli, que executou tambem com bastantes applausos, o estudo em do *diesis* menor de Chopin e o *Capricho-Hespanhol* de Moszkowski;

Os srs. Stupakoff, Alex. Levy e Herwegh, executaram o *Andante* e final do Trio em ré menor de Mendelssohn, uma das joias do repertorio da musica de *Camara*.

A todos, os nossos parabens pelo successo obtido.

Couiro-29-8-90 Figarole.

MARCEL HERWEGH

Como hontem promettemos, damos abaixo varias transcripções de diversas criticas europeas á respeito do notavel violinista «Marcel Herwegh» que acha-se presentemente entre nós.

Por occasião do seu concerto, uma das folhas da capital, ou por não lá ter mandado ninguem, ou por tel-o mal comprehendido disse á respeito deste notavel artista o que se segue:

« Si lhes falta expressão, ou melhor, estudo do aprofundado do autor da peça para dar-lhe a interpretação que lhe compete, sobra-lhe agilidade, capricho e desembaraço no manejo do arco »

Ora convenhamos que, quem tal escreveu não conhece sequer uma só das peças do programma do concerto dado pelo distincto artista.

Sem contradicção, o que nos agradou mais desde a sua 1.ª exhibição nesta capital, foi justamente o que o collega lhes censura:

A qualidade maior do sr. Herwegh, é justamente o saber interpretar na «justa medida», todos os excellentes autores de seu magnifico repertorio.

Não exagera, não corta as phrases, dá um colorido sempre em relação com o autor de tal ou tal peça, e enfim, «não italianisa» as melodias como a maior parte dos violinistas que nos vizitam o fazem.

O sr. Herwegh, em uma sonata de «Beethoven não é o mesmo sr. Herwegh em uma sonata de «Grieg», como tambem não é em uma sonata de «Raff» o que seria na severa aria de «Bach». A qualidade suprema em um «virtuose» é a cor diversa que dá aos compositores, a ponto de podermos destacar a execução de um trecho de escola modena para a escola antiga, assim como de um trecho de musica romantica para uma simples «badinage» ou trecho de leve contextura.

O sr. Herwegh possui estas qualidades em alto grau. Interpreta «Beethoven» de maneira diversa do que interpreta «Schumann», assim como interpreta «Goldmark» de modo diverso do que interpreta «Haydn».

Fomos sempre os primeiros aqui na capital, a reconhecer superioridade neste distincto artista.

Hoje vemo-nos obrigados a transcrever varias criticas de jornaes europeus que, (confessemos a verdade) deu-nos insano trabalho em procural-as, porém teremos a certeza de que serão lidas e tidas como competentes, visto estar entre nós tão nulla a apreciação jornalística á respeito de arte, a ponto de fazermos das folhas fluminenses um «Mentor» ridiculo para o nosso intellecto que, muitas vezes parece

ão querer perder-se em conjecturas, sobre assumptos musicaes.

Passemos á revista de jornaes:

«Le Gaulois» diz o seguinte:

«Sexta-feira, concerto dado pelo violinista Marcel Herwegh. O Rondó Capriccioso de S. Saens, andante e final do concerto de Wieniawski, a Bohemienne e um Scherzo de Mlle. Chaminade, executadas com uma admiravel largueza de estylo e uma deliciosa sonoridade, valeram a este artista distincto, numerosos applausos.

«Mr. Herwegh, é esperado na Austria onde dará uma série de concertos.»

«O Menestrel», o primeiro jornal musical de Paris, e, onde collabora Pougin, diz o seguinte:

«Mr. Herwegh deu na sexta-feira o seu concerto annual com o concurso de Mlle Chaminade e Pregi. A bella Sonata de Grieg, impressionou vivamente o auditorio.

«Nunca o violino do sr. Herwegh, vibrou com maior brilho e magestade.

«O andante de Bach, Scherzo de Chaminade e o concerto de Wieniawski mostraram cada um por sua vez, este talento multiplo sob todas as suas fórmas.

«Quando o «Menestrel» diz isto, cremos nós que o artista já está con-agrado; porém, avante—lá vae mais:

«Le Matin».

«O concerto que Marcel Herwegh, o muito distincto violinista deu hontem, foi um dos mais interessantes e dos mais brilhantes da presente estação. O artista fez-se applaudir, prolongadamente, executando de um modo magistral o Rondó de S. Saens, um Andante de Bach, um concerto de Wieniawski, e composições de Chaminade, Swendsen e Sarazate.»

Para concluirmos, diremos ainda que um dos mais importantes orgams musicaes, da Allemanha, ao dar o «compte rendu dos Concertos de 1886, em Berlim diz o seguinte:

«Dos concertos realizados este anno, dois se sobreshiram: «O de Sarazate e o do Marcel Herwegh.»

Cont. 31-8-00

CONCERTOS

GEMMA LUZIANI

Gemma Luziani, a distinctissima pianista, resiou ante-hontem no theatro do Congresso Gymnastico Portuguez, o seu segundo e ultimo concerto nesta capital.

O pequeno theatro da rua da Boa Vista nunca apresentou melhor aspecto.

Litteralmente cheio, tanto a platéa como os camarotes, sobresahindo notavelmente a concurrencia de senhoras que davam a sala um tom verdadeiramente encantador pela diversidade de colorido e de nuanças nas *toilettes*.

Gemma Luziani, mais uma vez confirmou o seu valor incontestavel de pianista de primeira ordem.

Foi muitissimo a plaudida em todos os trechos que executou, sendo bizados o Minuetto de Paderewski e a Gavotta de Handel, nas quaes a distincta pianista é inexcedivel pela correccão, limpeza e sobretudo pela egualdade com que executa as escalas e mais enfeites com que são ornadas estas delicadissimas composições.

A sra. Luziani executou além das peças do programma, o esplendido *Improviso* de Mastucci, obtendo calorosos applausos pela perfeição com que o tocou.

As peças em que mais mostrou a sua capacidade musical foram: A *Polenaise* de Chopin, a *Ballada* do mesmo autor, a sonata *Appassionata* de Beethoven, e remodo no *Preludio e fuga* de Mendelssohn, peça de incontestavel difficuldade pela interpretação e execução. A sra. Luziani excedeu-se neste trecho, de magistral concepção executando com colorido, vigor e energia o thema de Luthero, que procede da Fuga, tirando efeitos surprehendedentes.

Deve estar satisfeita a distincta artista, com o successo obtido ante-hontem. Não lhe faltaram flores, presentes e palmas.

A distincta colônia italiana da capital offerrou-lhe um riquissimo diadema de brillantes feito nas excellentes officinas dos srs. Abrate, Irmão & Baroni, e uma esplendida bandeira feita de flores naturaes e representando as tres cores-nacionais

O dr. Climaco Barboza offereceu-lhe um lindissimo bouquet de flores artificiaes.

Um grupo ideal das mais fervorosas admiradoras do talento de Gemma Luziani, offereceu-lhe dois esplendidos bouquets de flores naturaes acompanhando um lindo choro, onde se liam os nomes das gentes offeriantes.

Emfim, uma notada como raras vezes temos occasião de ter, foi a de ante-hontem.

Gemma Luziani parte hoje para Santos, onde pretende realizar um ou dois concertos.

Ao publico santista recommendamos a gentil e distinctissima artista.

Car. 3-9-90 Figarote.



MARIA MONTEIRO

Ha dias noticiámos estar esta nossa distincta compatriota escripturada para a estação lyrica de Perrugia (Italia).

Augurámos-lhe nessa occasião o mais completo successo e mais franca accettazione.

A nossa prophecia realisou-se cabalmente.

Maria Monteiro, segundo telegramma recebido hontem, acaba de estrear, com grande successo e auspicioso futuro, no theatro supracitado.

Esperamos, com anxiedade, noticias minuciosas a respeito deste grande facto que, nos honra sobremodo e pelo qual transbordamos de jubilo por ser a primeira estréa brilhante de uma cantora nacional, nos theatros do velho mundo.

Mlle. Maria Monteiro dou o seu primeiro e perigosissimo passo com bravura e d'elle sahiu-se galhardamente.

As portas dos templos da arte lhe estão abertas; poderá penetrar do hoje em diante segura de si e, ainda mais, certa de que as ovações que terá pelas capitães civilisadas, acharão echo e grangearão nomeada não só para si como tambem para seu paiz que neste momento deve estremecer de orgulho ante tão faustoso acontecimento.

Aos nossos leitores promettemos informal-os de minuciosidades logo que tivermos noticias pelos periodicos europeus.

CONCERTOS

MARCEL HERWEGH

Com grande concorrência, realisou-se ante-hontem no theatro do Congresso Gymnastico Portuguez, o concerto do distincto violinista Marcel Herwegh.

O publico entusiasmado não lhe pou-pou applausos, fazendo-o por diversas vezes vir ao proscenio.

O programma magnificamente confec-cionado, foi fielmente executado.

Transcrevemoz-o aqui :

PRIMEIRA PARTE

I—Beethoven — Sonata em fá para piano, e violinosrs. Chiaffarelli e Mar-cel Herwegh.

II—Wieniawski — Fantasia da opera Fausto, de Gounod, sr. Marcel Herwegh.

III—Verdi—Jerusalem (Cavatina) para soprano, sra. L. Roedde.

IV—a) Chopin—Nocturno, para vio-lino.

b) Ries—Scherzs, idem, idem.

c) Schumann—Chant du soir, idem, sr. Marcel Herwegh.

SEGUNDA PARTE.

I—Tartini—Variações sobre uma ga-votta de Corelli, sr. Marcel Herwegh.

—II—a) Gumbert — Oiseaux légers, para soprano.

b) Wekerlin — Réveil, idem, idem, sra. L. Roedder.

III—b) Chopin—Mazurca, para piano.

c)—Mendelssohn—Romance sans pa-roles, idem, idem.

d) Raff — Fantasiie Polonaise, idem, idem, sr. Chiaffarelli.

IV—o) Sarasate — Malaguena, para violino

b) Brahms Joachim — Dança hungara, idem, idem, sr. Marcel Herwegh.

O sr Herwegh, agradou-nos sobre-modo na Sonata de Beethoven, no Scher-zo de Ries, no Chant du soir de Schu-mann e na difficilima phantasia sobre o Faust de Wieniawski, onde mostrou-nos conhecer todos os requisitos indispen-saveis para um verdadeiro artista : alma, correcção, estylo e sobretudo interpre-tação.

Nas variações de Tartini, o sr. Herwegh foi de uma simplicidade esplendi-da, e na *Dança Hungara* de Brahms, de uma verve e *ENTRAIN dignos sã*, de quem com elle, conhece os bons aulores e está habituado a estudal-os e a ou-vil-os.

Não lhe faltaram flores e applausos.

Ao terminar o *Chant du Soir* de Schumann foi-lhe offerecido um esplendido annel com brilhante, mimo, esse do

Tomaram ainda parte no concerto a gentil mlla. Leopoldina Roedder e o distincto professor L. Chiaffarelli.

Mlle. Roedder obteve calorosos applau-sos em tres trechos que cantou com sua clara e bem timbrada voz de soprano.

Pena é que essa distincta amadora não se deliquie exclusivamente ao theatro, pois com dois ou tres annos de estudos serios em um conservatorio europeu, conseguiria com certeza obter grandes triumphos nos melhores theatros do velho mundo.

Mlle. Roedder possui uma voz forte, clara e de timbre agradabilissimo, disso já nas convencemos depois que ouvimol-a na opera *Martha*, e será para lasti-mar-se que essa distincta amadora, não continue em estudos serios, a cultivo de sua voz, pois, o que acima fica dito a guiza de propheta, haveria de realisar-se em muito breve espaço de tempo.

O professor Chiaffarelli executou a *Mazurka* em si b. de *Chopin*, um dos Romances de *Mendelssohn*, a *Fantasiie Polonaise* de *Raff*, merecendo fran-cos applausos do auditorio.

Sabemos que o violinista Herwegh e a pianista Gemma Luziani pretendem para despedir-se de S Paulo dar um ul-timo concerto conjuntamente.

O concerto realisar-se-ha, então, no theatro São José.

Desde já, recommendamos aos ama-dores, esta ultima occasião de ouvirem dois artistas de fino quilate, pois raras vezes acontece entre nos termos um con-juncto como o presente de duas notabi-lidades europeas.

Carreir. 2. 2. 2. Figarote.

CONCERTOS

Realizou-se no sabbado o annuciado concerto da colonia italiana, tendo como attractivo a apresentação ao publico paulistano do violonista Enrico La Rosa que vemha procedido de grande fama da capital federal.

O sr. Enrico La Rosa executou uma *dansa hungara* cujo autor ignoramos visto a ausencia completa de programma, umas variações sobre o *carnaval de Veneza* e o concerto em ré de Wieniawski.

Mostrou ter conhecimento do seu instrumento, tocando e obtendo applausos nas pegns retro-citadas.

Diremos porém que a impressão recebida não foi a que esperavamos. Visto terem as folhas fluminenses elevado o sr. La Rosa a uma altura mui pouco commum entre nós na imprensa, mormente quando se trata de concertistas.

Como ja dissemos, não sentimos maior commoção ao ouvirmos o violinista que se apresentou ante-hontem ao nosso publico.

Talvez por ser o velho cazarião do S. José completamente refractario a musica visto a sua nulla condição acustica, talvez por um excessivo nervo-o do concertista, ou ainda mais pelo continuo ruido que reinava na sala que achava-se completamente cheia, o sr. La Rosa, não mostrou-nos aquillo que a critica fluminense achou e que qualificou de 1º violinista que tem vindo ao Brazil.

Reservamo-nos portanto para o seu proximo concerto que deve realizar-se quinta feira, para externarmos-nos mais largamente sobre elle.

O resto do programma foi preenchido da melhor maneira possivel, pelo sr. Festa que foi o organisador da festa.

A sua *marcha* para o. banda, fanfara e orchestra, *Jez barinho*, e o publico entusiasmado com o hymno italiano intercallado no meio pediu *bis* e, emquanto de um lado ouviamos o hymno italiano pela *banda de cá*, da *bande de lá* ouviamos umas escallasinhas muito mimosas, tocadas pelas flautas e clarinetas, com acompanhamento de *canhões* e de *côro*. Um *mimo*. Executaram ainda, o Quartette do *Rigolette*, duette do *Barbeiro*, dito da *Aida* Aria da *Gioconda* para tenor e etc etc etc.

Em summa: Uma festa digna do festejado sr. Festa, foi a festa de ante-hontem no S. José.

23-9-90

Figarote.

CONCERTOS

Enrico la Rosa

Com boa concurrencia, realizou-se ante-hontem, no theatro do Congresso Gymnastico Portuguez, o annuciado concerto deste eximio violinista.

Esperavamos, com certa ansiedade, a sua segunda exhibição nesta cidade, visto a sua primeira não nos ter satisfactoriamente agradado pelas razões que já expuzemos em nosso ultimo artigo, quando dello tratamos, por occasião do concerto do dia 20 de Setembro.

O sr. La Rosa mostrou-se um artista distinctissimo, correcto e possuidor de uma technica admiravel. Os seus *staccati* são limpos e a sua afinação irreprehensivel.

Poderá ter o defeito (si defeito é de ser um pouco amareirado e de executar tudo um tanto á *l'italienne*, prejudicando mesmo, por vezes, a accentuação rythmica das peças, a ponto do auditorio não perceber a quadratura de tal ou tal trecho.

Posto este parenthesis de lado, o sr. Enrico la Rosa revelou-se um violinista distinctissimo e digno de collocar-se ao lado dos bons *virtuoses* da actualidade.

O programma soffreu pequenas alterações.

A *Rapsodie de Hauser* foi substituida pelos *Airs Hongrois de Ernst*, e a *Elegia de Bazzini* pelo *Andante* de uma das *Suites de Ries*.

A segunda parte abriu-se com o concerto de *Wieniawski*, no qual o sr. La Rosa esteve esplendido, sobretudo no *Final*, o qual executou com grande bravura e grande brilhantismo.

Outra peça que nos agradou sobremodo foi o *Andante* de Lalo, que teria produzido mais effeito si não fosse executado com surdina.

O *Moto-perpetuo* de Ries valeu-lhe grandes e estrepitosos applausos.

A instancia do publico, teve o sr. La Rosa de repetir-o, mostrando, mais uma vez, a sua prodigiosa agilidade e a sua execução nitida.

Em synthese: O sr. Enrico la Rosa é um violinista de primeira ordem. E' um dos bons violinistas que tem vindo ao Brazil.

O resto do programma foi preenchido pelo sr. Narice, pianista que acompanha o sr. La Rosa em sua *tournee* artistica.

Sobre a sua execução, nada diremos que lhe agrade, visto estarmos habituados a ouvir constantemente, entre nós, pianistas que lhe valem, e mesmo, que lhe valem mais.

O sr. Narice tem força, mecanismo e bastante agilidade, porém é desigual, duro e interpreta mal, e mecanicamente todas as peças do seu repertorio.

A *polonaise* de Chopin deu-nos provas de sobra para assim julgarmos do seu merecimento.

A parte marcial, com acompanhamento em oitavas pela mão esquerda, foi executada com bravura, porém o antecedente e o precedente foram executados como si fossem por uma manivela.

O *Andante* do concerto não é proprio para executar-se, a não ser com acompanhamento de orchestra, ao contrario este trecho ha de ser sempre mutilado como o foi ante-hontem.

A peça que mais nos agradou foi o *Scherzino* de Jadaschon, pela sua forma elegante e sua contextura a *canon*.

Em summa, um magnifico concerto assistiram aquelles que estiveram ante-hontem no theatro do Congresso Gymnastico Portuguez.

Concerto Luziani-Herwegh

E' hoje o concerto de adeus destes dois eminentes artistas.

A sra. Luziani, com a sua insuperavel delicadeza e igualdade, e o sr. Herwegh, com a sua conscienciosa interpretação artistica, chamarão ao S. José o que temos de melhor em amadores, na nossa capital.

Consta-nos que haverá enchente real, á vista da grande procura de bilhetes para esse concerto,

27-9-90, Figarote.

CONCERTOS

Marcel Herwegh—Gemma Luziani

Com o concerto realizado sabbado, despediram-se do publico paulista estas duas notabilidades europeas.

Apesar da copiosa chuva que desabára pouco antes de começar o concerto o Theatro S. José apresentou um aspecto agradabilissimo pela boa concurrencia que seria avultadissima, caso não chovesse.

Sobre o merito destes notaveis artistas ja nos externamos por varias vezes e só temos a repetir as nossas palmas pelo successo obtido n'esse ultimo concerto em que o publico entusiasmado não cansou de chamar por varias vezes os concertistas ao proscenio.

O programma foi fielmente executado sobressahindo nas peças de piano a Balada em la bemol de Chopin, o Estudo em dó menor e o esplendido Concerto de Saint-Saens no qual a sra. Luziani mostrou-se verdadeiramente uma magistral pianista pela correccão, nitidez, bravura e impetuosidade com que o tocou.

O Scherzo no qual nota-se certa predominancia do estylo de Schumann e a Tarantella final foram executados como não se póde exigir melhor.

A sra. Luziani foi calorosamente applaudida ao finalizar esta genial composição do autor da Dança Macabra.

O professor Chiaffarelli secundou-a magnificamente, fazendo a parte de Orchestra em um segundo piano, com grande bravura.

Outra peça que nos agradou sobremodo foi a Senata em ré maior de Mozart para 2 pianos e executada pela sra. Luziani e sr. Chiaffarelli, que deram boa interpretação e igualdade no conjuncto.

O sr. Marcel Herwegh esteve verdadeiramente ideal na execução da Reverie de Vieuxtemps.

Este artista possui em alto gráo o conhecimento do seu instrumento, tem um estylo como mui raras vezes temos visto em violinistas e sabe interpretar admiravelmente as composições tanto modernas como antigas, a prova, a tivemos na Sonata de Raff. A Reverie teve uma execução deliciosa, finamente executada e com penetrante expressão.

A supremacia de Marcel Herwegh sobre os violinistas que nos tem visitado é incontestavelmente pelo seus conhecimentos musicaes, pelo colorido fino pela interpretação e pelo seu esplendido dom de saber modular a sonoridade, não se tornando monotono e sempre interessando o auditorio pelo seu repertorio de musica seria e de bons autores.

A critica fluminense foi de aviso que La Rosa deveria residir no Rio para transmitir a sua execução aos discipulos do Conservatorio Nacional.

Quanto a nós, somos inteiramente do outro aviso, e não achamos actualmente no Brazil pessoa alguma mais apta que Marcel Herwegh, para exercer este cargo.

Não queremos com isto por em parallelo estes dois distinctos artistas. La Rosa é um magnifico violinista, e Marcel Herwegh é tambem um magnifico violinista tendo mais a seu favor o dom

e ser um esplendido estylista, de possuir um repertorio sério, e de estar mais nos casos de formar bons alumnos que Enrico La Rosa, que, é sómente um magnifico violinista possuidor de muita agilidade, nitidez, e de muito pouco estylo.

Esta opinião é simples e puramente nossa.

Não pensem os interessados que Marcel Herwegh queira tomar o logar a La Rosa pois hoje mesmo, elle parte para Santos de onde embarcará para a Europa, onde lá se esperam successos triumphaes.

Marcel Herwegh, vae com Guillemant, o maior organista da actualidade dar uma serie de concertos em S. Petersburgo, Moscow e Riga onde tem contracto feito para a proxima estação de inverno.

Já vae um tanto longo este artigo e por tanto, fazemos ponto final aqui reiterando as nossas palmas ao celebre violinista Marcel Herwegh e a celebre pianista Gemma Luziani pelas noitadas deliciosas que nos proporcionaram durante a sua curta estada em S. Paulo.

Fazemos votos para que não seja a ultima vez que nos visitem artistas desse quilate, pois, a população de S. Paulo só tem a ganhar ouvindo notabilidades como Gemma Luziani e Marcel Herwegh.

30-7-90 FIGAROTE.

PALCOS E SALÕES

Pode-se dizer que com chave de ouro se concluíram as festas que a Paulicida mimoseou os innumerados convidados e visitantes que, para o lançamento da primeira pedra da nossa Exposição Continental, affluíram em massa a capital deste Estado.

O aspecto que apresentamos ante-hontem o nosso velho theatro do S. José, era verdadeiramente deslumbrante, não só pelo gosto com que foi ornamentado, como tambem pela presença da elite paulistana que alli compareceu com variegadas tolletes, dando a sala um colorido e brilhante phantastico.

O espectáculo compoz-se da opera *Martha de Flotow*, representada pelo Club Coral Mendelssohn, e da comedia: *O primeiro cliente*, produção do nosso prezado companheiro de redacção, dr. Gomes Carrazz.

Fallar sobre a execução da primeira, é desnecessario e inútil, pois, todo S. Paulo já a ouviu e já applaudiu calorosamente aquelle delicioso grupo de cantadores distinctos que, sob a direcção de um talentoso dilettante como o sr. Stupakoff, tem sabido manter-se em uma posição invejavel, pelos verdadeiros triumphos que tem feito—dando-nos, de vez em quando, operas como a *Martha* e a *Stradella*.

A massa de espectadores que encheu o vasto recinto do theatro, não poupou applausos aos interpretes da partitura de Flotow, que, por vezes, vinham ao proscenio receber as orações do publico entusiasmado.

Foram offercidos varios ramalhetes de flores as exmas. dd. Leopoldina Rodder, Elisa Black e aos demais interpretes do spartito.

Da segunda fallará um nosso companheiro.

Nossos parabens ao sr. Stupakoff, que viu por mais uma vez o seu incansavel e insano trabalho de ensaiador, cabalmente recompensado com o successo obtido ante-hontem.

27-10-90 FIGAROTE.

CONCERTOS

Com bastante concurrencia realisou-se ante-hontem no theatro do Congresso Gymnastico Portuguez, o concerto do Grupo Artístico, do qual fazem parte além da prodigiosa violinista Julietta Dionesi, os guitarristas Toboso, Orozco e a pianista Maria Imbert.

Julietta Dionesi foi freneticamente applaudida todas as vezes que vinha ao proscenio, recebendo verdadeiras ovações do publico que enthusiasinou-se verdadeiramente ante tão prodigiosa e genial menina.

O *Faust* de Sarazate, o *Baite de Mascarras* de Alard, tiveram em Julietta Dionesi, uma interprete correcta e fiel.

Nessa adoravel menina não admiramos sómente a sua execução firme, affinação impecavel e colorido fino que dá ás peças de seu repertorio, como tambem a maneira porque as toca, isto é, sem affectação e com a facilidade e simplicidade só proprias de quem como ella, teve o dom de ser privilegiada pela natureza que, parece-nos escolheu-a para ser a digna representante das *Milanollas* e de outras tantas estrellas que fulguraram em outros tempos e que não deixaram mais traços de si.

A Julietta Dionesi está reservada a grande missão de fazer a renascença das artistas-ge-nios, e ella será, (não tememos em affirmal-o) em breve, o ponto mais luminoso para onde as ovações do publico artistico se convergirão como uma perigrinação em homenagem ao genio e ao prodigio da natureza.

Julietta Dionesi é muito joven, e tem portanto um futuro brilhantissimo deante de si, nos fazendo antever que não está longe o dia em que o seu nome será collocado a par das maiores notabilidades contemporaneas.

O resto do concerto foi magnificamente preenchido pelos conhecidos e sympathicos guitarristas hespanhoes, Toboso y Orozco que foram calorosamente applaudidos em todos os trechos que executaram sobresa-hindo-se nos acompanhamentos do *Mi-nuetto* de Bolzoni e *Mignonette* de Bachmann, nas quaes Julietta Dionesi foi in-excedivel pela simplicidade e fineza com que as interpretou.

A pianista Maria Imbert tambem fez-se ouvir ao piano em alguns trechos.

Foi muito applaudida.

Para amanhã, annuncia-se o ultimo concerto do grupo.

Será razoavel que o pequeno theatro da rua da Boa Vista regorgite de povo, pois, uma Dionesi, não nos apparece todos os dias, e portanto aquelle que lá não fór, perderá a occasião de ouvir, talvez por muito tempo, uma artista como Julietta Dionesi.

11-11-90 FIGAROTE.

CONCERTOS

Com grande concurrencia, realisou-se no sabbado passado o concerto de despedida da genial violinista Giulietta Dionesi.

O publico, que era numerosissimo, não poupou palmas, flôres e nem mimos á adoravel menina que continuou a assombrar o auditorio com a sua admiravel execução e acurada nitidez.

Continuaram tambem a receber applausos os guitarristas hespanhões, Toboso y Orozco, os dois *guapos muchachos*, que cahiram nas graças do nosso povo.

A sra. Imbert fez o que ponde, tocando o trromptu de Chopin, a *Valsa* em la b., o *Rondó* de Weber e o *Tremolo* de Gottschalk.

Esta ultima peça foi executada com alguma limpeza, porém lamentamos sinceramente que a sra. Imbert perca o seu precioso tempo em estudar peças de Gottschalk, um compositor hoje mui mediocre e executado por todas as nossas amadoras e amadores, mais ou menos mal.

A sra. Imbert tem cabedal para tornar-se uma boa pianista, si quizer estudar seriamente esse difficil instrumento que é o pixinho.

O que lhe falta é saber interpretar e dar mais colorido e sentimento ás composições que executa.

Si fizer isso que deixamos ahí dito, a guiza de conselho, poderá chegar a ser uma mui regular pianista.

A Giulietta Dionesi é n seus companheiros concertistas, desejamos os maiores triumphos em sua digressão artistica, e que não seja a ultima vez que nos visitem.

25-11-90 FIGAROTE.

CONCERTO

Ainda desta vez tive o desgosto de ver o theatro Gymnasio quasi em familia.

Vejo-me obrigado a registrar estas cousas tristes nestas columnas, mas que remedio senão fazel-o, pois, é de minha obrigação dar conta ao leitor do que se passa na nossa capital; bem entendido, do que se refere á musica, em uma palavra: de tudo que fica por entre os accordes!

Mas, vejo que, realm nte, o paulista não é para aturar estas *flu doudice* e *opurtis* de muitos... Enfim, *ae gustibus...*

Foi pequeno, porém, *select* o auditorio da noite de Domingo, e, por isso, devem estar contentes os distinctos artistas, que tiveram uma verdadeira chuva de applausos que rompia espontaneamente por parte dos seus apreciadores.

A joven Dionesi deu uma interpretação verdadeiramente artistica aos *Sourcenis de Faust*, de Sarasate; *Serenata* de S-hubert; *Mignonette*, de Bachmann; e sobretudo, as brilhantes variações do *Carnaval de Venezia*, de Paganini, que foi o *clou* da noite, variando-lhe quatro chamadas ao proscenio, depois de instancias do publico que a cobria de sinceras palmas entusiasticas.

A maneira pela qual Julieta Dionesi executa, a elegancia de sua arcaida, a firmeza do dedilhado e perfeita afinação das harmonicos e das oitavas, é digna da maior celebridade em seu instrumento.

A *senorita* Imbert executou no piano, com bastante correção, a *Sonata absoluta*, phantasia de Thalberg; o *Motuo Perpetuo*, de Weber; e uma das *Danças Hungaras* de Brahms, n. 6, em ré bemol.

Infelizmente o instrumento que serviu para a execução de taes peças, deixou perder em quasi sua totalidade o effeito; no entretanto o trecho de Weber foi bem dito, com bastante igualdade e limpeza.

O mesmo já não direi da *Dança* de Brahms, que lhe faltou o principal do seu caracter hungaro.

Taes composições exigem por parte dos pianistas uma interpretação segura, e verdadeiramente hungara em suas diversas phrasas, ora *valentabile* ora *crescendo* e *ritico*—cousas estas indispensaveis nas composições que levam por titulo *Danças hungaras*.

Possuidora de bom methodo, excellente mecanismo e igualdade, a sra. Imbert é uma pianista digna de ouvir-se com attenção.

Faltam-lhe, talvez, mais vivacidade e característico na interpretação dos diversos autores, cousa esta bem difficil de encontrar-se na maioria dos pianistas que têm pisado na nossa capital.

Espero ouvir-a novamente, e recomendo com especialidade melhor escolha de peças, pois que, hoje temos tantas *bellezas* modernas dignas de figurar no seu repertorio.

Chopin, Paderewski, Raff, Godard, Rubinstein etc. encontrarão certamente uma boa interprete em suas mãos.

Os srs. Toboso e Orozco, deliciaram o auditorio com as suas magicas guitarras, arrematando a bella festa com o difficil *minuetto* de Bolzoni, para violino e guitarras.

A primeira vista parece um tanto original esse conjunto, porém, realmente, produz bom effeito e, notadamente a *solistista*, com a sua graça e elegante posição, excitando a attenção do ouvinte que, entusiasmado a applaude o *phr-nesi*.

Uma agradável noite foi a de domingo passado.

Os paulistas devem dar mais uma prova de significativa estima ao grupo Dionesi, assistindo no proximo sabbado o beneficio da joven e interessante violinista que será o melhor que poderão fazer para que esse grupo leve gratas recordações do nosso publico.

FIGAROTE.

L. L. 19-1-90

Companhia Lyrica Italiana

E' definitivamente hoje que estreia a Companhia Lyrica Italiana, contractada pela Casa Apollo desta capital, para uma serie de 16 representações e para as quaes o theatro S. José acha-se já totalmente assignado.

Somos os primeiros a applaudir o arrojado passo que deram os srs. Gonçalves & Leal, proporcionando-nos uma temporada que, forçosamente, vai encontrar um bom acolhimento por parte do nosso publico, quanto mais é certo e sabido que os mesmos srs. empresarios não pouparam despezas de qualidade alguma para que os paulistas não se queixem do grandioso tentamen e da arriscada empreza a que se dedicaram com grandes riscos proprios e sem nenhuma garantia de sahirem desobrigados desse grandioso commettimento.

A companhia pos-ua uma orchestra de 40 professores, um grupo de 30 coristas, um corpo de baile, e, entre as principaes cantoras, occupa o logar salientissimo de prima donna absoluto, a sra. Banca Montesini, que, além de ser uma professora de canto bastante reputada em Milão, veio-nos muito bem recommendada pela nossa unica notabilidade na Europa, o maestro Carlos Gomes.

Tal recommendação obriga-nos a formular, *a priori*, um juizo muito favoravel á distincta artista que hoje estreiará no difficilissimo papel de *Eletra*.

Os demais papeis estão distribuidos da seguinte forma:

Ernani, Angelo Bersani, 1.º tenor.
D. Carlo, F. Caccchini, 1.º barytono.
D. Rug, L. Ferraioli, 1.º baixo.
Gioanna, Siga. Sprugnol, 2.º soprano.
Yago, L. Ve torazzo, 2.º baixo.
D. Ricardo, G. Pini, tenor comprimario.

O regente da orchestra é o sr. Edgardo Lévi.

Consta-nos que varios artistas possuem magnificas vozes, porém, como não tivemos o prazer de assistir a nenhum dos ensaios, não podemos ainda formular uma opinião definitiva a esse respeito.

Aos nossos leitores promittemos com toda a imparcialidade trazer para estas columnas a nossa impressão, que será sempre franca, sincera e despidida de todos os vinculos amistosos que possam nos prender a um ou outro artista da presente companhia.

O repertorio da companhia é regularissimo; traz-nos, além de varias operas antigas de Verdi, Bellini e Donizetti, a interessante e esplendida *Carmen*, a *Gioconda* e o *Fausto*, além de tres obras ineditas e nacionaes que são: a *Moena*, de Assis Pacheco Netto; *Carmosina*, de João Gomes de Araujo, e *Bug-Jargal*, de Gama M. Licher, sendo este ultimo o director e um dos regentes da orchestra da Companhia Lyrica.

E... por hoje basta.

2-12-90 Figarote.

Companhia Lyrica Italiana

Deu-se finalmente, ante hontem, a estreia da Companhia Lyrica Italiana, contractada especialmente pelos srs. Gonçalves e Leal para uma serie de 16 recitais nesta capital.

Podemos dizer sem rodeios, que a estreia foi auspiciosissima.

Certos receios, duvidas e desconfianças que geralmente preoccupam uma população mais ou menos educada em arte como é a da nossa capital, desapareceram quasi que por encanto depois de terminados os dois primeiros actos do *Ernani*, de Verdi.

O publico que enchia o vasto recinto do S. José reconheceu achar-se em protecção, não diremos de uma companhia de primeira ordem, porém de uma companhia muito e muito regular, capaz de nos proporcionar noites agradabilissimas, e de nos prestar o relevantissimo serviço de nos fazer ouvir musica bem regularmente executada por um espaço approximativo de dois mezes.

A companhia possui requisitos para poder sem temor algum obter grandes successos entre nós, mórmente si contar (como nos consta) com o auxilio de Eugénia Mantelli, com quem a empresa já está em negociações.

Agora passemos um olhar ao pessoal artistico que exhibio-se ante-hontem pela primeira vez em S. Paulo.

A sra. Bianca Montesini que incumbiu-se do papel de Eivira, parece-nos o personagem mais fraco do elenco. A sua voz é forte, porém um tanto cansada e de timbres desiguales. Possui notas de verdadeiro *contralto* como tivemos occasiao de ouvir em um lá bemol grave e, possui tambem o dó agudissimo de verdadeiro soprano. As suas notas medias são as mais agradaveis.

Não obstante estes senões e o do ter a voz completamente tremula recebeu applausos na cavatina: *Ernani involami* e em todo o percurso da opera.

O sr. Angelo Bersani tenor absoluto (*Ernani*) foi o que mais nos agradou. A sua voz é sympathica, de timbre agradabilissimo, e canta com facilidade podendo ter o defeito de não possuir escala muito extensa, pois, além do lá, cantaria com esforço.

O sr. Bersani foi muito applaudido desde a sua cavatina do 1º acto: *Come rugiada* na qual angariou logo as sympathias do publico.

Do papel de D. Carlo assumiu-se o sr. Fortunato Cecchini, que é possuidor de uma possante e boa voz de *baritone*, talvez um pouco sonora em demasia, devido isto talvez ao seu dono não saber poupal-a um pouco mais nos trechos a *duo* e a pequenos conjunctos, pois em muitas occasiões a sua voz eclipsava totalmente a de seus companheiros. Em synthese: uma voz magnifica, de timbre agradável e uma figura sympathica e de boa apparencia para a scena.

O sr. Luigi Ferraioli, baixo (*Don Ruy*) ainda visivelmente incomodado, não pode mostrar-nos a sua voz tal qual ella é, pois segundo nos dizem, é digna de ser ouvida, e mesmo consta-nos ser um dos principaes artistas da companhia.

Os srs. Vetteszso e Pini em seus pequenos papeis andaram muito bem.

Os côros não muito numerosos e portanto um pouco fracos, portaram-se discretamente e, qualidade essencial: não desafinavam.

Agora, um bravo entusiasta áquella brilhante phalange de rapagões que sob a intelligente batuta de um director habil como é o sr. Edgardo Levi, soube conservar-se sempre em uma altura digna de uma orchestra que se diz boa e mesmo magnifica.

O maestro Edgardo Levi nos agradou sobremodo pelo esmero e acurado cuidado com que rege, e com que procura colorir as varias mudanças, *eroscendos* e *diminuendos*, mostrando-se sempre attento e faltando o menos que pôde para

com as entradas dos côros e de um outro cantor.

Diremos-lhe tambem agora uma cousa que não nos agradou e que elle deve deixar de uma vez: é o pessimo systema de bater insistentemente com a batuta sobre a estante, tornando-se ás vezes desagradabilissimo aquelle ruido constante, tanto para as pessoas affastadas como ainda mais para aquellas que estão proximas á orchestra.

Não mais tudo muito bom e só temos louvores a lhe tecer pela maneira correcta e attenciosa por que dirige o seu batallhão musical.

A orchestra é completa. Possui seis primeiros violinos outros tantos segundos, duas violas, dois cellos, quatro contrabassos, o quartetto duplicado de instrumentos de madeira, um clarinette baixo (esperamos que tambem um *corn'ingles*), quatro trompas, dois cornetins e pistons e o grupo dos trombones.

Em summa: Uma magnifica orchestra; bem afinada, bem igual e bem disciplinada.

— Para hoje annuncia-se ee novo o *Ernani*, em recita extraordinaria, tendo os srs. assignantes o abatimento de dez por cento sobre os preços da casa.

Com certeza nova enchente.

6-12-90 Figarote.

Companhia Lyrica Italiana

Em segunda récita de assignatura, realizou-se no sabbado ultimo, a segunda exhibição do *Ernani*, com grande concorrência, cantando os artistas com mais firmeza e, continuando a merecer applausos do publico, sobretudo os srs. Barsani (tenor) e Checchini (barytono).

O sr. Ferraioli (baixo), que não podemos apreciar justamente na sua estréa, devido ao seu incommodo visível, agradou-nos bastante. Sua voz é agradável, porém de pouco volume.

Os demais artistas foram muito applaudidos, assim como o *concertante* do 3º acto que continuou a ser bisado.

No domingo repetiu-se em récita extraordinária a terceira do *Ernani*, com a casa completamente vazia, o que faz-nos crer que o publico de S. Paulo ainda pertence á cathgoria daquelles que vão ao theatro para ver uma opera e, não para ouvi-la.

Será bom e mesmo de utilidade para a empresa, que estes factos não se reproduzam a miudo, pois si assim fór, a nossa capital póde de uma vez por todas desistir do epitheto de capital artistica, e da pretensão de possuir annualmente companhias lyricas.

Ao maestro E. Lévi, pela sua excellente direcção, os nossos parabens; desta vez agradou-nos cabalmente.

Para hoje, terça-feira, annuncia-se a *Sonnambula*, para estréa da soprano-ligeiro Ada Bonner que, a julgarmos pela sua photographia deverá ser... esplendida.

9-12-90 Figarote.

Companhia Lyrica Italiana

A opera que serviu de estréa a Adelina Patti, á essa estrella irradiante do mundo civilisado; aquella que mais soube conquistar os applausos e os louros de quasi que um universo inteiro, e que hoje tomba a largos passos para a penumbra irremediavel do esquecimento, serviu tambem para a estréa da soprano ligeiro signorina Ada Bonner da companhia lyrica actualmente entre nós.

A signorina Ada Bonner não podia ter melhor acolhimento por parte do nosso publico que entusiasmou-se delirantemente achando-se em presença, não diremos de uma Adelina Patti, porém de uma deliciosa e encantadora *Amina*.

A sua graça, elegancia, a sua *coqueterie*, o seu delicioso porte; (digamos a verdade) os seus bellos olhos, e enfim a sua belleza plastica valeram-lhe grandes ovações e inumeros chamados ao proscenio pelo publico que, verdadeiramente entusiasmado, dava expansão aos seus sentimentos intimos, fazendo da gentil estreante, a *enfant gâtée* da presente temporada.

A signorina Bonner agradou, e nisto acreditamos plamente.

A sua voz é entretanto fraca e velada: vocalisa com pouca facilidade, porém pode fazer mais do que fez, se quizer preocupar-se um pouco com a responsabilidade que tem de assumir de hoje em diante a vista da accoitação espontanea que teve.

O que temos a lhe dizer é, que nem sempre a sua afinação é impecavel, porém temos certeza que esse defeito desaparecerá logo que a signorina Bonner cantar em uma opera onde a orchestra tenha parte mais preponderante do que na *Sonnambula* ou em outras operas de escola antiga, nas quaes, os interminaveis recitativos e longos intervallos orchestraes só se prestam a embarçar o cantor, e a collocar-o em posições impossiveis para serem hoje ouvidas e, ainda mais: ouvidas com irreprehensivel afinação.

Da parte de *Elvino* incumbiu-se o sr. Barsani que não esteve muito feliz nessa noite.

No duetto final do primeiro acto com a sra. Bonner, a afinação estava sempre em desequilibrio.

O sr. Ferraioli no papel de Cante Rodolpho andou discretamente.

Os comprimarios Vettorazzo e Pini andaram regularmente.

Os côres nem sempre afinados.

A orchestra portou-se magnificamente debaixo da direcção do maestro Levi.

Finalisou-se o espectáculo com a apresentação do corpo de baile que exhibiu-se na valsa *Danubio* de Strauss e no galope *Caricollo*.

Esperamos que no espectáculo de hoje os pequenos senões aqui apontados, desapareçam de uma vez, pois, ninguém mais do que nós se interessa por uma temporada lyrica.

Não somos pessimista como já nos querem inculcar por ahí; o que somos é imparcial, e si notamos estas pequenas irregularidades havidas, é mesmo para bem da empresa que só terá a ganhar esmerando-se nas exhibições de suas operas, perante o publico sensato e os frequentadores do lyrico que, hoje numerosos, deixarão de sel-o logo que as execuções deixem a desejar ou mostrem pouco cuidado por parte da empresa.

11-12-90

Figarote.

Companhia Lyrica Italiana

Com a segunda representação da opera *Somnambula*, realisou-se ante-hontem a quarta recita de assignatura da temporada lyrica.

A execução em nada se excedeu a primeira.

Os côros desafinaram da mesma maneira; o sr. Bersani com suas *notas de cabeça* continuou a destoar nos duettos com a sra. Bonner que, por sua vez recebeu do publico as mesmas provas de sympathy com que foi recebida na sua estrêa.

O *quintetto* do segundo acto primou pela sua desafinação. O sr Ferraioli, pela influencia do meio, cantou como que atacado de somnambulismo, dando sempre pouca vida, pouca vivacidade e muito sentimentalismo em tudo o que interpreta.

Este senão já lhe tinhamos notado desde a sua estrêa, porém como quizemos experimentar a abalisada opinião do *Saverny*, para o qual é *mathematicamente impossivel* sjuisar-se do merito real de um cantor ou cantora em primeira audição, esperámos ouvil-o duas ou tres vezes para nos certificarmos da veracidade das nossas desconfianças e, sómente ante-hontem é que resolvemos de uma vez dar credito ao que intimamente tinhamos receio de tornar publico.

O sr. Ferraioli, possui voz pouco volumosa, é verdade, porém, de timbre muito agradável:—o que lhe falta é saber aproveitá-la mais, não apaixonando-se tanto pelo seu systema de cantar tudo com languidez e ternura demasiasdas, tornando-se a mór parte das vezes muito monotono, pela morosidade e pelo abuso de *traincr la voix* na maior parte dos trechos que estão a seu cargo e aos quaes imprime pouco vigor e colorido.

No mais, muito bom o *baixo*, Ferraioli.

Ao *Saverny*, nossos agradecimentos pelo seu methodo, que, como vê, hoje pemos em prática.

A orchestra bem: sempre em primeira plana.

Nossos parabens ao seu director, o *maestro* Levi.

—Para hoje annuncia-se a primeira da *Favorita*. A velha opera de Donizetti já muito conhecida entre nós, servirá para a estrêa do tenor Martelli que dizem ser tão bom como o Figner e, du *mezzo soprano contralto* (!!) signora Sarmani Carmila.

Em substituição ao bailado escripto por Donizetti para essa sua opera, o *corpo de baile* dançará a mazurka do *Excelsior*.

Não vemos qual a vantagem de semelhante substituição

Enfim... 18-12-70 FIGAROTE.

36

Companhia Lyrica italiana

Com a primeira representação da *Favorita*, realizada no ultimo sabbado, a Companhia Lyrica Italiana nos proporcionou uma de suas boas noites musicas. Estreou o tenor Martelli, e a mezzo-soprano Sormani Camila.

O primeiro nos satisfiz plenamente: não possui voz portentosa, não grita, não tem *dós nem sis* de peito, porém é senhor de uma maviosissima voz de tenor. O successo obtido pelo sr. Martelli, foi sincero. Nós o applaudimos tambem bastante, e esperamos com anciedade ouvil-o no papel de *D. José* na opera *Carmen*, do qual elle poderá tirar um brilhante partido e conseguir um verdadeiro successo.

A sua voz como já dissemos não é de grande volume, porém é de um timbre agradabilissimo, muito igual em seus registros e está educada em boa escola. Poderá ter o defeito de abuzar um pouco das *quedas* (casements de voix) porém é este um defeito de somenos importancia, para quem tem como o sr. Martelli outras qualidades que supplantam as pequenas faltas.

A elle nossos parabens pelo successo obtido.

Quanto a sra. Sormani não diremos que o seu successo foi igual ao do primeiro citado:

A sua voz nem sempre é igual; os agudos, ás vezes são bons e outras vezes são estridentes.

As suas notas graves são as que mais nos agradaram. Não obstante estes senões, foi bastante applaudida e, o teria sido muito mais, si no duetto final não se houvesse perdido em alguns compassos que, por infelicidade sua, eram muito conhecidos do publico que, por seu turno esfriou, e não rompeu em tão entusiasticas palmas como era de prever-se.

Talvez este facto fosse tambem devido ao movimento um tanto apressado em que foi executado o trecho:—isto, com vistas ao regente maestro Levi.

Do papel de Affonso XI incumbiu-se o barytono Checchini, que não esteve em uma de suas melhores noites.

O baixo Ferraioli desta vez andou muito melhor e agradou bastante.

A sua voz esteve mais clara e
melhor
mais

forte. Deu-nos um bom *Baldassare*.

Os côros andaram discretamente.

A orchestra idem, apesar de faltarem a segunda flauta e o segundo oboe que, por momentos faziam sentir a sua ausencia.

Agora uma reclamação seria.

A partitura da *Favorita* contém quatro numeros de bailados que foram escriptos pelo seu autor e, que deviam ser respeitadoss, em parte ou na sua integra. Tal não se deu.

A empresa, ou quem quer que seja, teve a infeliz idéa de substituir estes bailados pela muito insignificante mazurka do *Excelsior* que, além de produzir no auditorio uma sensação pessima veio produzir um anacronismo ridiculo e inaceitavel e, ainda mais: uma falta flagrante de respeito a uma partitura conhecidissima de um compositor tambem não menos conhecido e considerado no seu tempo e ainda hoje como um dos melodistas mais estimados de sua época.

Imaginem os nossos leitores que na corte de Affonso XI de Castilha em 1340, os marinheiros, jokeys (ou cousas que o valham) eram acceitos no recinto real affirmado, com uma banal e ralé mazurka, divertirem os cortezãos, com suas mimicas sapateadas e gesticulações plebeas; cousas estas proprias sómente para os nossos dias, onde o materialismo em arte está se embaraçando com uma semserimonia atroz, e com um naturalismo só proprios dos tempos hellênicos.

Será preferivel que a empresa elimine o bailado que, em nada concorreu para o successo de sabbado passado.

Outro ponto que merece observação: O maestro Levi por occasião desse bailado, deixou a cadeira da regencia para retomar-a dois minutos depois, isto é: depois de executada a mazurka: não vemos nós qual o seu desmerecimento caso tivesse regido essa peça, pois sabemos perfeitamente que o Bailado generico pertence á categoria da musica choreographica, e, portanto nm director que se preza, não se sujeita a reger essas partituras que, quasi sempre são nullas, musicalmente fallando; porém, no caso vertente, o bailado não passa de um divertimento e ainda mais divertimento esse, que muitas vezes tem analogia com o restante da opera, e, si partirmos desse ponto de vista, o sr. Levi é tambem culpado da affronta feita a Donizetti; pois, um regente distincto (como elle é) tem o direito de exigir o respeito devido aos nossos illustres mortos e ás suas immortaes obras.

Domingo repetiu-se em segunda recita extraordinaria a 2.ª da *Favorita*, tendo a execução melhorado em muitos pontos.

O tenor Martelli, foi infeliz, achava-se seriamente incommodado; apesar disso fez o que pôde e foi applaudido; a sra. Sormani tambem continuou a merecer applausos.

Concurrencia regular.

Para quinta-feira a primeira da *Gioconda* na presente temporada.

E' tempo de munirem-se de bilhetes.

16-12-90 FIGAROTE.

Companhia Lyrica italiana

Com a opera *Gioconda* de Ponchielli, com essa obra que veio de uma vez estancar para sempre o fluxo das velhas e monotonas formulas da opera italiana antiga, tivemos ante-hontem a sexta recita de assignatura da presente estação.

Sobre o desempenho quasi nada temos a dizer;—a sra. Montersini, encarregada do papel de protagonista, achava-se bastante encommoada e portanto, em condições de não nos dar uma *Gioconda* que satisfizesse plenamente o nosso publico que ainda conserva em fresca memoria o desempenho magnifico que nos deo a tres ou quatro annos a Companhia Rossi, na qual figuravam: Figner (Enzo) Bulicciol, (*Gioconda*) Medea Mey (Laura) Mantelli (Cieca) e Lhérie (Barnaba).

Achamos portanto muito razoavel que a *Gioconda* representada ante-hontem não tivesse o exito que esperavamos.

A sra. Sprugnoli não está nos casos de substituir a sra. Mantelli, isto é: de darnos um bom desempenho do papel de ciega, que, além de requerer uma voz de contralto, é um dos personagens mais sympathicos e mais tocantes da partitura.

E' natural que um papel desses não se confia a uma simples comprimaria que em nada se sobressahiu até hoje. A sra. Sorman fez o que poude no papel de Laura. A sua *preghiera* do segundo acto poderia produzir effeito si a cantora não tivesse a desastrada idéa de entrar tarde e de fazer com que a orchestra a perseguisse insistentemente a fim de seguir-lhe as pegadas, o que felizmente aconteceu, porém concorrendo assim mesmo para o mau desempenho do trecho.

O sr. Martelli no papel de Enzo tambem fez o que poude.

As notas altas que contém a partitura, foram todas omittidas. Não obstante vamos fazer-lhe justiça: cantou bem o seu duetto do primeiro acto com o sr. Checchini, e a Romanza do segundo *Cielo e Mar* valendo-lhe essa, estrepitosos applausos: foi talvez a peça mais applaudida da noite e, com justiça.

O sr. Checchini no papel de Barnaba, foi a nosso vér o unico que salvou-se do grande cataclysmo por que passou a *Gioconda*. Artista perfeito, soube dar ao difficilissimo papel de Barnaba toda a accentuação dramatica, todo o colorido e toda a solidade que o typo do espião requer.

A canção do segundo acto: Pescator valeu-lhe innumerous applausos.

O sr. Checchini poderá tirar mais effeito desse trecho si cantal-o com mais vulgaridade e com menos emphase.

O sr. Ferraioli andou discretamente no papel de Alvise.

Será de justiça mencionar o terceiro acto, que obteve grande successo e que foi a attenuante para que a *Gioconda* não tivesse um verdadeiro cheque na noite de ante-hontem.

O bailado das horas foi applaudido e produziu bom effeito apesar do pequeno numero de bailarinas e do movimento um tanto vivo em que foi executado.

Todo o final desse acto merece menção: os côros estiveram bons, justos e afinados: a phrase: *già ti veggo*, foi bem dita pelo sr. Martelli.

Em summa: foi o trecho que maior sensação produziu no auditorio, que, entusiasmado chamou o maestro Levi ao prosenio e o cobriu de applausos.

Na peroração desse acto, Ponchielli, foi o primeiro a pôr em pratica o uso do *Tam-tam* em vibração constante. Assim sempre temos ouvido esse final: Experimente o maestro Levi fazer o que aqui deixamos dito, e verá a sonoridade magestosa que produzirá no auditorio esse effeito completamente novo e perfeitamente adequado a scena funebre com que fecha a *Gioconda* o seu terceiro acto.

No mais só temos a cumprimentar o maestro Levi pela excellencia de sua orchestra na representação da *Gioconda*, onde não notamos o menor senão a não ser um pequeno disequilibrio na Furlana do 1º acto com a Banda Marcial que appressou um tanto o movimento.

Os côros estiveram bem regulares, assim como a mise en scene, scenarios e outros requisitos scenicos que satisfizeram completamente.

Esperamos que na representação de hoje tudo corra do melhor modo possivel, e que a sra. Montesini já restabelecida de seus incommodos nos apresente uma *Gioconda* mais feliz que a de ante-hontem.

26-12-90 FIGAROTE.

Companhia Lyrica Italiana

Com a *Gioconda* em segunda audição tivemos no ultimo sabbado a setima recita do assignatura da Companhia Lyrica Italiana Malcher.

O desempenho desta vez, correu muito melhor que da primeira.

A sra. Montesini já melhor do seus incommodos, poudo cantar o primeiro acto a contento geral, porém a partir do segundo, achou-se novamente constipada e portanto, impossibilitada de nos agradar como no primeiro acto da partitura.

O sra. Sormani foi bem apesar de não ter cantado a *preghiera* do segundo acto que foi supprimida:—não sabemos porque, visto ella estar perfeitamente bôa de voz.

Ao sr. Checchini continuaram a caber-lhe as honras da noite. Realmente foi bem no *Monologo* do primeiro acto: *O monumento*, cantado com mais colorido, com mais vigor e com mais accento dramatico.

Foi bastante applaudido, assim como o sr. Martelli que andou bem no seu papel de *Enzo*.

Os côros, magnificos exceptuando-se na *Marinara*, onde desafinaram a valer.

O *Concertante* do terceiro acto continuou a ser bisado.

O *Tam-Tam* um pouco melhor, não nos agradou ainda pois, como dissemos no nosso ultimo artigo, esse instrumento deve ser fortemente oscillado com a *massetta*, e não percudido como tem sido até hoje. O maestro Levy que dê uma vista d'olhos pela partitura ou pela *parte* do instrumento, e verá que não encontrará golpes simples, mas sim, quatro o cinco compassos de *tremulo continuo*.

No mais; bem regular a segunda representação da *Gioconda*.

O espectáculo annuciado para domingo, deixou de realizar-se, a vista de terem-se agravado os incommodos da sra. Montesini.

Para hoje annuncia-se O *Ballo in Maschera* em oitava recita de assignatura.

23-12-90 FIGAROTE.

Companhia Lyrica Italiana

Em oitava recita de assignatura, tivemos ante-hontem a *primeira* do *Ballo in Maschera* de G. Verdi.

Dizemos que a execução fosse um primôr seria faltarmos com a maior das verdades, e, dizemos que estivesse abaixo da critica seria tambem um pessimismo innocitavel, e só digno daquelles que de musica nada entendem e, que por ahí andam a bñjular indecorosamente a Companhia, para torem suas entradas gratis e, para desfazerem naquelles que, como nós, só tem dito a verdade, e, ainda mais: a verdade, debaixo de toda benevolencia.

A representação correu regularmente, com um senão aqui e alli.

O Barytono Checchini no papel de *Renato* foi muito applaudido na sua *aria*: *Eri tu che m'acchiari*, a qual cantou com grande expansão e com bastante colorido, apesar do movimento um tanto apressado.

A sra. Montesini no papel de *Amelia* foi regularmente, cantando com calor e com accento dramatico os trechos que lhe eram confiados, sobreshindo no *duetto* do terceiro acto com Bersani, no qual os dois artistas foram muitissimo applaudidos.

A sra. Sormani incumbiu-se do papel de *Ulrica* e sahiu-se bem. Cantou bem a sua *Invocação* do segundo acto, e toda a scena seguinte conjuntamente com Montesini e Bersani.

A sra. Ada Bonner cantou as suas duas *arias* e foi muito apreciada pelo publico que só lhe notou um senão: o de ter vindo em scena no ultimo acto, com uma especie de *camisola* que lhe ia até os joelhos; facto este que muito concorreu para que o seu successo não fosse maior, segundo varias opiniões que ouvimos pelos corredores.

Esperamos que na segunda do *Ballo in Maschera*, a sra. Bonner, deixe de lado a *camisola* e apresente-se com o seu bello fato de *pagem* para que obtenha um successo maior.

Os côros estiveram afinados e discretos.

Os comprimarios, Vitorazzo e Pini, idem.

A orchestra, esse braço forte da companhia, não nos agradou desta vez tanto quanto esperavamos. O sympathico maestro Levy, o habil regente que tantas sympathias angariou por parte do nosso publico, poderia tirar mais partido do seu excellente conjunto de artistas, si por varias occasiões não apossasse tanto os movimentos dos trechos, fazendo com que os cantores lutassem com exforços para acompanhá-lo e, fazendo tambem com que houvesse por esse mesmo facto certos desquillibrios em uma e outra occasião onde os cantores eram obrigados a *correr*.

No mais tudo muito regular.

Para hoje a *Gioconda* em 3ª recita extraordinaria.

Será mais uma occasião para se ouvir a bella partitura de Ponchielli.

25-12-90 FIGAROTE.

Companhia Lyrica Italiana

Em nona récita de assignatura, tivemos no sabbado ultimo a segunda representação do *Ballo in Maschera*.

A exhibição geral, comquanto soffresse varios senões, obteve, apczar de tudo applausos do vasto auditorio que enchia literalmente o velho *S. José*.

Deu-se uma nota comica que aqui registramos:

No intervalo do primeiro para o segundo acto, o tenor Bersani, aproveitando a sua vestimenta de pescador com que apparece no segundo acto, sahio com ella pelos corredores a fim de passar bilhetes para a sua festa artistica que realisou-se domingo com a quarta exhibição do *Ernani*.

Si em tal notamos, foi porque achamos realmente comico e grotesco o acto do sr. Bersani, que, esquecendo-se de que occupa o lugar de artista lyrico, e portanto de *artista serio*, esqueceu-se tambem da sua posição, para occupar aquella de um acrobata de circo a quem só é dado fazer essas cousas, e ainda mais, cousas estas sómente acceditaveis em *circos de cavallinhos, barracas de feira e exposições de curiosidades*, onde por modico preço o publico se diverte e passa o seu tempo com mais ou menos prazer.....

Emfim deixemos estas cousas tristes e prosigamos na nossa tarefa de informar o publico que nos lê, do que se passa pelo lyrico.

Hoje em decima recita de assignatura, representa-se o *Bug-Yargal*, opera nacional, de um compositor tambem nacional, o maestro Gama Malcher, do Pará. E' na verdadeira accepção da palavra uma *première*.

O entrecho já publicado ha dias pelo *Mercantil*, nos poupa de estendermo-nos sobre elle.

Sobre a partitura, mui contra a nossa vontade, nada podemos dizer; a opera é inédita e portanto, ainda a ninguém foi dado o prazer de percorrer as paginas e de ajuizar do valor da obra do nosso patricio Gama Malcher.

A empresa entendeu (para seu proprio mal, cremos nós) não convidar a imprensa para assistir ao menos aos ultimos ensaios da opera; todos nós sabemos que é materialmente impossivel ajuizar-se do valor de uma obra de arte musical, (mormente de opera) em uma unica audição; quanto mais é facto notorio que a musica, sendo por excellencia o factor que exerce maior influencia sobre os nossos nervos, está tambem sujeita a ser mal recebida pelo nosso organismo desde o momento que o nosso estado psychologico se ache excitado ou em contraposição para com ella.

E é por esse facto, que muitas vezes, aquillo que nos desagradar em uma primeira audição vem a nos agradar e mesmo a nos enthusiasmar em uma segunda ou terceira; do mesmo modo que aquillo que nos agrada a primeira vista pôde nos desagradar e mesmo nos aborrecer depois de constantes audições.

E' por estas razões aqui expostas, que os compositores, nos paizes adiantados, quando levam á scena suas operas dão aos criticos musicaes, não só entrada para os ensaios, como tambem uma partitura para ser estudada e para ser julgada justa e criteriosamente; e não para que essa partitura mereça da imprensa uns banaes elogios que nada adiantam o compositor, e mesmo que muitas vezes vêm depôr contra elle pelas innumeradas faltas e pela deficiencia dos criticos, sobretudo no nosso paiz.

Será para nós um facto que muito nos regosijará, se a opera do nosso compatricio Gama Malcher obtiver do publico de São

Paulo uma accepção meritoria, pois ninguém mais do que nós, se interessa pelo nosso desenvolvimento musical, e pelo augmento do nosso diminutissimo numero de compositores nacionaes.

Não promettemos aos nossos leitores uma resenha completa da partitura visto ser isto impossivel; promettemos sómente fazer o que estiver nas nossas forças, dando um *compte rendu* do que podermos comprehender em primeira audição, e destacarmos os trechos que nos parecerem mais dignos de nota.

Esperamos portanto com auidade a representação de hoje que é uma das *great attraction* da companhia lyrica Malcher.

Companhia Lyrica italiana

-40-

Deu-se finalmente ante-hontem a exhibição da opera *Bug-Jargal*, do nosso compatriota paraense, maestro Gama Malcher.

O theatro S. José apresenta a um aspecto deslumbrante pelas variegadas *toilettes* que ornavam os camarões, e pela curiosidade que se notava em todos os semblantes daquelles que se interessavam pela *premiere* de uma opera nacional.

Como os ensaios dessa opera foram vendidos a quem quer que fosse, nós tambem linhamos curiosidade e, portanto lá estivemos no nosso posto, de libretto em punho, e com toda boa disposição para trazer para estas columnas as nossas impressões, que fomos annotando, a medida que a opera ia sendo representada.

A's 8 e tres quartos o maestro Gama Malcher sentou-se na cadeira do regente e deu começo a partitura.

Prevenimos aos nossos leitores que o que aqui vamos deixar dito é mera e puramente uma impressão que em nada pôde desabonar o autor da opera.

Todos nós sabemos que uma primeira e unica audição é a maior parte das vezes deficiente, para que por ella se possa julgar *ex-cathedra* do valor de uma obra;—seja a obra de que genero fór.

Repetimos: o que aqui deixamos dito é a impressão que tivemos depois de ouvida *uma unica vez*, uma obra que para nós era completamente desconhecida, e ainda mais: inédita, e, portanto, fóra do conhecimento publico.

Entremos em assumpto.....

A opera não tem *ouverture* nem *preludio*.

Alguns compassos em estylo campestre servem de introdução ao côro de escravos—*mentre dardeggia ital.*

Este côro em toda melancholica não nos

parece máu, apesar de ser um pouco longo e portanto um pouco monotonico.

A phrase de Irma (Sormani) que vem logo adiante: *forse al leon* em movimento de mazurca nos pareceu fraco e um pouco trivial.

Toda a scena seguinte entre Antonio (Ferraioli) Bug-Jargal (Bersani) Irma e côro passou friamente e desapercebida.

Na scena quarta notamos a phrase de Maria (Bonner): *mentre che il sole* que tambem nos pareceu monotonico.

O côro que se segue: *pallida fanciulla* é um disparate musical; está em contraposição para o texto que é o seguinte: « O côro, abençoa o nobre procelimento de Maria, que conseguiu enervar o duro coração de seu pae (Antonio) e fazer com que elle perdoasse a pena que queria infligir a Bug

Para esta situação, o maestro escreveu, um trecho, alegre, saltitante, e que mais nos lembra um côro de opereta do que, o que requeria o trecho de sua opera.

Segue-se a scena quinta: A canção de Bug nos parece longa em demasia

Pertence ao estylo italiano.

Ha no entretanto quatro ou cinco compassos, que lhe servem de introdução, e que nos agradaram sobremodo, pelo effeito grotesco de orchestração e pela originalidade das figuras ditas pelos fagótos, no registro grave.

Finalizou-se o primeiro acto com alguns applausos.

Notamos na orchestração, pouco colorido e pouca sonoridade.

O maestro abusa um tanto no emprego da harpa que, raramente deixa de tocar, vindo a tornar-se até monotonico esse instrumento que, quando é empregado com discrição, produz nos sensações agradabilissimas, e que quasi sempre serve para dar um tom celeste e um relevo aos trechos ideaes que contemham as partituras.

Com os instrumentos de madeira dá-se o mesmo facto.

O autor da opera abusa um pouco, e cremos ser por essa razão que notamos, em todo o decorrer da opera, pouco colorido, pouca variedade de timbres e muita monotonia na instrumentação, que em raros momentos satisfaz plenamente.

O segundo acto abre-se com um pequeno preludio que produziu bom effeito, já pela sua contextura, já pela sua instrumentação que nos pareceu mais variada e tratada com mais esmero.

A aria de Irma que se segue não desagradou, apesar de não ter sido, nem bem cantada, e nem bem acompanhada pela orchestra que andava titubeante a seguir a cantora que tambem nos pareceu não estar bem senhora do seu papel; entretanto a phrase: *Ma piansi un altro di*, agradou-nos, e esperamos que agradará cabalmente, logo que ella fór bem cantada e que a execução tanto por parte da orchestra como por parte da cantora nada deixe a desejar.

Passou completamente desapercebida.

A entrada de Leopoldo (Cecchini) é annunciada por uns pequenos desenhos de clarinettes que achamos dispatados, visto caracterisarem mais um personagem selvagem do que um gentilhomem nobre.

O monologo seguinte de Bug, contém além de uma extravagancia que é a de um *solo de pratos*, cousa esta que bem podia deixar de existir, uma phrase de bom effeito e de inspiração:

Cara patria: t'ho perduta.

Tambem passou despercebida.

O duetto que se segue entre Bug e Irma contém algumas phrases boas, porém ressontem-se bastante da escola velha italiana.

Quanto ao final nada pudemos notar de extraordinario.

O acto acaba friamente e com omissões que não têm razão de ser.

O quarto acto abre-se com um dialogo de Bissú (Ferraioli) no qual a orchestra entoa uma habanera em movimento lento.

Disseram-nos que essa habanera tem reminiscencias com o *Excelsior*, porém nós não somos tão escrupulosos e nem tão pessimistas; não lhe achamos reminiscencia alguma, com o bailado de Maironco.

Seguem-se uns *passos a tres*, acompanhados de Curimbó, Cirinica, Gamba e Caracachá, instrumentos selvagens.

Nada de extraordinario quanto a musica, a não ser a instrumentação caracteristica; isso mesmo só nos primeiros compassos, onde o autor conseguiu tirar bons effeitos nos instrumentos de madeira.

O segundo bailado consta de uma walsa em estylo italiano, a qual só serve para produzir um anachonismo pouco acceptavel.

O primeiro quadro deste acto termina pela desfilada dos negros e dos guerreiros dos quizes Bug-Jargal é o supremo chefe.

A marcha pela banda marcial, é banalisima e a combinação com a orchestra não é das mais felizes.

Nota-se em toda ella certa despreocupação do autor, que quer-nos parecer, procurou sómente com a *mise en scene*, um espectáculo para a vista e não para o ouvido.

No duetto entre Maria e Bog, do segundo quadro, notámos ainda uma phrase muito feliz do tenor:

Dammi o morte!

que é inmensamente dramatica e muito expressiva.

A aria de Maria:

Alle desiate ebrezze

crêmos ser uma das melhores paginas da partitura do maestro paraense.

Agradou-nos muito.

Esperamos ouvir a novamente para confirmarmos a nossa opinião.

Sobre o duetto final da opera, reservamo-nos para proxima representação, pois esta noticia prolonga-se o, dos principaes trechos já nos occupámos.

O duetto que se segue entre este e a srta. Sormani (Irma) contém trechos de valor musical que agradaram bastante, sobretudo a phrase: *Dell'ignoto cantor*, dita pela srta. Sormani.

Passou tambem despercebido e sem applausos.

Não sabemos a que attribuir semelhante frieza do nosso publico.

Segue-se o monologo de Leopoldo que foi applaudido e que o teria sido muito mais si não rompesse de varios lados *psius* prolongados que se fizeram notar em todo o decorrer da opera.

Ouve-se de novo a canção do primeiro acto: *Io so soffrir cantar*; cantada por Bug-Jargal, e, ainda ahi notámos os compassos de introdução que agradaram-nos e que desta vez mais accentuados na orchestra produziram magnifico effeito, pela instrumentação original e grotesca.

A scena que se segue entre Bug-Jargal e Leopoldo, tratada um pouco a *Vitalienne* com seus tocos de violoncellos, ditos depois pelos violinos e instrumentos de madeira produz bom effeito apesar de um pouco trivial.

Na scena seguinte, na apparição de Maria, ha um solo de violino que produz ma-

gnifico effeito assim como as phrases de Bug-Jargal e Leopoldo.

O final do acto correu regularmente desafiado, tanto por parte dos côros como dos solistas.

A instrumentação mais vigorosa, o bom conjunto de vozes, e a maneira por que é tratado todo este final, valeram ao maestro Malcher, o seu primeiro chamado ao proscenio.

Foi calorosamente applaudido e bastante festejado pelo auditorio que conseguira desintorpecer-se da apathia em que jazia desde o principio.

O terceiro acto, abre-se com um preludio que, tenta descrever os sonhos que turvam a mente de Bug-Jargal; são pensamentos, de tristeza, de alegria de dôr, de amor e de odio...

Este trecho nos pareceu ser bem tratado e produz muito bom effeito, porém nada mais podemos dizer sobre elle, visto ser em movimento lento, com phrases muito vagas e portanto na impossibilidade de ser perfeitamente comprehendido em primeira audição.

Passou tambem com frieza.

Tudo isto, crêmos, por culpa da empresa, que entendem não dever convidar ninguém para assistir os ensaios de uma opera que é totalmente desconhecida e que não está impressa.

Não podemos terminar esta sem repetirmos o que acima já dissemos: E' uma impressão de primeira audição, e portanto e natural que erremos; em todo o caso, os nossos leitores reconhecerão que fizemos toda a nossa boa vontade em ser minuciosos e sinceros; pois, esta nossa opinião é corroborada pela opinião geral daquelles que assistiram a primeira do *Bug Jargal*.

Dzermos que a opera tivesse acceptação

e mesmo successo, seria cousa difficil e por demais arriscada, á vista das opiniões contradictorias que corriam pelos corredores do velho S. José, na noite de anté-hontem.

Portanto será de justa medida esperarmos pelas representações seguintes para de uma vez certificarmos-nos daquillo que hoje nos é impossivel; a vista do pouco entusiasmo que obteve na noite de terça-feira a opera *Bug-Jargal*, do maestro paraense Sr. C. Gama Malcher que foi apenas chamado tres ou quatro vezes ao proscenio.

— 1-1-91 —



MARIA MONTEIRO

Temos sido sempre os primeiros a informar o publico dos passos que esta nossa distincta compatriota está dando nos paizes adiantados do velho mundo.

Os nossos leitores já estarão scientes dos seus ultimos successos em Peruggia (Italia), onde cantou ultimamente, com enorme acceitação e com extraordinario successo, o papel de Pantalís, na opera *Mephistofele* de Boito, e o de Matto Orsini, na *Lucrecia Borgia*, de Donizetti, cantando nessa occasião conjunctamente com tres celebridades europeas:—Masconi, Battistini e Theodorini.

Acabamos de saber que Maria Monteiro assignou contracto para a estação de opera lyrica do theatro Comunale de Trieste que, constara de quatro mezes, e com as seguintes operas: *Gultherme Tell*, *Mephistofele*, *Polinto* e *Cavalleria Rusticana*, opera de Mascagni, do novo compositor a quem a Italia, ultimamente, prophetisou um futuro brilhantissimo collocando-o no logar eminentissimo de substituto do grande Verdi, logo que este deixar de existir.

Maria Monteiro, nesta estação lyrica, terá por companheiros, nomes como os seguintes: Tamagno, Tamburlini, Pery e outros do mesmo quilate.

Os nossos leitores devem estar lembrados que os dois primeiros são notabilidades *antigas e universaes*, que a terceira, é a mesma Pery que nós aqui applaudimos muito, no papel de Clara, da opera *Borace*, de Carlos Gomes, e cujo papel fôra por ella creada e na es. a. lyrica de 1888, no Rio de Janeiro e S. Paulo.

Cumpre notar-se que, Maria Monteiro é uma estreante e, por isso mesmo, é facta para um orgulho, bem entendido, de nossa parte, accrescendo que as que lhe rodeiam não são, cantoras de somenos importancia, mas sim notabilidades universaes, e procuradas por todas as grandes capitães que dispõem de sommas tabulosas para gozarem das gargantas privilegiadas de Tamagnos, Patis e tantos outros rouxinões carissimos, e que pelas nossas pagas não os vêm mais com aquella boa facilidade com que vinham nos bons tempos que já vão.

A continuar assim estamos com receio, (e com sérios receos) de não ouvirmos a nossa compatriota nesta terra, pois, os bons cantores hoje não nos visitam mais como outrora, e será muito natural que Maria Monteiro, uma vez celebrisada, encontre contractos vantajosissimos e, portanto, estará na impossibilidade de se fazer ouvir aos seus patricios que, por seu turno, se contentarão com uma companhia lyrica pouco barata e sem notabilidades de sorte alguma.

Quasi que estavamos propondo aos paulistas a fundação de uma companhia com sede na capital do Estado, tendo por fim e *clausula unica*:

« Trazer annualmente companhias lyricas composta de bons cantores e, se possível fosse, sómente de cantores nacionaes ».

Veriam o successo!

Só por essa maneira poderíamos ouvir Maria Monteiro, e es imularíamos os nossos compatriotas a estudarem o canto e a deixarem o estulto preconceito contra os palcos.

A Maria Monteiro os nossos mais calorosos parabens e a nossa mais entusiastica saudação pelos triumphos que indubitavelmente vai colher em companhia de Tamagno, Tamburlini e Pery!!

5-1-91

FIGAROTE.

Companhia lyrica italiana

Com a 11.ª recita de assignatura, tivemos, sabbado passado, a segunda exhibição da opera *Bug-Jargal* do nosso compatriota, o maestro Gama Malcher.

A execução correu melhor e a opera indubitavelmente agradou mais do que na primeira exhibição.

Certos trechos, que não tinha o publico comprehendido, foram mais apreciados, e a opera em geral mais applaudida, e obteve, não diremos um grande successo, porém um successo que veio desfazer a má impressão produzida no auditorio da primeira representação do *Bug* que, como se sabe, era opera totalmente desconhecida do nosso publico.

Este, o mesmo que assistiu a primeira representação, applaudiu a opera na sua segunda e foi unanime em modificar o juizo feito depois de ouvida, pela primeira vez, a obra do compositor paraense.

A produção do maestro Malcher contém paginas de bastante valor; disto certificamo nos depois de ouvirmos, pela segunda vez, a opera *Bug-Jargal*. Certos trechos que nos passaram despercebidos na primeira vez, agradaram-nos bastante na segunda, e, além dos trechos que já notámos no nosso primeiro artigo e que hoje em nada discordamos da nossa opinião exarada, temos a accrescentar muitos outros que nos agradaram cabalmente e que, além de produzirem bom effeito no auditorio, foram espontaneamente applaudidos. Exemplo: O *Romance* de Leopoldo no segundo acto: *Maria, sei mia*, que é uma das bellas paginas da partitura pela simplicidade da melodia e pelo colorido e accento dramatico das phrases. O sr. Checchini cantou-o muito bem e foi bastante applaudido.

A *scena primeira* do segundo acto, é tambem uma pagina magnifica da partitura. A sra. Sormani disse-a magnificamente, sobretudo as phrases: *Ma piansi*, e *E da quel di*, que são verdadeiramente inspiradas e fóra do dominio do vulgar.

Ainda adiante nos agradou, sobremodo, a phrase de *Irma*: *hivano signore*.

Em synthese: Os dois primeiros actos nos parecem os melhores da partitura, já pela orchestração, já pelas ideias, e, ainda mais, pela unidade que nos parece desaparecer nos dois ultimos, onde já pelo defeito do libretto, as scenas precipitam-se e perdem o interesse do auditorio.

Per hoje não nos extendemos mais.

Esperamos ainda ouvir a produção do maestro brasileiro, e, estamos certos, que agrada mais, uma vez que o publico venha a conhecer de mais perto uma partitura que só ouviu duas vezes.

A representação de ante-hontem correu desastrosamente.

A sra. Bonner adoeceu depois do segundo acto, fazendo com que a empreza suspendesse o espectáculo, que terminou com os dois primeiros actos da opera do maestro nacional.

—Para amanhã o *Bug-Jargal* em beneficio do seu autor.

Será para desejar-se uma enchente real, tanto mais que o sr. Malcher é brasileiro e, portanto, merecedor do apoio e do patriotismo do nosso publico.

6-1-91

MOEMA

Ha um anno, approximativamente, reunia-se em casa de Assis Pacheco Netto, o que tihamos de melhor, de mais fino e de mais culto na nossa bohemia artistica de S. Paulo—prosaava-se, discutia-se musica, litteratura e artes em geral. Nessas reuniões intimas de rapazes, entre um gole de *Spaten* e a batorana de um *havana*, gozava-se o doce encanto de uma palestra intima, sincera, e uma cordialidade só digna de quem como naquella época interessava-se desinteressadamente pelo successo e pelas produções dos rapazes da roda...

Foi ali, foi nesse recanto da rua do Ouvidor que vimos nascer, dar os primeiros passos e crescer, no meio dos applausos sinceros, aquella que ante-hontem, domingo, se apresentou em publico, e, a qual nós sempre tomamos os primeiros a tecer os mais calorosos, mais entusiasticos, mais justos, mais francos e mais sinceros applausos.

A *Moema* era, então, a obra de estreia de um rapaz talentosissimo dotado pela natureza, e que promettia muito pela sua nenhuma cultura musical e pela sua exuberante veia creadora e intuição musical verdadeiramente espantosas.

Foi por essa época que emitimos, como muitos outros, a nossa sincera opinião pelas columnas do *Diario de Noticias* desta capital, onde além de termos em relevo o merecimento e o talento extraordinario do dr. Assis Pacheco, prophetisamos um futuro brilhante ao compositor, analysando a partitura *mignone* da *Moema*, e resaltando as belezas que ella continha—tornando sempre saliente o genio inspirador que presidia as composições do seu illustre autor.

A opera foi representada ante-hontem pela companhia lyrica Malcher, incumbindo-se do papel de *Moema* a sra. Sormani, Paulo sr. Bersani, Tappyr, Checchini e Jappyr, Vettorazzo.

A opera em nada desmereceu para nós. O seu valor é o mesmo, as suas melodias são as mesmas, o suavissimo e inspirado duetto é o mesmo, a deliciosa *Aria* de *Moema* é a mesma... mas...

Fatalidade!!
A *Moema*, que todos nós conheciamos, a elegante e mimosa partitura que nós todos adoravamos, não é a mesma *Moema* que ante-hontem ouvimos pela companhia lyrica Malcher.

Quasi nos vieram as lagrimas aos olhos quando vimos o estado a que a reduziu o seu autor.

Aquella partitura *exquise* finissima, aquella pequeno escripto de joias musicas, aquella peça qual nós depositavamos toda nossa esperança em vel-a um dia acolhida triumphalmente e acclamada por um auditorio com todo o enthusiasmo, não teve a execução que esperavamos.

O sr. Pacheco Netto, com uma facilidade e uma bondade innocente e inaccetavel, consentiu que lhe cortassem o *Preludio* que era a nosso ver um dos melhores trechos da partitura, que lhe dessem outra interpretação a certos trechos, e, ainda mais, que lhe alterassem em muitos pontos as suas melodias!!

Os *movimentos*, tambem por vezes trocados!

Ora, nós que talvez conheciamos tão bem como o autor a sua partitura, não podemos deixar de protestar contra o pouco criterio do compositor, sujeitando-se a *cortes* e a modificações que só concorreram para desmerecer o seu trabalho.

Não fallaremos dos *cortes* havidos porque realmente causa-nos pena observarmos pequenos senões em uma partitura pela qual tinhamos sómente sympathia e, portanto, natural, que quizessemos vel-a executada tal qual foi imaginada pelo seu compositor.

A orquestração da *Moema* parece-nos não ser do sr. Pacheco Netto. O sr. Pacheco Netto não tem capacidade para instrumentar.

A instrumentação não se aprende por intuição—estuda-se.

O sr. Pacheco Netto, tem muito talento, é verdade, porém não tem estudo nenhum e ainda menos as mais rudimentares noções de harmonia. (já não exigimos nem fuga nem contraponto.) Quanto ao cultivo e a leitura de partituras orchestraes, o sr. Pa-

checo nunca as leu e portanto é naturalissimo que elle racorresse a alguém para que lhe instrumentasse a sua composição.

Tudo o que aqui deixamos dito, é para bem do sr. Francisco de Assis no qual vemos, um dos nossos mais brilhantes compositores nacionaes....

Si quizer estudar.
O sr. Pacheco Netto, quando muito, poderia ter feito um ensaio de orquestração, porém, como se sahisse mal, entregou a sua obra a outrem.

E' facto provado que hoje nós não queremos sómente intuições nem vocações, cousas estas sómente dignas dos tempos que já lá vão, e nos quaes bastava-nos uma raté melodia banal para nos deleitar os ouvidos, ou um trecho de musica mais ou menos sentimental, feito por qualquer *quidam* em arte.

Hoje, nesta phase scientifica que atravessamos, a *materia-prima* (idéa musical) é cousa muito secundaria,—a mão de obra, eis a pedra de toque dos compositores modernos.

O sr. F. de Assis Pacheco não tinha o direito de mandar instrumentar essa sua partitura por outrem,—não fosse tão precipitado,—não tivesse a puerilidade de querer ver esse seu trabalho exposto á critica, sem ao menos ter estudado um pouco a ponto de poder, per si só, concluir o seu trabalho; e não sujeitar-se, como o fez agora, a ser modificado e alterado indecorosamente por qualquer outro que, certamente, não tem nem metade de seu valor artistico.

O sr. Pacheco, si quizer estudar seriamente, poderá um dia nos apresentar uma obra sua, completamente sua, sem auxilio bom ou mau de quem quer que seja, porém é necessario estudar, pois, a sua educação musical, a educação musical que o sr. Pacheco hoje possui, não é melhor nem mais profunda que a de um menino principiante de qualquer uma instituição de musica. O sr. Pacheco foi dotado pela natureza de um dom que ella não prodigalisava a todos...
...O sr. Pacheco acha que é quanto basta... não estuda... Tanto peor para si.

Quanto a execução, nada diremos, ou por outra, diremos que foi uma miseria, pois, nenhum dos interpretes sabia o seu papel, e a vacillação que reinava entre elles era bastante visivel.

Não obstante, a opera agradou e o duetto do primeiro acto *Lungi da questi Bosch* foi entusiasticamente applaudido e bisado no meio de grandes ovações feitas ao autor, que veio ao proscenio receber os applausos delirantes da platéa.

A descripção da *Noite* não produziu o menor effeito. O *Solo* de clarinete deve ser tocado com mais suavidade e com menos força. A orquestração ahí é fraca e não diz cousa nenhuma.

A *aria* final de *Moema* produziu bastante effeito, assim como todo o final de *Tappyr*, cantado, talvez, com pouca arte e com demasiada voz.

A traducção do libretto foi correcta e artisticamente feita pelo habilissimo professor Carlo Bresciani, residente entre nós, já ha alguns annos.

Em summa: a primeira da *Moema* foi um verdadeiro acontecimento musical, o sr. Pacheco deve estar satisfeitissimo do seu merecido successo, e este mesmo lhe devera servir de estimulo para que prosiga em um estudo serio e aprofundado, si quizer ser collocado, não diremos entre as notabilidades européas, mas sim no PANTHEON das nossas notabilidades brasileiras.

A elle um bravo!!
O spectaculo terminou com o primeiro e terceiro acto do *Ballo in Maschera* em substituição aos dois da *Favorita* annunciados.

Hoje dá-se o beneficio da sra. Ada Bournier com a opera *Sonnambula*.

Companhia Lyrica italiana

CARMOSINA

Inquestionavelmente o maior successo da semana (e quiçá de toda a presente temporada) foi a opera do nosso illustre conterraneo, João Gomes de Araujo.

A *Carmosina* agradou e agradou espontaneamente. Cumpre notar-se que os *soi-disant* successos que tem tido a Companhia Lyrica Italiana, que actualmente se acha quasi no fim de sua temporada, têm sido, salvo pequenos casos successos puramente de «claque», e nada mais.

As saravadas de applausos, os innumerados chamados á scena, as entusiasticas manifestações, e os ridiculos pedidos de *bis*, em concertantes de opera, têm vindo sempre (caso estranho!) lá das *torrinhas*, ou por outra, lá do *gal-linheiro*, onde por pouco dinheiro reunia-se, parece-nos, quasi que adrede, grupos e mais grupos de individuos e crianças que sempre se fizeram notar pelo «berreiro» desenfreado que se desprendia daquellas alturas, sempre que era chegado um momento mais ou menos propicio para manifestarem o seu enthusiasmo, e, ainda mais—enthusiasmo esse que raras vezes coincidia com a approvação dos auditores da platéa.

Na *Carmosina* isso não se deu—não notamos a autoridade e o imperio dos applausos das *torrinhas*.

A opera do maestro paulista agradou e foi applaudida pelo publico que enchia a platéa do S. José; por aquelle mesmo publico que nunca se encommenda com os abusos da empreza, e que rarissimas palmas gastou em toda a presente estacão.

Este facto nos prova claramente um successo verdadeiro, e a sympathia em que o publico tem o seu autor, o maestro João Gomes de Araujo, o qual deve alegrar-se ante as manifestações amistosas e sympathicas de que foi unico alvo na noite de sua festa artistica que realiscuse no sabbado ultimo, com a segunda audição do seu magnifico trabalho.

Fazer-se uma analyse completa dos trechos que encerra a partitura, será trabalho arduo e mesmo impossivel, visto a obra não estar impressa.

Citaremos tão somente os trechos que mais nos agradaram e que mais nos parecem dignos de nota.

O estylo de João Gomes de Araujo pertence mais ao italiano que a qualquer outro; porém, ao bom estylo italiano, predominando em suas inspirações e na forma que elle dá aos seus trechos, o elevado estylo de «Ponchielli», por quem parece-nos, o maestro João Gomes tem a sua predilecção. Não julgue o publico que é uma censura que lhe fazemos; muito pelo contrario: o estylo «ponchielliano» devia ser seguido por todos aqueles que quizessem fazer reviver a escola italiana que veio, para bem dizer, perder com a morte do celebre Ponchielli, o unico que a reformára completamente.

Ponchielli encontrou muitos sectarios de sua escola, e entre elles muitos musicos notaveis contemporaneos.

A partitura de João Gomes de Araujo contém trechos de valor artistico e idéas bellissimas que ressaltariam mais si o seu compositor não fosse tão sobrio na sua orquestração que é finissima, delicada, correcta, e por vezes, tão simplesmente tratada, a ponto do auditor perder metade das bellezas que ella contém.

É um dos senões que notamos na sua mimosa e elegante partitura; no mais—muito correcta, muito bem tratada, e magnificamente distribuido o «quartetto de cordas», do qual o mestre se serve constantemente e com grande habilidade.

Em synthese: fina e correctissimamente instrumentado todo esse grupo de elementos heterogeneos, que forma hoje o unico motor, e o mais poderoso elemento do «drama lyrico»: a orchestra.

O maestro intermeia entre os recitativos, pequenas phrases melodicadas, que produzem sempre muito bom effeito.

Os recitativos ás vezes nos pareceram um tanto longos, isto talvez devido a não conhecermos mais de perto a partitura.

Serve de introducção á opera um bem elaborado «Preludio» que já ouvimos por varias vezes em «concertos» entre nós, e que não foi executado na primeira apparição da *Carmosina* no «Theatro Dal Verme».

É um dos novos trechos intercalados na partitura.

No primeiro acto notaremos os primeiros compassos de abertura, que são inspirados, elegantes, e de bom effeito pelos instrumentos de arco.

Segue-se a «Ballata» de «Minuccio» (Sormani): «Muta pallida smarrita», que mereceu applausos do publico apesar de ter sido mal cantada e de ser um dos trechos mais fracos do «spartito». Ahi, a instrumentação é singela em demasia; a harpa unicamente acompanha; o maestro poderia tirar mais partido desse seu trecho melodico, si unisse aos simples harpejos da harpa, outros reforços pelos instrumentos de «corda» em «pizzicatti»: esta é a nossa opinião desprovida de qualquer sentença dogmatica.

A «Romanza de Perillo» (tenor) é um bom trecho de musica; o seu autor teve uma feliz phrase, que solta insistentemente, e por fim, por todos os instrumentos de «arco», produzindo excellent effeito pelas «quintas claras» em «movimento recto».

É um dos melhores trechos da partitura.

O duetto seguinte entre Perillo (Bermani) e Carmosina (Montesini) tambem pôde ser classificado como um dos melhores trechos.

A phrase inicial dita pelos obós e clarinetas, é de uma novidade e inspiração encantadoras; é bem desenvolvida e será sempre applaudida e ouvida com grande prazer.

Agradou-nos tambem sobremodo no mesmo duetto, a phrase de *Carmosina*: «Far-se dormir... que é bastante poetica e de bom effeito pela delicada instrumentação.

Serve de «chave» a este primeiro acto, um «concertante» de grande valor, de grande effeito, e onde nota-se pela primeira vez, uma orquestração vibrante, vigorosa e bem distribuida, tanto na parte symphonica como na parte vocal.

Foi o maior successo da noite. O publico fez justiça ao maestro, chamando-o ao proscenio e cobrindo-o de entusiasticas palmas e calorosas demonstrações de sympathia, depois de ter ouvido o magnifico final do acto, que a nosso vêr é o trecho onde o maestro poz em relevo todas as suas qualidades theatras, qualidades estas, muito escasas hoje na maioria dos compositores de opera.

O segundo acto abre com um bonito «Preludio» onde predominam umas das melodias cantadas por *Carmosina*.

No primeiro acto, e o thema do duetto, entre esta e o *Reu* (Checcini) nesse mesmo acto.

Produziu bom effeito no auditorio que o applaudio calorosamente.

Todo este segundo acto pertence mais ao genero da opera «semi-eis» italiana ou «opera comica» franceza.

A situação scenica assim o quer.

O acto abre por um côro de «cor-tezãos, pagens e Damas», formando para bem dizer, um dialogo onde as vozes alternam-se entre si e formam um conjuncto agradável, e que predispoem a attenção do espectador para as «coplas» de «Vespaziano» (Ferraioli) que se seguem; musicalmente fallando, é um dos trechos fracos do spartito, porem não desmerece a partitura visto não destoar do assumpto e caracterisar perfeitamente o typo de militar fanfarrão e conquistador ridiculo.

O Duetto seguinte, com que fechou o acto, pareceu-nos um tanto longo. E' um trecho de musica bastante dramatica, e por isso mesmo requer mais de uma audição para ser bem comprehendido. A phrase do «preludio»ahi apparece mais desevoldido e agradando portanto bastante.

O terceiro acto abre com um côro interno acompanhado de «banda marcial», em movimento de Polacca. A primeira scena é bastante movimentada; ha animação, ha theatricalidade, e os «Bailados» bonitos e originaes, onde predominaam umas phrases pelas trombetas, em terças produzem magnifico effeito e sensação agradávelissima no auditorio.

O resto desse acto é quasi que exclusivamente occupado pelo duetto final entre *Carmosina* e *Perillo*. A melodia do «preludio» da opera ahi tambem apparece produzindo, magifico effeito. E' um trecho de musica que difficilmente poderá ser comprehendido e julgado em uma unica e mesmo em duas audições visto elle conter paginas de grande accentuação dramatica, de desenhos orchestraes e de colorides que requerem não uma simples audição, mas sim uma leitura geral da partitura.

O maestro João Gomes de Araujo sahio-se galhardamente desse seu primeiro trabalho e os applausos e ovações de que elle foi alvo merecidissimo deverão lhe estimular para que prosiga, e para que não se defina no nosso acanhadoneo artistico que quasi sempre é hostil para com todos a que les que não tenham sobre si uma extraordinaria vontade de produzir e quebrar todas as barreiras trabalhando unicamente para si e para a *Arta* tão mal remunerada em nosso paiz.

Agora, algumas palavras sobre a execução que teve a positura do maestro João Gomes de Araujo.

A sra. Montesini encarregou-se do papel de protagonista. Fez o possível para agradar e para não comprometter a obra no nosso contreraneo, embora a sua voz e o seu typo não estejam nas condições de agradar cabalmente aos menos entendido da msteria.

O sr. Checchini andou discretamente no papel de *Rui*; o sr. Bersani idem. no papel de *Perillo* e o sr. Vittoraso tambem não comprometteu a sua pequena parte de *Tebaldo*.

O sr. Ferraioli no papel de *Vespasiano* causou hilaridade, não porque o seu papel assim o exigisse si fosse bem cantado e bem representado, mas sim pela sua nenhuma graça, pelo seu todo de semchabido, e pela completa ausencia de comprehensão do que fosse o mesmo papel.

Dava a todo o momento uns pulinhos muito ridiculos, e «mephistophelias», todos os seus movimentos.

A sra. Sormani, parece-nos cantou a parte do menestrel *Minuccio* com visivel má vontade e com pouco interesse.

Nos concertantes abria a bocca, é verdade, porém não ouvimos a sua voz. Torou-se notavel o modo e a feieza com que fóra sacrificada a par e de *Minuccio*; quanto mais é certo ser este um dos papéis mais sympathicos e mais attraentes da partitura.

A jovialidade, elegancia graça e vivacidade que requer o papel do irrequieto e formoso menestrel, encontravam na sra. Sormani uma interprete fria, sem vida, sem calôr e sem o interesse que ella tinha obrigação de ter pela sua parte de trovador.

A sra. Sarmani deve ter sempre em vista que o cantor, por melhor que seja, é sempre inferior ao compositor, e, sendo assim, elle não tem o direito de querer deprimil-o, e ainda meos de querer ridicularisar as suas melodias e as suas obras. Embóra a obra do maestro João Gomes fosse mediocre, mas mesmo muito mediocre, a sra. Sormani tinha toda a obrigação de esforçar se para que o seu papel tivesse um bom desempenho, concorrendo d'est'arte para o successo da obra e o devido respeito para com o publico que lhe tem sido muito benevolo, mas muito mesmo.

Outro ponto que merece menção. O *Paiz* tem publicado telegrammas sobre as novas operas representadas em S. Paulo.

Estes telegrammas não vêm senão de por contra a empreza, e ainda mais, contra os compositores das operas nacionaes que quasi sempre vem a saber do seu successo entusiastico, delirante, descolumental, monumental estapafurdiso pelas columnas do *Paiz*. Ora convenhamos que taes telegrammas não dizem a verdade; o que elles podem fazer, é concorrer iminentemente para o mau successo da Companhia Lyrica logo que ella encetar as suas representações no theatro Lyrico do Rio de Janeiro, onde o publico muito bem disposto com taes telegrammas virá a ter decepção e então... a desforra é certa.

Não seria mais aceitavel, e mesmo de mais interesse para a empreza, não illudir o povo e dizer-lhe só e unicamente a verdade?

O resultado dos taes telegrammas, é a desmoralisação da competencia musical do nosso intelligente publico, e de horrorosas picardias e chufas dolorosas atiradas á face dos a tores das obras que são innocensivos e que nada tem com os taes telegrammas.

Os nossos leitores que leiam *O Paiz* de ante-hontem (Foguetes) e se convencerão do que aqui deixamos dito.

A Empreza «Casa Appolo» prestou nos um grande serviço dando-nos tres operas ineditas de compositores nacionaes; aomos lhe gratos e nem poderiamos deixar de sel-o: é por essa razão que temos o maior interesse em que ella obtonha um successo satisfactorio na capital federal.

Para hoje a empreza annuncia em ultima recita de assignatura a *Carmen* do mallogrado compositor francez Georges Bizet.

Embóra não tenhamos convite da empreza, lá estaremos para emittir o nosso juizo, porém, não de baixo de toda a benevolencia e imparcialidade como temos feito até hoje, mais sim unicamente de baixo de toda a imparcialidade.

4-2-91

Companhia Lyrica italiana

ESTRONDOSA PATEADA

Com a 16.ª recita de assignatura, terminou ante-hontem, e tristemente a serie de espectaculos da *Companhia Lyrica Malcher e Empresa Casa Apollo*.

A opera escolhida foi a *Carmen* de Bizet. O espectaculo correu debaixo de constante assuada, assobios, protestos geraes e tremendissima pateada á empresa.

O sr. Gonçalves, Leal & Comp. e J. C. da Gama Malcher, auctor do *Bug-Jargal*, assignaram, e distribuiram profusamente pelo S. José um inecoroso e inqualificavel pamphlete em fórma de aviso, com o fim unico e exclusivo de insultar o *Correio Paulistano* que sempre primou pela sua extrema benevolencia; e ainda mais—de abuzar do intelligente publico que sempre protegeu a empresa sujeitando-se a toda a sorte de abusos, sem fazer sentir a menor queixa.

O vasto auditorio que enchia litteralmente o S. José indignou-se perante semelhante affronta feita a nós, e espontaneamente, prorompeu terrivel, numa assuada McDonha, o numa estrondosa e tempestuosa *raia* que reinou em todo o decorrer da formosa partitura que foi miseravelmente cantada.

Que a empresa *Casa Apollo* fosse a unica responsavel pelo infame papelucho nada lhe achamos de extraordinario visto estar no direito de cada um defender os seus interesses; porem, não achamos embora puzesse-mos toda a nossa boa vontade, classificacão alguma em vez o nome do compositor brasileiro Gama Malcher figurar em tão insolente manifestação a imprensa e ao povo paulista que sempre recebeu entre palmas e o festejou bastante como musico nacional.

Sobra a execucao e interpretação da obra prima de Bizet, daquelle a quem devemos grande parte da evolução musical nada diremos porque esteve realmente abaixo da critica.

6-2-11

16.12.1890

Companhia Lyrica italiana

Com a primeira representação da *Favorita*, realizada no ultimo sabbado, a Companhia Lyrica Italiana nos proporcionou uma de suas boas noitadas musicas. Estreou o tenor Martelli, e a mezzo-soprano Sormani Camila.

O primeiro nos satisfaz plenamente: não possui voz portentosa, não grita, não tem *dós* nem *sis* de peito, porém é senhor de uma maviosissima voz de tenor. O successo obtido pelo sr. Martelli, foi sincero. Nós o applaudimos tambem bastante, e esperamos com anciedade ouvil-o no papel de *D. José* na opera *Carmen*, do qual elle poderá tirar um brilhante partido e conseguir um verdadeiro successo.

A sua voz como já dissemos não é de grande volume, porém é de um timbra agradabilissimo, muito igual em seus registros e está educada em boa escola. Poderá ter o defeito de abuzar um pouco das *quedas* (*cassements de voix*) porém é este um defeito de somenos importancia, para quem tem como o sr. Martelli outras qualidades que suplantam as pequenas faltas.

A elle nossos parabens pelo successo obtido.

Quanto a sra. Sormani não diremos que o seu successo foi igual ao do primeiro citado:

A sua voz nem sempre é igual: os agudos, ás vezes são bons e outras vezes são estridentes.

As suas notas graves são as que mais nos agradaram. Não obstante estes senões, foi bastante applaudida e, o teria sido muito mais, si no duetto final não se houvesse perdido em alguns compassos que, por infelicidade sua, eram muito conhecidos do publico que, por seu turno esfriou, e não rompeu em tão entusiasticas palmas como era de prever-se.

Talvez este facto fosse tambem devido ao movimento um tanto apressado em que foi executado o trecho:—isto, com vistas ao regente maestro Levi.

Do papel de Affonso XI incumbiu-se o barytono Checchini, que não esteve em uma de suas melhores noites.

O baixo Ferraioli desta vez andou muito melhor e agradou bastante.

A sua voz esteve mais clara e mesmo mais forte. Deu-nos um bom *Baldassare*.

Os côros andaram discretamente.

A orchestra idem, apesar de faltarem a segunda flauta e o segundo oboe que, por momentos faziam sentir a sua ausencia.

Agora uma reclamação seria.

A partitura da *Favorita* contém quatro numeros de bailados que foram escriptos pelo seu autor o, que deviam ser respeitadoss, em parte ou na sua integra. Tal não se deu.

A empresa, ou quem quer que seja, teve a infeliz idéa de substituir estes bailados pela muito insignificante mazurka do *Espectador* que, sem se produzir no auditorio uma sensação pessima veio produzir um anacronismo ridiculo e inaccessavel e, ainda mais: uma falta flagrante de respeito a uma partitura conhecidissima de um compositor tambem não menos conhecido e considerado no seu tempo e ainda hoje como um dos melodistas mais estimados de sua época.

Imaginem os nossos leitores que na corte de Affonso XI de Castilha em 1340, os marinheiros, *jokeys* (ou cousas que o valham) eram accoitos no recinto real afim de, com uma banal e rale mazurka, divertir os corteços, com suas mimicas sapateadas e gesticulações plebeas; cousas estas proprias sómente para os nossos dias, onde o materialismo em arte está se embaraçando com uma semserimonia atroz, e com um naturalismo só proprios dos tempos hellenicos.

Será preferivel que a empresa elimine o bailado que, em nada concorreu para o successo de sabbado passado.

Outro ponto que merece observação: O maestro Levi por occasião desse bailado, deixou a cadeira da regencia para retomar-a dois minutos depois, isto é: depois de executada a mazurka: não vemos nós qual o seu desmerecimento caso tivesse regido essa peça, pois sabemos perfeitamente que o Bailado generico pertence á cathegoria da musica choreographica, e, portanto um director que se preza, não se sujeita a reger essas partituras que, quasi sempre são nullas, musicalmente fallando; porém, no caso vertente, o bailado não passa de um divertimento e ainda mais divertimento esse, que muitas vezes tem analogia com o restante da opera, e, si partirmos desse ponto de vista, o sr. Levi é tambem culpado da affronta feita a Donizetti; pois, um regente distincto (como elle é) tem o direito de exigir o respeito devido aos nossos illustres mortos e ás suas immortaes obras.

Domingo repetiu-se em segunda recita extraordinaria a 2ª da *Favorita*, tendo a execução melhorado em muitos pontos.

O tenor Martelli, foi infeliz, achava-se seriamente incommodado; apozar disso fez o que poude e foi applaudido; a sra. Sormani tambem continuou a merecer applausos.

Concurrencia regular.

Para quinta-feira a primeira da *Gioconda* na presente temporada.

E' tempo de munirem-se de bilhetes.

16.12.90

FIGAROTE.

Communica-se:

Hoje, á 1 hora da tarde, no largo de São Francisco, haverá reunião de estudantes de preparatorio para negocios de interesse dos mesmos.

Pede-se o comparecimento de todos.



2 de 90

Companhia Lyrica Italiana

E' definitivamente hoje que estréa a Companhia Lyrica Italiana, contractada pela Casa Apollo desta capital, para uma serie de 16 representações e para as quaes o theatro S. José acha-se já totalmente assignado.

Somos os primeiros a aollaudir o arrojado passo que deram os srs. Gonçalves & Leal, proporcionando-nos uma temporada que, torçosamente, vai encontrar um bom acolhimento. Por parte do nosso publico, quanto mais é certo e sabido que os mesmos srs. empresarios não pouparam despezas de qualidade alguma para que os paulistas não se queixem do grandioso tentamen e da arrojada empresa a que se dedicaram com grandes riscos proprios e sem nenhuma garantia de sahirem desobrigados desse grandioso commettimento.

A companhia possui uma orchestra de 40 professores, um grupo de 30 coristas, um corpo de baile, e, entre as principaes cantoras, occupa o lugar sabentissimo de primeira donna absoluto, a sra. Banca Montesini, que, além de ser uma professora de canto bastante reputada em Milão, viu-nos muito bem recommendada pela nossa unice notabilidade da Europa, o maestro Carlos Gomes.

Tal recommendação obriga-nos a formular, *a priori*, um juizo muito favoravel á distincta artista que hoje estreiará no difficilissimo papel de *Electra*.

Os demais papeis estão distribuidos da seguinte forma:

- Ernani*, Angelo Bersani, 1.º tenor.
- D. Carlo*, F. Checchini, 1.º barytono.
- D. Ruy*, L. Ferraioli, 1.º baixo.
- Giocanna*, Siga. Saragnoli, 2.º soprano.
- Yago*, L. Ve torazzo, 2.º baixo.
- D. Ricardo*, G. Pini, tenor comornario.

O regente da orchestra é o sr. Edgardo Lévi.

Consta-nos que varios artistas possuem magnificas vozes, porém, como não tivemos o prazer de assistir a nenhum dos ensaios, não podemos ainda formular uma opinião definitiva a esse respeito.

Aos nossos leitores promettemos com toda a imparcialidade trazer para estas columnas a nossa impressão, que será sempre franca, sincera e despidida de todos os vinculos amistosos que possam nos prender a um ou outro artista da presente companhia.

O repertorio da companhia é regularissimo: traz-nos, além de varias operas antigas de Verdi, Bellini e Donizetti, a interessante e esolendida *Carmen*, a *Giocanda* e o *Fausto*, além de tres obras ineditas e nacionaes que são: a *Moena*, de Assis Pacheco Netto; *Carmosina*, de João Gomes de Araujo; e *Bug-Jargal*, de Gama Mulcher, sendo este ultimo o director e um dos regentes da orchestra da Companhia Lyrica.

E... por hoje basta.

Figarote.

Companhia lyrica italiana

Com a segunda representação da opera *Somnambula*, realisou-se ante-hontem a quarta recita de assignatura da temporada lyrica.

A execução em nada se excedeu a primeira.

Os côros desafinaram da mesma maneira; o sr. Bersani com suas *notas de cabeça* continuou a destoar nos duettos com a sra. Bonner que, por sua vez recebeu do publico as mesmas provas de sympathy com que foi recebida na sua estréa.

O *quintetto* do segundo acto primou pela sua desafinação. O sr Ferraioli, pela influencia do meio, cantou como que atacado de somnambulismo, dando sempre pouca vida, pouca vivacidade e muito sentimentalismo em tudo o que interpreta.

Este senão já lhe tinhamos notado desde a sua estréa, porém como quizemos experimentar a abalitada opinião do *Saverny*, para o qual é *mathematicamente impossivel* ajuisar-se do merito real de um cantor ou cantora em primeira audição, esperámos ouvil-o duas ou tres vezes para nos certificarmos da veracidade das nossas desconfianças e, sómente ante-hontem é que resolvemos de uma vez dar credito ao que intimamente tínhamos receio de tornar publico.

O sr. Ferraioli, possui voz pouco volumosa, é verdade, porém, de timbre muito agradável:—o que lhe falta é saber aproveitá-la mais, não apaixonando-se tanto pelo seu systema de cantar tudo com languidez e ternura demasiadas, tornando-se a mór parte das vezes muito monotono, pela morosidade e pelo abuso de *trainer la voix* na maior parte dos trechos que estão a seu cargo e aos quaes imprime pouco vigor e colorido.

No mais, muito bom o *baixo*, Ferraioli.

Ao *Saverny*, nossos agradecimentos pelo seu methodo, que, como vê, hoje pomos em pratica.

A orchestra bem: sempre em primeira plana.

Nossos parabens ao seu director, o *maestro* Lévi.

—Para hoje annuncia-se a primeira da *Favorita*. A velha opera de Donizetti já muito conhecida entre nós, servirá para a estréa do tenor Martelli que dizem ser tão bom como o Figner e, du *mezzo-soprano contralto* (!) signora Sarmani Carmila.

Em substituição ao bailado escripto por Donizetti para essa sua opera, o *corpo de baile* dançará a mazurka do *Excelsior*.

Não vemos qual a vantagem de semelhante substituição

Enfim...

FIGAROTE.

Collecção Paulistana
13 de Abril 1890



mos o que acima já dissemos: E' uma impressão de primeira audição, e portanto natural que erremos;—em todo o caso, os nossos leitores reconhecerão que puzemos toda a nossa boa vontade em ser minuciosos e sinceros; pois, esta nossa opinião é corroborada pela opinião geral daquelles que assistiram a primeira do *Bug Jargal*.

Dizermos que a opera tivesse acceitação

e mesmo successo, seria cousa difficil e por demais arriscada, á vista das opiniões contradictorias que corriam pelos corredores do velho S. José, na noite de antê-hontem.

Portanto será de justa medida esperarmos pelas representações seguintes para de uma vez certificarmos-nos daquillo que hoje nos é impossivel; a vista do pouco enthusiasmo que chteve na noite de terça-feira a opera *Bug-Jargal*, do maestro paraense J. C. Gama Marcher que foi apenas chamado tres ou quatro vezes ao proscenio.

— 1 - 1 - 91 —



MARIA MONTEIRO

Temos sido sempre os primeiros a informar o publico dos passos que esta nossa distincta compatricia está dando nos paizes adiantados do velho mundo.

Os nossos leitores já estarão scientes dos seus ultimos successos em Peroggia (Italia), onde cantou ultimamente, com enorme acceitação e com extraordinario successo, o papel de Pantalís, na opera *Mephistofele* de Boito, e o de Manlio Orsini, na *Lucrecia Borgia*, de Donizetti, cantando nessa occasião conjunctamente com tres celebridades europeas:—Mascosi, Battistini e Theodotini.

Acabamos de saber que Maria Monteiro assignou contracto para a estação de opera lyrica do theatro Comunale de Trieste que conatará de quatro mezes, e com as seguintes operas: *Guilherme Tell*, *Mephistofele*, *Polinta* e *Cavalleria Rusticana*, opera de Mascagni, do novo compositor a quem a Italia, ultimamente, prophetisou um futuro brilhantissimo collocando-o no lugar eminentissimo de substituto do grande Verdi.

Maria Monteiro, nesta estação lyrica, terá por companheiros, nomes como os seguintes: Tamagno, Tamburini, Pery e outros do mesmo quilate.

Os nossos leitores devem estar lembrados que os dois primeiros são notabilidades *antigas e universaes* e, que a terceira, é a mesma Pery que nós aqui applaudimos muito, no papel de Clara, na opera *Esmeralda*, de Carlos Gomes, e cujo papel fora por ella creada na estação lyrica de 1888, no Rio de Janeiro e S. Paulo.

Cumpre notar-se que, Maria Monteiro é uma estrejante e, por isso mesmo, é facta para um orgulho, bem entendido, de nossa parte, accrescendo que os que lhe rodeiam nao são, cantores de somenos importancia, mas sim notabilidades universaes, e procuradas por todas as grandes capitães que dispõem de sommas fabulosas para gosarem das gargantas privilegiadas de Tamagnos, Pavis e tantos outros rouxinões carissimos, e que pelas nossas pagas não os vêm mais com a quella boa facilidade com que vinham nos bons tempos que lá já vão.

A continuar assim estamos com receio, (e com sérios receos) de não ouvirmos a nossa compatricia nesta terra, pois, os bons cantores hoje não nos visitam mais como outrora, e será muito natural que Maria Monteiro, uma vez celebrisada, encontre contra os vantajosissimos e, portanto, estará na impossibilidade de se fazer ouvir aos seus patrios que, por seu turno, se contentarão com uma companhia lyrica pouco barata e sem notabilidades de sorte alguma.

Quasi que estavamos propondo aos paulistas a fundação de uma companhia com sede na capital do Estado, tendo por fim e clausula unica:

• Trazer annualmente companhias lyricas composta de bons cantores e, se possivel fosse, somente de cantores nacionaes.

Veriam o successo?

Só por essa maneira poderiamos ouvir Maria Monteiro, e es imularíamos os nossos compatriotas a estudarem o canto e a deixarem o estulto preconceito contra os palcos.

A Maria Monteiro os nossos mais calorosos parabens e a nossa mais entusiastica saudação pelos triumphos que indubitavelmente vai colher em companhia de Tamagno, Tamburini e Pery!!

5-1-91

FIGAROTE.